



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ARTHUR CASSIO DE OLIVEIRA VIEIRA



**ENTRE A CRUZ E A ESPADA, A FOICE E O MARTELO:
A REPRESENTAÇÃO DO ANTICOMUNISMO NO RIO GRANDE DO NORTE**

NATAL/ RN

2015

ARTHUR CASSIO DE OLIVEIRA VIEIRA

**ENTRE A CRUZ E A ESPADA, A FOICE E O MARTELO:
A REPRESENTAÇÃO DO ANTICOMUNISMO NO RIO GRANDE DO NORTE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa Cultura, poder e representações espaciais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto.

NATAL/ RN

2015

UFRN. Biblioteca Central Zila Mamede.
Catalogação da Publicação na Fonte

Vieira, Arthur Cassio de Oliveira.

Entre a cruz e a espada, a foice e o martelo : a representação do anticomunismo no Rio Grande do Norte / Arthur Cassio de Oliveira Vieira. – Natal, RN, 2015.

173 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto.

1. Anticomunismo – Dissertação. 2. Lugares de memória – Dissertação. 3. Representação – Dissertação. I. Vargas Netto, Sebastião Leal Ferreira. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 329.15

ARTHUR CASSIO DE OLIVEIRA VIEIRA

**ENTRE A CRUZ E A ESPADA, A FOICE E O MARTELO:
A REPRESENTAÇÃO DO ANTICOMUNISMO NO RIO GRANDE DO NORTE**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto (UFRN)

Membro externo: Prof.^a Dr.^a Zilda Márcia Grícoli Iokoi (USP)

Membro interno: Prof. Dr. Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira (UFRN)

Suplente: Prof. Dr. Helder do Nascimento Viana (UFRN)

Natal, 31 de Agosto de 2015.

Aos que amo. Aos que amam a vida.

*A todos os que acreditam que, conhecendo o passado,
podemos compreender o presente e construir um futuro melhor.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo discernimento e força nos momentos de desânimo. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que em 2008 me descortinou um mundo antes inimaginável. Ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), na pessoa do coordenador, professor Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior, e toda sua equipe, sobretudo o secretário Luann Alves. A Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), pelos financiamentos recebidos e pela oportunidade de viajar a São Paulo em missão de estudos através do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), em janeiro de 2014. Durante esta experiência, cabe ressaltar a relação estabelecida com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e a Universidade de São Paulo (USP), instituições às quais também direciono meus agradecimentos.

Ao meu orientador, Professor Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto, que esteve presente na construção deste trabalho, sugerindo leituras, apontando caminhos e instigando-me a ir a campo. A todos os professores com quem mantive contato durante este período. Professora Márcia Severina Vasques, professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior e professor Raimundo Pereira Alencar Arrais, que com sua dedicação e comprometimento me deram a conhecer um universo de autores, conceitos e métodos de trabalho que me auxiliaram no encaminhar da pesquisa. Aos professores Renato Amado Peixoto e Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira, que gentilmente se disponibilizaram a participar da minha banca de qualificação, e a este último também pelas discussões acerca do trabalho com a História Oral.

Aos professores da USP Zilda Márcia Grícoli Iokoi, pela disponibilidade de ler meus textos e apontar caminhos possíveis à pesquisa e Amaury César Moraes, pelas amigáveis conversas e as indicações de livros. A todos os funcionários dos arquivos visitados durante esta pesquisa, nomeadamente Sônia, Tércio e Muzete, do Arquivo do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS-SP); Thiago, Bete, Célio, Paulo e Gabriela do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB); Diácono João Maria, do Arquivo da Arquidiocese de Natal; Paulo, Janaína, Márcio Gleibson e Ágda Priscila do Arquivo Público do Rio Grande do Norte; e Valéria Paiva do Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza (CEDOC).

A minha família, e em especial aos meus pais, por estar sempre ao meu lado, me apoiando em todos os projetos pessoais e profissionais. A todos os meus parentes, e aos amigos que durante este tempo de convivência se tornaram também membros da família. Às amigas da graduação, Ildegarde Alves, Ágda Priscila, Águida Gabriela, Maria Daiane, Elizama Sena e Mayara Fernanda. Meus sinceros agradecimentos a Débora Quézia de Brito Cunha e Camila Alves Duarte, pela agradável convivência e apoio, pelo crescimento e desenvolvimento baseado no respeito e na ajuda mútua. A colega Aldenise Regina, por me indicar documentos que vieram a compor grande parte do conjunto de fontes utilizadas nesta dissertação. Aos colegas João Gilberto Neves Saraiva e Arlan Eloi Leite, pelas diversas indicações de bibliografia e as instrutivas conversas. A Gilmar Santana, por caminhar sempre ao meu lado, me auxiliando em todos os momentos, me apresentando carinhosamente novos rumos e perspectivas.

Agradeço de maneira especial a todos aqueles que acreditaram na lisura deste trabalho, compartilhando conosco suas memórias durante as entrevistas realizadas para o terceiro capítulo. A Almira Mata, Maria Aparecida e Antônio Basílio. Ao Coronel Ângelo Dantas, da Polícia Militar do Rio Grande do Norte (PM-RN), que além de nos conceder o seu tempo, abriu-nos as portas do Arquivo da PM-RN, onde tivemos acesso a um riquíssimo acervo. Agradeço também a Serafim do Nascimento Júnior e todos os moradores da Casa do Estudante do Rio Grande do Norte (CERN), que nos receberam por diversas vezes, contando-nos sobre suas experiências e vivências. A Renato D'Lavosier, George Araújo, Francisco Anominondas Filho (*in memoriam*) e os moradores de Campo Redondo e Lajes Pintadas. Aos zeladores do Cemitério do Alecrim. Por fim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente com a construção desta pesquisa, fruto de muito trabalho e dedicação.

*“Evidentemente, a mente é como um baú,
e o homem decide o que nele guardar.
Mas a razão prevalece, impõe seus limites,
e ele se permite esquecer de lembrar”.*

Lenine

“O monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo”.

Françoise Choay

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar a propagação do anticomunismo no Rio Grande do Norte, em um processo iniciado nas primeiras décadas do século XX e que mostra seus reflexos até hoje. Em um primeiro momento, apresentamos essa operação promovida pelo jornal de orientação católica *A Ordem*. Analisamos publicações dos anos de 1935 a 1945. Nelas observamos a atuação do periódico em uma campanha de resgate dos acontecimentos referentes à chamada “Intentona Comunista”, com o intuito de legitimar o poder de grupos da direita, em especial a Igreja Católica e a Polícia Militar. Os jornais selecionados passaram pela análise do discurso, em perspectivas serial, quantitativa e qualitativa. Depois, buscamos compreender a dinâmica de espacialização deste discurso, com a criação de espaços de evocação e representação da luta contra o comunismo, transformando-se em lugares de memória. Em nossas considerações, tomamos como base o conceito de representação, de Roger Chartier, observando como o comunismo é representado pelo *A Ordem* e como a categorial espacial é utilizada para reativar a memória anticomunista e representa-la. Avaliamos os interesses atendidos com a instalação desses monumentos e por intermédio da História Oral, a relação das comunidades locais com os mesmos. Dialogamos, ainda, com diversos autores de livros e teses em uma abordagem que reúne elementos de História Cultural, Social e Política a fim de encontrar explicações para a articulação dos discursos e de seus agentes.

Palavras-chave: Anticomunismo; Lugares de memória; Representação.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to investigate the propagation of an anticommunism movement in Rio Grande do Norte Estate, Brazil, in a process that started on the first decades of the twentieth century and shows reflections until today. Firstly, we introduce the operation promoted by the catholic oriented newspaper *A Ordem*. Through the analysis of publications from 1935 to 1945, we observe its role in an image campaign of the “Communist Conspiracy” event, in an attempt to legitimate the power of Right wing groups, specially the Catholic Church and the Military Police. The newspapers discourse is analyzed in serial, quantitative and qualitative perspectives. Secondly, we search to understand the space dynamic of the anticommunism discourse thought the creation of evocation and representation spaces that ended up becoming memory places. Our considerations are based on the concept of *representation* by Roger Chartier, observing the way communism is represented by *A Ordem*, as well as the spatial category used to reactivate the anticommunist memory and represent it. We analyze the interests that are served by the construction of the monuments, the Oral History, as well as the relation between the local communities with them. Thirdly, we establish a parallel with many authors, in an approach that gathers Cultural and Social elements and Political History, in order to find explanations for the articulation of these discourses.

Keywords: Anticommunism; Memory places; Representation.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIB – Ação Integralista Brasileira

ANL – Aliança Nacional Libertadora

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

BC – Batalhão de caçadores

CBA – Cruzada Brasileira Anticomunista

CEDOC – Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza

CERN – Casa do Estudante do Rio Grande do Norte

COs – Círculos Operários

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

DEM – Democratas

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

DSI – Doutrina Social da Igreja

FGV – Fundação Getúlio Vargas

FJA – Fundação José Augusto

IC – Internacional Comunista

IFRN – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

IHGRN – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

JEC – Juventude Estudantil Católica

JOC – Juventude Operária Católica

JUC – Juventude Universitária Católica

LDN – Liga de Defesa Nacional

LEC – Liga Eleitoral Católica

LSN – Lei de Segurança Nacional

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

NEHAD – Núcleo de Estudos Históricos de Arqueologia e Documentação

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PMRN – Polícia Militar do Rio Grande do Norte

PP – Partido Progressista

PRP – Partido de Representação Popular

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSD – Partido Social-Democrático

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PSP – Partido Social Progressista

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PTN – Partido Trabalhista Nacional

TFP – Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade

UDN – União Democrática Nacional

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jackson de Figueiredo.....	48
Figura 2 – Alceu Amoroso Lima (Pseudônimo Tristão de Athayde).....	48
Figura 3 – Padre Leonel Franca.....	48
Figura 4 – Dom Sebastião Leme.....	48
Figura 5 – Jornal <i>A Ordem</i> . Capa da edição do dia 1º de Dezembro de 1935.....	73
Figura 6 – Jornal <i>A Ordem</i> . Capa da edição do dia 5 de dezembro de 1935.....	77
Figura 7 – <i>A Ordem</i> , 24/11/1937.....	85
Figura 8 – <i>A Ordem</i> , 27/11/1937.....	85
Figura 9 – Yedo Fiuza.....	92
Figura 10 – Recorte do jornal <i>A Folha da Manhã</i> , em edição de 28/11/1945.....	102
Figura 11 – Prédio do antigo quartel. Atual Casa do Estudante do RN.....	108
Figura 12 – Tenente-Coronel Manoel Lins Caldas. Galeria dos Comandantes da PM/RN....	110
Figura 13 – Matéria sobre o aniversário da Intentona Comunista publicada no jornal <i>A República</i> em 24/11/1979.....	113
Figura 14 – Detalhe da fachada do prédio após o ataque dos rebeldes. Fotografia publicada no jornal <i>A República</i> , em edição do dia 27/11/1979.....	114
Figura 15 – Fachada da Casa do Estudante do RN em 1993. Imagem anexada ao processo de tombamento realizado pela FJA.....	115
Figura 16 – Marca de tiro no portão de entrada do prédio.....	119
Figura 17 – Imagem do soldado Luiz Gonzaga, afixada no mural intitulado “Galeria dos bravos policiais”, destinado àqueles que morreram ou ficaram gravemente feridos em combate.....	121

Figura 18 – Lei que determina a construção do túmulo de Luiz Gonzaga.....	123
Figura 19 – Túmulo do soldado Luiz Gonzaga.....	124
Figura 20 – Placa da face norte do túmulo.....	124
Figura 21 – Primeira placa da face sul do túmulo.....	124
Figura 22 – Segunda placa da face sul.....	124
Figura 23 – Celebração no túmulo de Luiz Gonzaga.....	125
Figura 24 – Mãe de Luiz Gonzaga participando de celebração no túmulo.....	126
Figura 25 – Mausoléu de Luiz Gonzaga.....	127
Figura 26 – Placa afixada no mausoléu.....	127
Figura 27 – Painéis do mausoléu.....	127
Figura 28 – Coluna esculpida.....	127
Figura 29 – Celebração na frente do quartel.....	128
Figura 30 – Entrega da medalha Soldado Luiz Gonzaga.....	128
Figura 31 – Celebração realizada na frente do novo mausoléu.....	128
Figura 32 – Frente da medalha.....	129
Figura 33 – Verso da medalha.....	129
Figura 34 – O marco da Serra do Doutor.....	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	14
1. PROJETOS E PALAVRAS: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E TEÓRICAS SOBRE O ANTICOMUNISMO.....	25
1.1 Direita e Esquerda.....	27
1.2 Considerações acerca do Anticomunismo.....	37
1.3 O Anticomunismo Católico no Rio Grande do Norte.....	44
2. FABRICAÇÃO DO MEDO: A LEGITIMAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA POR MEIO DO DISCURSO ANTICOMUNISTA NO RIO GRANDE DO NORTE.....	58
2.1 O jornal <i>A Ordem</i>	60
2.2 “O fracasso do golpe comunista”: a repercussão da rebelião nas publicações de dezembro de 1935.....	66
2.3 “Recordando os tenebrosos dias da Intentona Comunista neste estado”: as séries comemorativas do jornal <i>A Ordem</i> e a disseminação do anticomunismo no Rio Grande do Norte (1936-1945).....	82
3. LUGARES DE MEMÓRIA: A PRÁTICA E A REPRESENTAÇÃO ESPACIAL DO ANTICOMUNISMO NO RIO GRANDE DO NORTE.....	103
3.1 O Quartel da Polícia Militar.....	108
3.2 O Túmulo e o mausoléu do soldado Luiz Gonzaga.....	120
3.3 O Marco da Serra do Doutor.....	131
3.4 Lugares de memória: A representação espacial do anticomunismo no RN.....	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
BIBLIOGRAFIA.....	143
ANEXOS.....	159

INTRODUÇÃO: OS CAMINHOS DA PESQUISA

Uma conversa entre tia e sobrinha. Na cozinha da casa o cheiro de café trazia à tona assuntos e lembranças. Sorrisos, emoções, memórias da infância. Retratos que não se apagaram da mente de duas mulheres que tinham em comum o saudosismo da Serra do Doutor. O diálogo continua: ilustres desconhecidos, brincadeiras de criança, espaços inesquecíveis, uma cidade, um monumento. A conversa regada a sorrisos e goles de café me chegava aos ouvidos e me enchia de indagações. Que monumento seria esse? O que estaria ele fazendo em plena Serra do Doutor? O que os comunistas têm com isso? Pergunto sobre o que falam. Algumas explicações me são dadas, poucas e insuficientes. Claro! O café estava mais interessante... Era abril de 2012. As mulheres eram minha mãe e sua tia. Foi a partir desse dia que decidi investigar mais a fundo o que seria afinal o tal marco.

Minha mãe, nascida na cidade de Currais Novos em 9 de outubro de 1960, cresceu na Serra do Doutor, pequena comunidade agrícola que se estabeleceu em cima da serra, entre os municípios de Currais Novos e Campo Redondo, ao qual pertence como Distrito. Por diversas vezes ao longo da minha infância e adolescência fomos à Serra, visitar a referida tia de minha mãe, que lá fixou moradia durante anos até mudar-se para o município de Lajes Pintadas em junho de 2012. O curioso é que por vários momentos passamos ao lado do monumento que aqui chamaremos de “marco da resistência”, situado às margens da BR 226 e não me recordo que alguma vez ele tenha me chamado atenção. Na verdade, ele não é grande e quando há muita vegetação ao seu redor, sua visualização se torna um pouco difícil. Nos períodos de seca se encontra mais evidente. De qualquer forma, nunca paramos para vê-lo de perto. Esteve lá todos esses anos, encoberto. Para mim, invisível física e culturalmente.

Propondo-me compreender a história de tal monumento, vieram as implicações do projeto de pesquisa. Inicialmente, pretendia estudar a chamada “Intentona Comunista” ocorrida no Rio Grande do Norte em 1935, analisando os acontecimentos até a chegada à Serra do Doutor, onde se construiu o marco. Ao tomar contato mais direto com a bibliografia sobre o tema, pude observar que muito já se havia produzido sobre os dias do levante. Sendo assim, resolvi modificar o enfoque do estudo. Observei o monumento como especialização de

um discurso que foi construído após o levante de 1935, tomado como base para “demonizar” o comunismo e criar uma aversão à sua ideologia.

É difícil precisar o que tanto me intriga naquela serra, ou mesmo naquele monumento especificamente. Mas percebo que, de fato, aquele é um espaço carente de explicações. As grandes dificuldades para encontrar qualquer documentação já revelam isto. Sobre sua inauguração, quem o construiu e com que intenção, menos informações ainda. Seria esta escassez uma explicação para o estado de abandono em que se encontra o marco hoje? Por que falam tanto sobre ele? Mais que responder questionamentos como estes, a nossa pesquisa busca, entre outros objetivos, situar e contextualizar o marco da resistência na dinâmica sociopolítica do Rio Grande do Norte e do Brasil, no tocante à representação do anticomunismo e da produção da memória do levante de 1935.

Ingressei na História no ano de 2008, realizando um curso de graduação que me forneceu as bases de uma formação acadêmica voltada para o conhecimento da produção historiográfica clássica. Até a formatura, no meio do ano de 2012, passei por um período de ótimas vivências, que contou com a participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID-História) e a monitoria das disciplinas de História da América I e II, por meio do projeto “História da América através de fontes primárias”, coordenado pelo professor Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto, que veio a ser meu orientador. Também merecem destaque as ótimas experiências com o ensino de História nos Estágios Supervisionados, sob a supervisão da professora Crislane Azevedo.

O caminho que tracei durante esses anos foi elementar para situar-me enquanto profissional e pesquisador. A inserção em um programa de pós-graduação proporcionou a oportunidade não apenas de realizar pesquisa sobre uma temática que me instigava a curiosidade, mas sobretudo, descortinou um mundo antes inimaginável. Pude observar claramente o meu crescimento pessoal e profissional. Isto se deve a todas as experiências durante esses dois anos e meio. Desde a pesquisa prática, o contato com os professores e o orientador, a convivência com os colegas e, principalmente, o conhecimento permitido por leituras nunca antes vistas, que em muitos sentidos vieram a suprir carências de minha própria formação de graduado.

A ampliação desses horizontes se refletiu também no amadurecimento da pesquisa e na nova conformação que o trabalho ganhou. Nosso ponto de partida foi o já citado marco da resistência, na Serra do Doutor. A partir do contato com as fontes, observamos que este processo de representar o anticomunismo como um elemento perigoso se efetivou como um projeto em âmbito nacional, expressando-se em diversas partes do país com o objetivo de legitimar grupos da direita política. No próprio estado do Rio Grande do Norte, este fenômeno apresentava-se como algo muito mais amplo, do qual o marco da resistência era apenas mais um elemento.

A narrativa constituída em torno do marco se consolidou com o passar dos anos e faz parte da tradição oral da comunidade local, que compreende a Serra do Doutor, a cidade de Campo Redondo e o povoado Malhada Vermelha. Apenas isso já é o suficiente para justificar a importância de um estudo que dê relevo a estes aspectos. Porém, a análise dos processos sociais e políticos nos apontou para a existência de outros espaços construídos para celebrar a memória anticomunista no Rio Grande do Norte, tornando ainda mais vital a existência deste trabalho. São eles: o prédio do antigo quartel da Polícia Militar, o túmulo do soldado Luiz Gonzaga, erguido no Cemitério do Alecrim, e o seu mausoléu, construído à frente do novo quartel da Polícia Militar do Rio Grande do Norte (PM/RN), na Avenida Rodrigues Alves.

Paralelamente ao trabalho com a categoria espacial, levamos em consideração também os discursos publicados em jornais. Colhemos um grande número de matérias anticomunistas impressas em jornais que circulavam no Rio Grande do Norte e até mesmo em outros estados do país. A quantidade de informações era surpreendente e inesgotável. Este instigante levantamento nos permitiu viajar por um mundo de representações de um comunismo ameaçador, expresso em diversos periódicos, até que realizássemos a opção pelo jornal *A Ordem*, da Arquidiocese de Natal, por ser ele a maior expressão do anticomunismo católico no Rio Grande do Norte.

Este periódico apresenta artigos de teor doutrinário contra o comunismo em publicações de todos os anos estudados. Foi esta enorme quantidade de informações, e a consequente observação da impossibilidade de abarcar tal vastidão, que me fez optar pelo trabalho com as séries comemorativas da “Intentona Comunista” do período compreendido

entre os anos de 1936 a 1945, além da observação de que nesses períodos, a veiculação da propaganda anticomunista era mais evidente e veemente.

A rebelião de 1935 foi um acontecimento muito marcante na História Política, Social e Cultural do Brasil no século XX. Estes momentos foram decisivos para a posterior criação de uma política de aversão e perseguição ao comunismo em sua esfera nacional, motivos pelos quais qualquer implicação desses acontecimentos merece análise e dedicado estudo, no esforço de compreender as iniciativas dos grupos a quem interessava a manipulação de determinadas memórias.

De tal modo, parti da “Intentona Comunista” e do “marco da resistência” e, ao sabor de novas leituras e investigações, vi emergir frente aos meus olhos diversos fatos, nomes, mitos, discursos e espaços que inscreveram o Rio Grande do Norte na história do anticomunismo brasileiro. É necessário também ressaltar que esta dissertação visa apenas contribuir com a discussão sobre esta temática, consciente que estou de sua infinidade e da impossibilidade de abarcar todos os aspectos em uma única pesquisa.

Neste sentido, cabe aqui também destacar a pouca expressividade de trabalhos acadêmicos sobre o anticomunismo no Rio Grande do Norte, sobretudo, no tocante à questão espacial. Muito se escreveu sobre o levante de 1935 e sobre o soldado Luiz Gonzaga, morto na investida ao quartel. Porém, ignora-se em grande parte um universo de mitos, imagens e discursos, que muito dizem a respeito da constituição histórica, política e social de nosso estado. A exceção fica a cargo das monografias de Manuel da Silva e Renato D’Lavoisier, que se ocuparam de implicações acerca da Serra do Doutor e de Edmilson Bezerra, que tratou também das representações do anticomunismo no RN.

A primeira pergunta que norteou esta pesquisa e as análises aqui tecidas girava em torno de saber como o discurso anticomunista foi construído e divulgado em solo potiguar, enfatizando neste sentido, o discurso anticomunista católico. A segunda questão era saber a quem interessava a disseminação deste discurso e, por fim, buscava também analisar a espacialização do anticomunismo, com a construção de lugares de memória, avaliando o tipo de prática realizada nesses espaços durante grande parte do século XX e nos dias de hoje.

Outro ponto que me intrigava era a presença de elementos sobre a história de 1935 na fala de algumas pessoas mais velhas e, sobretudo, a aversão que muitos possuem à política esquerdista e ao comunismo, vendo-o como perigoso e ameaçador, sem ao menos saber, por vezes, o que é (ou era?) efetivamente o comunismo. Este é um aspecto observado em nossas abordagens, já que buscamos investigar o forte caráter doutrinário do anticomunismo, numa perspectiva de aproximação com a Igreja Católica, instituição que costuma dogmatizar os seus preceitos, esvaziando as investidas críticas e questionadoras.

Ainda considerando o percurso traçado para a construção deste trabalho e em grande medida continuando os agradecimentos, é relevante citar os diversos aprendizados proporcionados pelas abordagens teóricas dos professores que ministraram as disciplinas cursadas durante o ano de 2013. O Seminário da Linha de Pesquisa com a professora Márcia Severina Vasques, promoveu uma ampla discussão sobre os projetos e foi de primeira importância com relação às mudanças que realizamos nos encaminhamentos da pesquisa.

As disciplinas de Teoria e Metodologia da História, e de Historiografia e Produção dos Espaços, ministradas respectivamente pelos professores Durval Muniz de Albuquerque Junior e Raimundo Pereira Alencar Arrais, possibilitaram o contato com diversos autores que me auxiliaram na construção das análises produzidas, assim como um amadurecimento na utilização das metodologias e no trato com as fontes. Foi na disciplina de Tópicos Avançados V: História, Poder e Espaços, ministrada pelo professor Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira, que pude identificar mais aspectos diretamente relacionados ao meu trabalho. Isto foi possível, sobretudo, pelo tom da discussão relativa à representação do poder conferida à espacialidade e pelas considerações acerca do trabalho com a História Oral.

Cabe também ressaltar a experiência com as professoras Martha Abreu e Cecília Azevedo da Universidade Federal Fluminense (UFF), que gentilmente e com ares visíveis de paixão pelo trabalho que desenvolvem, me fizeram visualizar um mundo de possibilidades de trabalho capazes de integrar História, Imagem, Memória e Oralidade. Destaco ainda as disciplinas de Tópicos Avançados IV, e Leituras Dirigidas II: História nacional, local e identidades, ambas ministradas pelo meu orientador professor Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto, por meio das quais pude manter contato direto com o mesmo. Em encontros periódicos, me instruiu sobre diversos aspectos importantes da pesquisa e me indicou uma bibliografia densa e consistente acerca do estudo em desenvolvimento.

Durante o período de construção deste trabalho, percorri diversos arquivos da cidade do Natal. Coletei considerável gama de informações e documentos no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), no Arquivo Público do Estado, no Departamento Estadual de Imprensa (DEI), no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/RN), no arquivo da PM/RN, no Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza (CEDOC) e por fim no arquivo do jornal *A Ordem*, organizado pela Arquidiocese de Natal. Cabe ainda ressaltar que as publicações do *A Ordem* datados do ano de 1945 utilizados nesta pesquisa se encontram digitalizados pelo Núcleo de Estudos Históricos de Arqueologia e Documentação (NEHAD/UFRN), disponíveis para acesso gratuito no sítio eletrônico do grupo.

Outra experiência muito importante para a construção desta pesquisa foi a missão de estudos financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através do Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD), em viagem a São Paulo. Lá, pude estabelecer contato com professores da Universidade de São Paulo (USP) e realizar pesquisas no IEB, onde pude enriquecer minhas análises com o acervo “Cadernos Políticos de Caio Prado Júnior”, composto de diversas anotações, cartas pessoais e recortes de jornais sobre o comunismo, o anticomunismo e a situação política do país. Já no Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, mais especificamente no acervo do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS/SP), tive contato com fichas policiais de comunistas denunciados, diversas publicações de teor anticomunista e matérias sobre a “Intentona de 1935”, bem como as sucessivas comemorações de seu aniversário pelo país. Apesar de tais documentos não constarem como fontes primárias em nossas análises, o contato com elas foi de fundamental importância, para que pudesse compreender o fenômeno anticomunista em sua escala nacional.

Destaco também o contato com o professor Cândido Moreira Rodrigues, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), através das suas obras e da palestra/workshop ministrada por ele na UFRN. As discussões promovidas por ele e pelos trabalhos frutos do grupo de pesquisa sobre História, Política e Catolicismo, auxiliaram bastante a iluminar questões conceituais e teóricas de nossa dissertação.

Esta dissertação se insere numa zona fronteira entre os campos da História Política, Social e Cultural, observando-se a diversidade de fontes, sejam elas escritas, orais ou

espaciais. Temos em vista que nossa compreensão gira em torno, principalmente, de entender os processos de construção da realidade, apoiada no discurso, nas representações, na produção e na disseminação de uma determinada memória. Nela estabelece-se o papel dos atores sociais não apenas como receptores, mas como produtores da sociedade em que vivem.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa reside de um lado em desenvolver uma análise acerca da construção do discurso anticomunista ao longo dos anos, com base nos acontecimentos de 1935. De outro, investigar como este discurso foi materializado nos espaços de memória. Para tanto, buscamos ao longo dos capítulos alcançar objetivos específicos capazes de nos guiar na compreensão deste processo.

Nosso primeiro objetivo específico é sistematizar as principais correntes políticas que se relacionam com a temática de nossos estudos. Buscamos mapear as matrizes que alimentam a ideologia anticomunista, conferindo destaque às discussões que tangenciam o discurso católico.

De tal modo, o primeiro capítulo trata do anticomunismo, da atuação católica no fornecimento de bases ideológicas para a condenação as “ideologias vermelhas”, do direitismo e do esquerdismo político. Entendemos que estes são conceitos vastíssimos e que dentro de tais categorias há um sem número de nuances, grupos e pensamentos. Era necessário, portanto, delimitar de que tipo de discurso anticomunista e de que “direita” estávamos tratando. Por maior e mais profundo que fosse nosso levantamento, jamais conseguiríamos dar conta de tantas discussões. Optamos assim, por realizar um breve apanhado dessas temáticas, apresentando as principais elaborações teóricas desses pressupostos, a fim de situar nosso leitor e oferecer a ele os instrumentos básicos para a compreensão das questões posteriormente apresentadas.

Cabe ressaltar que quando tratamos aqui da atuação da Igreja Católica como uma instituição aproximada aos ideais anticomunistas, estamos nos referindo a um período específico do século XX, em seus anos iniciais, desde a década de 1920 até os anos de 1940 e 1950. A partir da década de 1960, percebe-se uma mudança na postura religiosa no tocante às questões sociais e políticas, o que já não cabe em nossas considerações.

O segundo objetivo de nossa dissertação é analisar a criação e a disseminação do discurso anticomunista no Rio Grande do Norte através do jornal *A Ordem*. Paralelamente,

buscamos também observar a quem interessava criar e difundir essa memória de 1935 e do comunismo como perigoso e ameaçador, vislumbrando as instituições legitimadas e legitimadoras deste discurso.

Visando responder a estes questionamentos, concebemos nosso segundo capítulo. Em um primeiro momento, traçamos um breve perfil de nossa fonte, o jornal *A Ordem*, explicitando sua história, as principais correntes ideológicas que orientam suas publicações, sua relação com o Centro Dom Vital e os principais intelectuais que escrevem em suas páginas. Depois, passamos a tratar especificamente das análises dos discursos, com as reportagens sobre a “Intentona Comunista” de 1935, que circularam no mês de dezembro deste mesmo ano. Por fim, apresentamos os artigos publicados nos anos posteriores, no período de 1936 a 1945, sempre no mês de novembro, por ocasião do aniversário do levante. Neles, nota-se claramente a representação do comunismo como uma mazela empreendida por uma política de grupos rebeldes e violentos, legitimando as instituições que se identificavam com ideias posicionadas mais a direita do espectro político, sobretudo, a Igreja Católica e a Polícia Militar.

A aproximação entre essas duas instituições, coordenada pelo alinhamento de interesses se expressa na própria imagem impressa na capa desta dissertação. Nela, vemos Dom Eugênio Sales e o ex-governador Dinarte Mariz na inauguração do rancho do Quartel do Comando Geral da PM/RN, juntamente com membros da força policial¹.

Nosso último objetivo específico está diretamente relacionado à questão espacial. Buscamos compreender como ocorreu o processo de materialização e monumentalização do anticomunismo, no qual espaços foram erguidos para representar os valores da direita. Interessa-nos também investigar o tipo de prática que era realizada nesses lugares durante o século XX e o estado em que se encontram nos dias atuais.

Assim, concebemos o terceiro capítulo no sentido de conferir destaque aos monumentos construídos para representação do anticomunismo. Apresentamos brevemente a história de tais espaços, explicitamos o tipo de prática que era realizada nos mesmos e que

¹ Reproduzimos em anexo a foto sem efeitos de imagem, e juntamente com ela, uma foto da inauguração do novo quartel, em 30 de maio de 1953. Nela, uma celebração realizada por Dom Marcolino Dantas, então Bispo de Natal, ao lado do padre Eimar, capelão do exército, Oliveira Costa, secretário de segurança e Luciano Veras Saldanha, comandante geral.

conferiram a eles o status de lugares de memória, onde o direitismo político era representado. Buscamos também realizar entrevistas com os moradores das localidades próximas a estes, com a finalidade de compreender as suas dinâmicas atuais. Por fim, tecemos uma relação dessas questões com a produção de um discurso que intencionava a criação de uma memória, permeando tanto a ordem dos escritos, como o aporte material, tendo em vista a emergência e a evocação de diversos lugares que passaram a funcionar como “guardiões da memória anticomunista”.

Diferentemente dos dois primeiros capítulos, em que temos temporalidades bem definidas, neste último, não possuímos uma delimitação cronológica tão evidente. Isto se deve, sobretudo, à relação passado-presente tecida por meio da comparação entre o tipo de celebração que os monumentos estudados abrigavam e a sua atual situação.

A discussão que permeia todo este trabalho está relacionada à ideia de representação explicitada por Roger Chartier. Podemos observar que em todos os momentos de nossa pesquisa este debate se faz presente, criando e recriando através do discurso, a imagem de um comunismo perigoso e ameaçador. Emerge também no concernente aos espaços que servem como evocadores dessa memória e do anticomunismo. Espaços que foram concebidos para representar a aversão à política esquerdista, a valentia e a bravura daqueles que os derrotaram, e a superioridade dos valores defendidos pela direita política.

Estes aspectos são observáveis em todos os capítulos. Seja nos discursos inflamados publicados nas páginas dos jornais, seja nos monumentos construídos como espaços de memória, ou mesmo na relação das pessoas das comunidades locais com os mesmos. As estratégias de representação estão sempre presentes e apontando para a legitimação do poder. De tal modo, o diálogo com obras de Roger Chartier foi essencial. Este auxiliou-nos no aprimoramento das análises e discussões ao longo dos três capítulos que compõem esta dissertação.

Em nosso trabalho, podemos observar que os aspectos trazidos à luz estiveram, desde a sua gênese até a sua propagação, relacionados aos anseios de grupos sociais e políticos, apontando-nos para uma discussão historiográfica do processo, da construção, e não do previamente estabelecido. A própria ideia de representação do anticomunismo nos desvela esta compreensão. Atente-se também a utilização de fontes que passaram a ser consideradas

importantes e observáveis no trabalho do historiador por meio das discussões promovidas pela abordagem cultural da História, como é o caso da oralidade e da imprensa. Se antes eram simplesmente descartadas por ser tendenciosas e interessadas, esses elementos passam, agora, a revelar os aspectos intrínsecos à produção dos discursos e às tensões de grupos implicados nesta dinâmica.

Em termos metodológicos, trabalhamos com a análise do discurso. Partindo de uma compreensão foucaultiana, lemos as construções imagéticas, discursivas e espaciais do anticomunismo como elementos implicados no processo de legitimação do poder, onde também se inscrevem as disputas de representação. Assim, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta. O poder do qual nos queremos apoderar”.²

Por meio de uma abordagem qualitativa, quantitativa e serial, observamos a produção do discurso anticomunista nos jornais, comparando-os entre si e historicizando-os em suas relações sociais e políticas. Trabalhamos também com a história oral temática. Neste sentido, nossos entrevistados foram previamente selecionados e contatados. Durante a realização das entrevistas buscamos direcionar alguns questionamentos, a fim de alcançar os objetivos propostos. Tentamos, porém, interferir o mínimo possível em suas falas e respeitar a subjetividade de cada um, atentando para questões trabalhadas por Alessandro Portelli e José Carlos Sebe B. Meihy, que nos auxiliaram na realização e reflexão deste trabalho.

Além do conceito de representação, operamos também o conceito de “lugares de memória”. Sobre este aspecto, nos guiamos pelo trabalho de Yi-Fu Tuan, em suas discussões acerca da diferenciação entre espaço e lugar. Sendo assim, temos que o espaço ao ser praticado, ganha sentido e significado social, tornando-se lugar antropológico, sob a perspectiva da experiência, apontando para o surgimento de lugares de memória para celebrar o anticomunismo.

Buscando clarificar outras questões pertinentes à nossa pesquisa, destacamos aqui o diálogo com diversos autores de livros, teses e dissertações, já que este é um campo de debate aberto e constante. Um pressuposto que podemos citar é a relação entre história, memória, poder e imprensa, atrelados à produção do discurso anticomunista. Podemos aqui citar as

² FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 23ª Ed. São Paulo: Loyola, 2013, p. 10.

relações entre catolicismo, imprensa e anticomunismo expressas nos trabalhos de Carla Simone Rodeghero, IankoBett e Sílvia Pereira.

Com relação à discussão política e ao anticomunismo especificamente, dialogamos com os escritos de Norberto Bobbio, Rodrigo Patto Sá Motta, François Furet e Olavo de Carvalho, a fim de compreender os fundamentos ideológicos de tal corrente e suas principais matrizes. No tocante à presença da Igreja Católica neste debate, explicitamos o contato com as obras de Cândido Rodrigues, Renato Amado Peixoto e as encíclicas papais *Rerum Novarum* e *Divinis Redemptoris*, que nos auxiliaram a compreender as motivações religiosas no campo da ação sociopolítica.

Tendo em vista que o resgate e a reelaboração memorial da intencionalidade comunista de 1935 é evidente em toda constituição do nosso trabalho, tornou-se interessante o contato com obras que nos permitiram maior clareza quanto ao momento histórico de tal investida. Neste sentido, podemos citar a obra da historiadora Marly de Almeida Gomes Vianna, o trabalho do professor Homero de Oliveira Costa, do Departamento de Ciências Sociais da UFRN, a Tese de Livre Docência da historiadora Zilda Márcia Gricoli Iokoi, e por fim, o trabalho do também professor da UFRN, Renato Amado Peixoto, este ligado ao PPGH.

Evidenciamos o debate com autores que conferem importância à categoria espacial e ao processo de monumentalização, com destaque para a historiadora Françoise Choay e Jeanne Nesi. Cabe também destacar que a discussão sobre as implicações da memória é primordial para o entendimento da materialidade expressa pelos lugares de memória, como elemento essencial de transmissão da narrativa anticomunista. Neste sentido, dialogamos com os trabalhos de Maurice Halbwachs e Peter Burke.

Mais que o estudo de monumentos específicos, buscamos nesta dissertação realizar uma discussão abrangente que desvelasse questões ligadas à memória, ao patrimônio e à oralidade, em diálogo com diversos autores. Perpassando por jornais, espaços de memória e falas de nossos entrevistados, buscamos guiar nossos leitores em um passeio historiográfico. Uma viagem por entre mitos e discursos. Elementos de uma história viva, construída e reconstruída dia-a-dia, diante de um discurso anticomunista criado e recriado para legitimar grupos políticos e ordens sociais específicas.

1. PROJETOS E PALAVRAS: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS E TEÓRICAS SOBRE O ANTICOMUNISMO

“Ser reacionário é reagir da maneira mais intransigente e hostil à ambição diabólica de mandar no mundo”.

Olavo de Carvalho

Atualmente, podemos observar que o Brasil tem passado por uma onda de discussões e protestos que muito se relacionam com um pressuposto bastante antigo e conhecido da nossa realidade política: o anticomunismo. Em tempos de crise econômica, os programas incentivados pelo governo petista têm incomodado grande parcela da população nacional, fazendo emergir diversas acusações contra a presidenta Dilma Rousseff, sendo o epíteto “comunista”, o menos profundo e crítico deles. Isto nos revela, ainda, um grande paradoxo, pois a maior parte das atitudes tomadas pela presidência já citada são o exato oposto do que seria uma política comunista.

Não é nossa intenção adentrar os meandros da atual discussão entre os defensores da presidenta reeleita e os grupos insatisfeitos com seu *modus operandi*. Porém, é impossível falar de anticomunismo no contexto atual, sem levar em consideração os últimos acontecimentos que trouxeram à tona todo o arsenal de discursos, imagens, preconceitos, clichês e até mesmo distorções acerca do comunismo. Destacando-se ainda, que tal rivalidade é fruto de uma organização bipolar entre grupos com ideias e princípios diferentes, sobretudo, no tocante às questões econômicas e sociais, que remonta a um longo processo histórico e político.

Essa ampla divulgação de ideais anticomunistas desvendou não apenas a capacidade de mobilização das pessoas em torno dos discursos que atendem ao seu interesse, mas também que o anticomunismo, aparentemente adormecido durante tantos anos, continua vivo tal como pequenas brasas de uma fogueira outrora flamejante, capaz de reavivar-se em chamas ao primeiro soprar de novos ventos. Assim, observamos que, de fato, o empreendimento anticomunista se fortaleceu ao longo dos anos, ocupando a mentalidade e o

imaginário coletivos, tendo em vista que a cada nova crise política essa categoria renasce com toda força.

Sabemos que realizar um levantamento completo das ideologias dos diversos grupos políticos envolvidos nestas querelas se apresentaria como um trabalho estimulante, porém, infundável. Sendo assim, mesmo não empreendendo tal ousada investida, é necessário que façamos um apanhado inicial acerca das correntes políticas e ideológicas implicadas na dualidade comunismo x anticomunismo, a fim de que possamos ter uma compreensão mais clara do que estudaremos adiante.

De tal modo, o primeiro capítulo de nossa dissertação versa sobre o anticomunismo, buscando suprir esta necessidade inicial de trabalharmos o aporte conceitual do que vem a ser a ideologia anticomunista, suas matrizes e as doutrinações que orientam a sua atuação no campo político. Esta discussão, além de nos auxiliar num melhor entendimento do fenômeno anticomunista, nos permite partir para análises mais aprofundadas de experiências espaciais e estudos com a imprensa, como veremos nos capítulos seguintes.

Nas páginas que aqui se seguem, tratamos inicialmente da dicotomia direita/esquerda políticas, enfatizando que as mesmas possuem diversificadas nuances e grupos que alimentam sua ideologia e prática. Em seguida, discutimos sobre a doutrina anticomunista, apresentando as principais matrizes que compõem o seu pensamento. Demonstramos a importância que essa ideologia representou nos contextos políticos do Brasil, desde os anos de 1920 até os dias atuais. Enfatizamos a atuação da Igreja Católica no processo de disseminação do medo e da aversão aos comunistas como uma das entidades anticomunistas por excelência, no concernente ao embate ideológico e doutrinário, e, por fim, trazemos à luz as implicações da doutrina anticomunista no cenário social e político do Rio Grande do Norte.

Para desvelar as questões envolvidas neste apanhado teórico e conceitual, realizamos diálogos com diversas obras, desde clássicas até estudos de casos e trabalhos acadêmicos, relacionando-os com os processos políticos pelos quais passaram o Brasil e o Rio Grande do Norte³. Assim, buscamos construir uma compreensão ampla das formulações teóricas que colocaram o anticomunismo no centro de grande parte dos embates políticos no século XX.

³ Cabe destacar o contato que tivemos com diversas obras que tratam da questão anticomunista, que nos auxiliaram não apenas na compreensão deste pressuposto, mas também no tocante a utilização de fontes e

1.1. Direita e Esquerda

Direção, sentido, bipolaridade, oposição. Muitos podem ser os significados de esquerda e direita, sobretudo, quando partimos do pressuposto de que representam ideias antagônicas. Em se tratando da conotação política conferida a essas duas palavras, a multiplicidade de interpretações apresenta-se de forma ainda mais latente, assim também como as frequentes e consistentes críticas acerca do que é ser esquerda ou direita política nos dias atuais.

Neste sentido, apresentam-se não apenas como dois polos, mas como uma metáfora espacial. Posso posicionar-me à direita de uma sala, mas estar do lado esquerdo sob o ponto de vista de quem me olha da outra extremidade do mesmo ambiente, e vice versa. Se afirmamos, por exemplo, que a Europa se encontra à direita da América, rapidamente suscitamos questionamentos, e o primeiro deles poderá ser: “Mas, de onde você está olhando para afirmar isto?”.

Estar de um lado ou de outro, portanto, depende não apenas do lugar que se ocupa, mas do ponto de vista de quem está observando. Sob a luz dessas considerações, temos que direita e esquerda são elementos em constante movimento. Podem se modificar e entrar em processo de mutação, de acordo com o tempo e com o espaço. Este caráter relativista dificulta ainda mais uma identificação clara e objetiva do que vem a ser direita ou esquerda política. Para inserir-se nesta discussão, portanto, faz-se necessária uma flexibilidade para compreender que nem tudo o que parece é, e que nem tudo o que é parece ser. É como aventurar-se por entre um pavilhão de espelhos, onde sua imagem é multiplicada e refletida infinitas vezes, confundindo o que é imagem e o que é corpo, o que é real e o que é projeção.

Em se tratando de nosso trabalho, especificamente, buscamos conferir ênfase às questões ideológicas e à prática política, que colocam estes dois blocos em oposição. A

metodologias. Podemos citar aqui a tese de doutorado de Silvio Pereira em *Seleções do Reader's Digest 1954-1964*, os diversos artigos de Ianko Bett, como *A imprensa e a construção do anticomunismo católico*; *Igreja apreensiva ante infiltração comunista*; *Catolicismo e Cruzada: Revistas católicas e o imaginário anticomunista*; e *Representações e discursos: imaginário anticomunista católico no Brasil e Argentina (1960-1970)*. Destacamos também os trabalhos de Simone Rodeghero em *Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria*; *Viva o Comunismo x Viva Cristo Rei: um estudo de recepção do anticomunismo católico a partir de fontes orais* e *A imprensa católica e o combate ao comunismo*.

relativização reside, portanto, no sentido de observar os diversos grupos e seus interesses em momentos históricos específicos, mas não na questão central de nossas análises, na qual o anticomunismo é uma postura firme e contundente, sobretudo, em grupos de direita, considerando-se que também há grupos com este ideal à esquerda do espectro político.

Temos que esta é uma questão bastante profunda, fonte inesgotável de diversos estudos. De tal modo, pretendemos aqui considerar as principais discussões sobre a dicotomia, dando relevo a situação política do Brasil e seus partidos, já que é impossível tratar de comunismo e anticomunismo sem discutir, ainda que de maneira breve, sobre as duas matrizes que orientaram e ainda hoje orientam a prática política.

A divisão inicial entre esquerda e direita remonta à estruturação da Assembleia de 1789, na França. Posicionando-se a favor ou contra as ações revolucionárias, os grupos ali representados delinearão também um esquema de orientação espacial. O modelo era expresso pela concentração dos grupos que contestavam o *status quo* e apoiavam a revolução (jacobinos) do lado esquerdo da Assembleia. Por sua vez, os grupos que expressavam o desejo de manter privilégios aristocráticos (girondinos) se concentravam do lado direito da sala. Havia ainda o grupo que ficava no centro, a chamada planície ou pântano⁴. Logo esse modelo se expandiu e passou a representar dois projetos diferentes de governo, expressos pela manutenção da ordem estabelecida em oposição a iniciativas revolucionárias e reformistas.

Anos atrás era mais fácil distinguir entre partidos e militantes de esquerda ou de direita. Na realidade brasileira podemos citar, a título de exemplo, os anos iniciais do século XX, quando surgiram os primeiros partidos ideológicos do país. Neste momento tínhamos na esquerda, o Partido Comunista Brasileiro⁵ (PCB), fundado em 1922, e na direita a Ação

⁴ LASSANCE, Antonio. *Direita e Esquerda: razões e confusões*. Disponível no sítio eletrônico: <http://cartamaior.com.br/?/Coluna/-Direita-e-Esquerda-razoes-e-confusoes-1-/29380>. Acesso em: 22/01/2015. No capítulo **A Revolução Francesa**, da obra *A Era das Revoluções*, Eric Hobsbawm levanta questões importantes acerca da revolução que foi considerada por alguns revisionistas como desnecessária. O autor infere que a mesma não só foi inevitável, como serviu de modelo para diversos outros movimentos em vários países. Segundo ele, foi também a partir da Revolução Francesa e da organização da Assembleia que passou a sistematizar-se os modelos de oposição política e ideológica.

⁵ Para a história do PCB indicamos as leituras de: PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB (1922-1928)*.; SEGATTO, J. A. *Breve história do PCB*.; PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e Companheiros: História e Memória do PCB*. O texto de Marcos Del Roio também nos apresenta um panorama interessante da situação social e política do Brasil que levou ao surgimento do PCB. Para consultas, segue a referência: ROIO, Marcos Del. **A gênese do Partido Comunista** (1919-29). In.: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Esquerdas no Brasil: A formação das tradições*. (Vol.1). Destacamos também a obra de Edgar Carone, na qual o mesmo apresenta a organização do movimento operário que culminou com a consolidação de blocos de política

Integralista Brasileira⁶ (AIB), fundada em 1932. Ambos os partidos foram extintos com a instauração do Estado Novo⁷, em 1937 e retornaram com a redemocratização. Na própria constituição dos partidos, podemos perceber uma ideia de oposicionismo, tendo em vista que o PCB defendia um ideal de esquerda e os integralistas têm como principal bandeira o direitismo político e o anticomunismo.

O Partido Comunista também apresenta uma particularidade. Os seus filiados que vinham do movimento Anarco Sindicalista se reuniam sob a bandeira do PCB. Porém, a alcunha de Partido Comunista Brasileiro incitou os representantes da direita em sua luta anticomunista, que denunciavam o compromisso dos seus militantes com a Internacional Comunista. Popularizou-se a acusação de que o PCB era entreguista, pró-russo e, portanto, inimigo da pátria. Na esteira dessas discussões, surgiram diversas polêmicas, sobretudo relacionadas à Questão Camponesa e aos fundamentos da Revolução Chinesa, que provocaram uma cisão no seio da organização. No ano de 1962, surge um novo grupo intitulado Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Com o fim do Estado Novo e a saída de Vargas do poder, temos um período democrático que vai de 1945 a 1964. Nele destaca-se o surgimento do Partido Social-Democrático (PSD); o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), fundado por Vargas em 1945, que pode ser considerado de esquerda e foi por diversas vezes acusado de comunista; o Partido de Representação Popular (PRP) também foi fundado em 1945, por Plínio Salgado e antigos integralistas, apresentando ideais mais aproximados à direita; outro partido que podemos considerar como de direita era a União Democrática Nacional (UDN), que tinha em Carlos Lacerda o seu maior representante; destacam-se ainda o Partido Trabalhista Nacional

esquerdista. Segue a referência: CARONE, Edgar. *Movimento operário no Brasil. (1877-1944)*. 2ª Ed. São Paulo: Difel, 1984.

⁶ A AIB surge na esteira de diversos grupos fascistas que se popularizaram na Europa. Seus principais pressupostos baseiam-se no nacionalismo, forte controle político, social e econômico do Estado e na defesa dos valores da tradição e da religiosidade. Para uma melhor compreensão do integralismo, indicamos a leitura de: MAIO, M.C.; CYTRYNOWICZ, Roney. **Ação Integralista Brasileira**: Um movimento fascista no Brasil. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.) *O Brasil Republicano* (Vol. 2), p. 39-61.

⁷ O Estado Novo configurou-se a partir do golpe de 10 de novembro de 1937, perdurando até o ano de 1945 como um regime autoritário e centralizador, comandado por um chefe carismático e populista: Getúlio Vargas. Esse novo modelo político inspirou-se em experiências europeias até então bem sucedidas, como, por exemplo, o fascismo italiano. Para uma melhor compreensão desse período, indicamos as leituras de: CAPELATO, M. H. R. **O Estado Novo**: o que trouxe de novo?, p. 107-143; e, VELLOSO, M. P. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**, p. 145-179. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.) *O Brasil Republicano*. (Vol. 2). Neles os autores discutem a atuação política de Vargas em relação à concessão de direitos, revelando um governo que circulava bem entre a direita e a esquerda, conseguindo manter-se no poder durante um longo período graças às suas sábias estratégias de dominação, que incluíam o aspecto cultural.

(PTN), fundado em 1945, o Partido Socialista Brasileiro (PSB) e o Partido Democrata Cristão (PDC), ambos fundados em 1947, e o Partido Social Progressista (PSP), fundado em 1946⁸.

Durante esse período, observamos no país uma sequência de 19 anos de democracia marcada por muitos momentos conturbados⁹. Cabe aqui destacar a volta de Getúlio Vargas¹⁰ ao poder, em 1951, dessa vez através da vitória nas urnas. O mesmo vem a cometer suicídio em 1954, um dos episódios mais conhecidos e emblemáticos da história política brasileira. Esta atitude, que foi considerada por muitos como sua última cartada política, deixou um

⁸ FABER, Marcos. *História dos Partidos Políticos no Brasil*. 2010.

⁹ O período que compreende os anos entre 1945 e 1964 também trouxe alguns avanços para política esquerdista. Os partidos mais alinhados com os seus ideais ganharam força, sobretudo, através da aliança com o trabalhismo e a efetiva atuação de seus políticos. Foi nesse momento que o ideal socialista ganhou mais força no Brasil, como uma alternativa para conquista de direitos e avanços sociais. Com a leitura do segundo volume da coleção de Jorge Ferreira e Daniel Reis, *As esquerdas no Brasil: nacionalismo e reformismo radical*, podemos ter uma compreensão mais ampla desse fenômeno, ressaltando, ainda, o caráter plural dos projetos de esquerda, que atendiam aos mais diversificados grupos e interesses. Destacamos aqui alguns capítulos. Em **Partido Trabalhista Brasileiro: getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base**, a historiadora Ângela de Castro Gomes discute sobre a atuação do PTB, que se tornou o maior representante da esquerda no Brasil do período, sobretudo com a ilegalidade do Partido Comunista decretada em 1947. A autora descreve uma situação política delineada pela organização do PTB na esquerda, opondo-se a UDN que defendia ideais de direita e contando ainda com a presença do PSD no centro. A Igreja Católica também foi uma entidade importante nesse período. Mario Grynszpan e Marcos Dezemone em **As esquerdas e a descoberta do campo brasileiro** discutem o fortalecimento dos movimentos no campo e da consequente disputa entre os comunistas, os demais representantes da esquerda e a Igreja em torno da representação desses grupos. Os autores ressaltam ainda que a opção católica pelas lutas camponesas foi orientada por um ideal reformista em oposição à luta revolucionária apregoada pelos comunistas, expresso no argumento de Dom Inocêncio Engelk, de que era preciso garantir mudanças consideráveis no campo, antes que o povo empreendesse uma revolução. Porém, em certos momentos, o esquerdismo católico chegou às raias da radicalização, principalmente com a atuação de grupos como a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Estudantil Católica (JEC). No capítulo **Operação Cavalo de Tróia**, o historiador Marcelo da Costa aborda a opção pelo evangelho como fonte inspiradora da ação social e da revolução, uma atitude condenada por grande parcela da Igreja, sobretudo, pelos setores mais conservadores, o que vai ocasionar a dissolução dessas organizações no período da ditadura militar. No tocante a este último grupo, os militares, cabe-nos ressaltar a existência de esquerdistas dentro das forças armadas. Karla Carlone em seu capítulo **A esquerda militar no Brasil**, deixa claro que muitos daqueles que tinham opções políticas mais aproximadas às questões sociais, não apenas comunistas, sofreram forte perseguição.

¹⁰ O gaúcho Getúlio Dornelles Vargas é uma das figuras mais interessantes da política nacional. Talvez seja ele a melhor tradução das controvérsias existentes entre a direita e a esquerda. Como classificar um homem que se inspirava em modelos ditatoriais de governo, ao passo que era aclamado pelo povo como “pai dos pobres”, garantindo direitos e avanços aos sindicatos e às classes trabalhadoras? Cabe ressaltar, neste sentido, que o mesmo possuía admiradores tanto de direita como de esquerda. Não à toa a produção historiográfica acerca de sua figura é vastíssima. Sendo assim, para um maior conhecimento da trajetória de Vargas e sua política, indicamos a leitura da coleção *A era Vargas* de José Augusto Ribeiro, editada em 3 volumes, que abordam desde a ascensão ao poder, através da Revolução de 1930, passando pelo Estado Novo, até o seu último mandato, encerrado com o suicídio. Outra obra interessante sobre o estadista é *Getúlio Vargas*, do historiador Boris Fausto. Nela, o autor trata das características psicológicas de Vargas e de sua história de vida, desde o Rio Grande do Sul, mostrando como estes aspectos implicaram diretamente na sua atuação política de facetas autoritárias, centralizadoras e paternalistas, características que seriam posteriormente reunidas sob o título de “Populismo”. Boris Fausto destaca, ainda, o seu carisma e habilidade política que o mantiveram no poder por tantos anos, construindo as bases de um modelo industrial e agrário para o país, que persiste até os dias atuais.

rastrado de instabilidade que levou ao poder sucessivamente, Café Filho, Carlos Luz e Nereu Ramos, até Juscelino Kubistschek assumir a presidência em 1956.

O quadro de instabilidade retornaria ao cenário político do Brasil em agosto de 1961, com a renúncia de Jânio Quadros. Após Ranieri Mazzilli assumir brevemente como interino, João Goulart¹¹ assume a presidência do país. Membro do PTB, “Jango”, como ficaria popularmente conhecido, aponta simpatia por causas sociais e lança como base de seu projeto de governo as reformas agrária, urbana, universitária, administrativa, fiscal e bancária. Não é de se estranhar que tais iniciativas provocassem certo incômodo em parcelas da sociedade e da política nacionais, sobretudo, nos grupos de direita. Este foi um momento de muita agitação e disputas entre apoiadores e militantes da direita e da esquerda. Após diversas acusações de “comunização” do governo “Jango”, com uma ampla depreciação de sua figura na imprensa da época e frente à ausência de organização efetiva de uma liderança a fazer resistência, Goulart deixa a presidência. Tais acontecimentos culminaram com a efetivação do golpe em 1º de abril de 1964. Era o início da ditadura militar¹².

Esse governo ditatorial¹³ durou por 21 anos, período no qual os registros de vários partidos políticos foram cassados. Na política institucional, bastante “combalida”, imperava a polarização entre dois grupos: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), dos apoiadores do regime de direita, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que reunia os seus

¹¹ O gaúcho João Belchior Marques Goulart foi um dos presidentes mais populares da história do país. Porém, sua trajetória é pouco lembrada. É sobre esta questão que Jorge Ferreira escreve em seu capítulo **Entre a história e a memória: João Goulart**, presente no segundo volume da sua coleção *As esquerdas no Brasil*. Neste capítulo o autor fala sobre as estratégias de apagamento e depreciação da memória de Goulart, que foi considerado pela história oficial produzida pós-golpe militar, como inerte, inábil, golpista, manipulador e como o pior dos representantes do Populismo.

¹² MIR, Luís. **O 35 Reformista**. In.: ____. *A Revolução Impossível* (1994), p. 115-164. Em seu livro de estreia *A Revolução Impossível*, o historiador Luís Mir dá ênfase às relações entre o comunismo brasileiro e as diretrizes estabelecidas pela direção internacional do partido. Segundo ele, seria impossível que a revolução pretendida pelos comunistas se efetivasse de maneira bem sucedida no Brasil, devido a uma sociedade civil e militar fortemente estabelecida sobre as bases da tradição e da religiosidade católica, da defesa dos seus interesses, da relação com potências estrangeiras, sobretudo os EUA, e de uma classe média que tinha como uma das principais bandeiras o anticomunismo. No capítulo citado acima, o autor também destaca o importante papel desempenhado pelo político gaúcho Leonel Brizola em apoio a João Goulart durante o seu mandato, desde a campanha da legalidade, a fim de permitir que Goulart assumisse a presidência, até os últimos momentos de conturbação política que culminaram com o golpe. No segundo volume da coleção *As esquerdas no Brasil*, Jorge Ferreira também dedica suas páginas à atuação de Brizola no capítulo intitulado **Leonel Brizola, os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular**.

¹³ Para uma melhor compreensão da ditadura militar, indicamos as leituras de Jorge Ferreira, em *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*; e, Dreifuss *1964: a conquista do estado: ação política, poder e golpe de classe*, livro no qual o autor discute a atuação do grupo denominado por ele como “elite orgânica” no processo tomada do poder.

opositores. Cabe ressaltar que, por ser o único bloco de oposição permitido durante a ditadura, o MDB¹⁴ acabou tornando-se o berço das mais diversificadas ideias e projetos, que misturavam elementos da esquerda e da direita. Não à toa, após a redemocratização o mesmo fragmentou-se em dois grupos: o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

Com o fim da ditadura militar no Brasil, a democracia foi reestabelecida e a escolha dos presidentes voltou a ser realizada pelas eleições diretas. Os presos políticos foram anistiados já em 1979, mas o PCB e o PCdoB só voltam a funcionar em 1985. O regime autoritário representou um forte abalo para a esquerda brasileira. Os partidos permaneceram na ilegalidade durante anos e muitos dos seus militantes foram presos e torturados.

Porém, as dificuldades da ala comunista da esquerda não cessaram por aí. Depois de um longo período de Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética, com derrotas e vitórias de ambos os lados, as crises políticas e econômicas da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) chegaram ao nível do insustentável. A mesma tem o seu fim oficialmente decretado em 21 de dezembro de 1991. Sem o apoio da sua principal potência, o projeto comunista perdeu gradativamente as suas forças, ao passo que aumentou cada vez mais a popularidade da ala esquerdista que propunha o reformismo, ao invés da revolução.

A popularização do neoliberalismo também se apresentou como um forte abalo na política esquerdista nacional. O projeto econômico que se baseia na não intervenção estatal, na abertura de mercado e no investimento de capital privado, apresentou-se como uma nova alternativa ao país, fortalecendo ainda mais a política econômica capitalista¹⁵.

Nos dias atuais, separar as mais diversificadas tendências políticas e classificá-las como sendo pertencentes a um lado ou outro, tornou-se uma tarefa árdua. Isso se deve principalmente ao sistema liberal, que permite e pressupõe a existência de vários partidos, cada um defendendo os ideais em que acredita. Com o pluripartidarismo, surgiram diversos partidos, dos quais podemos destacar o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), o Partido dos

¹⁴ Rodrigo Patto Sá Motta dá relevo à organização política do MDB, ressaltando seu caráter diverso e superficial. Para consultas, segue a referência: MOTTA, Rodrigo. **O MDB e as esquerdas**. In.: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (Org.) *As Esquerdas no Brasil: Revolução e democracia*. (Vol.3). Destacamos também o livro de Ana Beatriz Nader, *Autênticos do MDB*, no qual a autora destaca a atuação de políticos verdadeiramente de esquerda vinculados ao MDB, que lutaram de maneira efetiva contra a ditadura militar.

¹⁵ Indicamos a leitura de: HARVEY, David. *O Neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Loyola, 2008.

Trabalhadores (PT), o Partido Socialista Brasileiro (PSB), o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), o Partido Progressista (PP) e o Democratas (DEM). Atualmente, o Brasil conta com 32 partidos¹⁶, cada um apresentando seus projetos que gravitam entre a direita e a esquerda, dificultando ainda mais a identificação direta¹⁷.

Foi com base nesse contexto que diversas críticas foram tecidas em torno da bipolarização. Como julgar os partidos de uma maneira tão clara e objetiva se seus projetos possuem, na maioria das vezes, ideias que vêm de ambos os lados? Isso fez muitos intelectuais conceberem as categorias e o sectarismo como um terrível erro no concernente a discussão política. Mas, como considerar morta uma divisão política que ressurge a cada eleição?¹⁸

Em momentos de campanha eleitoral e de discussões de projetos, as categorias acabam reaparecendo de maneira quase que instantânea, principalmente em se tratando daqueles que militaram ou militam por um grupo ou outro. Os ideais de direita ou de esquerda são sempre evocados por partidos e pessoas para defender os seus posicionamentos. Mesmo sendo estas, conscientes de que a dualidade tal como era concebida há anos atrás é inaplicável à nossa realidade atual. É esta a justificativa evocada por Norberto Bobbio para defender a manutenção da dicotomia. Segundo ele, diversas podem ser as críticas e mais variadas ainda podem ser as nuances do posicionamento dos partidos. Em meio ao embate político e ideológico as ideias acabam sendo emanadas desses dois polos principais¹⁹.

¹⁶ Dados disponíveis no sítio eletrônico: <http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>. Acesso em: 30/01/2015.

¹⁷ FABER. *Op. Cit.* O cientista político Rogério Schmitt também apresenta em sua obra *Partidos Políticos no Brasil (1945-2000)* um breve levantamento dos principais partidos brasileiros pós-Estado Novo. Porém, suas considerações residem mais no aspecto da disputa eleitoral entre os mesmos, que nos processos de constituição histórica e ideológica. Para consultas, segue a referência: SCHMITT, Rogério. *Partidos Políticos no Brasil*. 2005. Destacamos também a leitura de: SOUZA, Maria do Carmo C. *Estado e partidos políticos no Brasil*. 1990.

¹⁸ Refiro-me aqui a última disputa eleitoral para presidente do país, entre a presidenta Dilma Rousseff e o candidato opositor Aécio Neves. Em meio a uma das campanhas mais movimentadas e acaloradas da história do país, ficou clara a opção de pessoas identificadas com os ideais de esquerda pela candidata Dilma, enquanto que grande parte dos defensores da direita direcionou seu apoio a Aécio, apesar de os dois partidos, PT e PSDB, se considerarem partidos mais ligados à esquerda. Para uma visão mais clara dessas nuances, indicamos a leitura de: ALMEIDA, Francisco Inácio de; MARTINS, Júlio. **Uma nova política de alianças**. In.: _____. *O reencontro da esquerda democrática e a nova política*. 2014.

¹⁹ BOBBIO, Norberto. **A distinção contestada**. In.: _____. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. 2001, p. 49-66. Neste capítulo de sua obra, Bobbio infere ainda que, de fato, considerar a pura e simples dualidade dos termos direita e esquerda em oposição se apresentaria como uma observação anacrônica. O autor explicita, portanto, que no contexto atual não se pode compreender o jogo político a partir da divisão e

Bobbio também infere que a existência de vários partidos com diversas correntes de pensamento não põe por terra a dicotomia direito-esquerda. Pelo contrário, reforça a existência da bipolaridade de outra forma, pois mesmo em partidos autoproclamados de centro, ou seja, nem de esquerda nem de direita, observa-se ideias de ambos os lados, ou mais tendentes para um lado do que para o outro, como é o caso dos partidos de centro-esquerda e centro-direita, ou mesmo aqueles que fazem oposição a todos eles. Fato é que os dois grandes blocos político-ideológicos sempre acabam servindo como base para a tomada de posição²⁰.

O primeiro antagonismo claramente observado entre a direita e a esquerda diz respeito à permanência e manutenção das instituições político-sociais, em oposição ao reformismo e à revolução. Outro aspecto relacionado a essa divisão política diz respeito à postura intervencionista do Estado. Nos grupos mais radicais, ambos os lados defendem que uma sociedade e uma economia fortes dependem da intervenção e do controle estatais. Já os grupos mais liberais possuem uma perspectiva internacionalista, na qual os adeptos da direita acreditam que a abertura e a cooperação econômica com países capitalistas é a melhor via para o desenvolvimento, defendendo a iniciativa privada e a propriedade. Enquanto que os esquerdistas defendem a estatização das empresas e bem públicos, mas também não abrem mão de manter boas relações com países que apresentem afinidades políticas e econômicas.

Outra diferença a ser explicitada gira em torno do próprio projeto de governança e das prioridades estabelecidas pelo mesmo. Desse modo, podemos observar a política esquerdista mais próxima às questões sociais, buscando ouvir os atores envolvidos nos conflitos, visando à realização de reformas ou mesmo de ações radicais. Já os direitistas, geralmente, apresentam planos de governos mais atentos às questões econômicas, sobretudo, no tocante ao capital e ao livre mercado.

Em termos ideológicos que se relacionam diretamente com a prática política, recorremos novamente aqui à Revolução Francesa, dessa vez pontuando os valores apregoados por ela e que nortearam toda a construção do ideal de cidadania do ocidente:

da anulação de um para com outro, mas sim através da perspectiva da confluência de ideias de um lado e outro, que se contrapõe, se apoiam, se distanciam e se aproximam de acordo com o momento político e a discussão promovida. Atualmente, é difícil encontrar um partido que não possua ideias de ambos os lados. Porém, isso não significa que a bipolarização esteja morta. Direita e esquerda continuam sendo os centros irradiadores desses ideais políticos adotados pelos mais diversos grupos.

²⁰ *Idem*. Em entrevista a Antonio Polito, Eric Hobsbawm também afirma que direita e esquerda são polos ainda existentes no âmbito político e que, segundo ele, dificilmente deixarão de existir. HOBBSAWM, Eric. **O que restou da esquerda**. In.: _____. *O novo século*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 101-125.

liberdade, igualdade e fraternidade. Nota-se, portanto, que a esquerda historicamente sacrificou a liberdade em nome da igualdade. Por sua vez, a direita tende a sacrificar a igualdade em nome da liberdade, entendendo-se essa liberdade principalmente sob uma perspectiva individual, da propriedade e do livre comércio²¹.

Além da esquerda, da direita e dos grupos de centro, destacam-se no quadro político a “extrema-direita” e a “extrema-esquerda”. Os mesmos defendem, por vezes, ações que beiram a inconstitucionalidade. Ambos defendem o nacionalismo²² e o efetivo controle socioeconômico por parte do aparelho de Estado. A diferença principal reside nos atores sociais investidos do protagonismo político. Se para a esquerda comunista, o poder deveria estar nas mãos dos trabalhadores, unidos por meio da luta revolucionária, onde não se admite o pluripartidarismo e a expressão religiosa; para a direita, o processo político deve ser dirigido por um pequeno grupo, como os militares, por exemplo, prezando principalmente pela manutenção dos costumes, da tradição, da ordem e da religiosidade.

Observamos que a maior parte das organizações políticas atuais possui em suas concepções ideais que vêm de ambos os lados, esquerda e direita. Apesar disso, notamos que nenhum dos partidos se considera de direita ou de extrema-direita, optando por autoproclamar-se como de centro ou centro-direita. Tal comportamento é facilmente justificável, considerando-se que o Brasil passou por uma ditadura de 21 anos comandada por um grupo militar de extrema-direita, que deixou profundas marcas na política nacional. Assim sendo, dificilmente algum partido político arriscaria posicionar-se publicamente como defensor de ideias que carregam um peso tão negativo. Apesar de observarmos atualmente determinados políticos com opções reacionárias tão claras e com um número considerável de apoiadores.

Em meio a tantos consensos, dissensos e controvérsias se insere o nosso trabalho. Tratamos nesta pesquisa de considerações que estão relacionadas ao mundo das ideologias, no qual determinar o que é preto e o que é branco se torna difícil, tendo em vista que a maior

²¹ Para uma melhor compreensão acerca da discussão sobre liberdade e autoritarismo, indicamos a leitura de: BOBBIO, Norberto. **Liberdade e autoridade**. In.: _____. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. 2001, p. 127-135.

²² A obra de Eric Hobsbawm, *Nações e Nacionalismo*, não apenas apresenta uma explicação do que vem a ser o nacionalismo, mas também discute o panorama atual e paradoxo, questionando como é possível manter essa postura protecionista e soberana em um mundo em que a economia se torna cada vez mais globalizada e interdependente.

parte dos grupos que as defendem se encontram mesclados na enorme escala de cinza²³. O próprio termo direita pode tornar-se inoportuno para designar os grupos anticomunistas, já que podemos facilmente encontrar grupos políticos contrários aos princípios comunistas até mesmo dentro da esquerda, como é o caso dos socialdemocratas, dos anarquistas, entre outros.

De tal modo, a utilização da classificação direita e esquerda em nossos escritos, mantém-se atenta não apenas a uma distinção ideológica, mas, sobretudo, a uma organização de grupos alinhados na defesa de seus interesses. Portanto, quando falamos aqui de anticomunismo e de direita, estamos nos referindo especificamente a grupos anticomunistas de direita, a saber, os clérigos, os militares e os integralistas, no período referente à década de 1930 entre os seus anos subsequentes até o ano de 1945, e num segundo momento, os períodos nos quais se deram a construção simbólica e discursiva desses grupos que tomou como base o anticomunismo. Por outro lado, cabe-nos esclarecer que ao citar o termo esquerda neste trabalho, também estamos nos referindo a um grupo seletivo: aqueles que se apresentam como adeptos e defensores do ideal comunista de revolução, ou mesmo de uma política reformista defendida pelo socialismo.

Temos, portanto, que em nossas discussões, consideramos a ideia de oposição entre os grupos com base na justificativa da mudança e da permanência de determinados posicionamentos, atitudes e princípios ideológicos, já que é impossível e anacrônico considerar esquerda e direita como antítese sumária. Sendo assim, destacamos o grupo esquerdista como aquele mais sensível às questões sociais, defendendo reformas e organização das camadas populares. Enquanto que a concepção de direita foi empregada no sentido de designar atores sociais e políticos defensores da manutenção do regime e do *status quo*, representantes diretos do anticomunismo.

²³ Analogia inspirada no texto do venezuelano Gustavo Ott, em adaptação da peça *Dois Amores y um bicho*, realizada pela Cia. Clown de Shakespeare (2015).

1.2 Considerações acerca do Anticomunismo

Meados do século XIX. Uma nova ordem econômica desvela novas demandas e questões sociais. O urbano se torna mais importante que o rural, as classes operárias ganham força e as tensões entre burguesia e proletariado se tornam cada vez mais evidentes. Uma nova filosofia ilumina a Europa e traz à luz uma nova maneira de conceber o mundo e as relações interpessoais e de trabalho. Este é também o século em que se populariza o pensamento de Marx e Engels. É o comunismo nascente através do Manifesto do Partido Comunista²⁴.

Essa nova ideologia²⁵ empreende uma crítica direta às estruturas sociais e econômicas vigentes. Os comunistas defendem o estabelecimento de uma ordem mundial na qual o proletariado dirija o processo revolucionário. Em sua concepção, os meios de produção seriam bens comuns, em uma sociedade igualitária e de economia estatizada. O seu advento na forma real e não mais apenas nos escritos, ocorre com a Revolução Russa de 1917. Após os acontecimentos ligados à ação dos bolcheviques, o mundo inteiro passou a enxergar com outros olhos as ideologias de esquerda²⁶.

As sociedades do mundo ocidental, principalmente os grupos das elites, começaram a demonstrar preocupação com a situação do leste europeu. Apesar da tão esperada revolução alemã não ter ocorrido, a doutrinação revolucionária se espalhou, ganhando público em diversos países com a criação dos Partidos Comunistas. Nesse período inicial, o Brasil manifestava o seu anticomunismo de maneira ainda tímida. O mesmo era visto como uma ameaça distante, que não teria possibilidade no país. Entretanto, esta situação vem a se alterar

²⁴ O Manifesto do Partido Comunista foi escrito por Friedrich Engels e Karl Marx e divulgado no ano de 1848. Nele os autores chamam atenção para questões econômicas e, sobretudo, para os conflitos sociais, deixando claras as suas opções pela revolução promovida pelos trabalhadores de todo o mundo. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1998.

²⁵ Para melhor entender as questões ideológicas do comunismo, indicamos a leitura de *Rumo a Estação Finlândia*, de Edmundo Wilson que aborda os principais pensadores socialistas e suas teorias, passando por Marx, Engels, Lenin e Trotski. Uma leitura que auxilia no conhecimento da temática e na minimização de dúvidas acerca das suas várias correntes teóricas.

²⁶ No tocante à investida revolucionária na Rússia, indicamos a leitura de John Reed em *Dez dias que abalaram o mundo*. Nele, o autor reporta os acontecimentos dos dez primeiros dias da revolução.

em 1930, quando o prestigiado líder tenentista Luiz Carlos Prestes assume publicamente a sua opção pelos ideais de Marx e Lênin²⁷.

Com o passar dos anos e o fortalecimento da ideologia comunista, o anticomunismo também ganha força. Um quadro representativo desta situação refere-se às guerras. Inicialmente, com a retirada do exército russo das frentes de batalha da Primeira Grande Guerra. Logo após, com a polarização do mundo em dois grandes blocos, o bloco do oriente socialista e o bloco do ocidente capitalista, o mundo viu-se dividido em face da disputa entre duas grandes potências no período que ficou popularmente conhecido como Guerra Fria²⁸.

Com os avanços tecnológicos e os bons números do seu desenvolvimento econômico, a URSS passou a representar um risco ainda maior para o denominado “mundo livre”, pois alguns grupos sociais e políticos, sobretudo em países periféricos, tendiam a vê-la como um bom exemplo a ser seguido. A imprensa em todo mundo começa, então, a desconstruir o chamado “paraíso soviético”, denunciando problemas sociais, caos, violência e abusos de poder²⁹.

O anticomunismo pode ser definido em breves palavras como “oposição à ideologia e aos objetivos comunistas; assim como existem forças sociais e posições políticas antifascistas, anticapitalistas, anticlericais, etc., também há as anticomunistas”.³⁰ Observando-se, ainda as implicações do anticomunismo, temos que em uma perspectiva de organização interna dos países, este posicionamento pode tornar-se mais que uma opção política, transformando-se em estratégia de legitimação, dominação e se fazer presente na sua própria constituição cultural. Assim, temos que

O anticomunismo constitui, o mais das vezes, componente fundamental da cultura política difundida, tendo, por isso, uma função importante na integração sócio-política e na legitimação do sistema (mediante, por exemplo, a incondicional aceitação do próprio *way of life*). Revela-se, por isso, extraordinariamente eficaz na prevenção ou isolamento de possíveis

²⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002, p. 9.

²⁸ HOBBSAWM, Eric. **Guerra Fria**. In.:_____. *A Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 223-251.

²⁹ Assim como diversos outros periódicos brasileiros, o jornal *A Ordem*, que analisamos no segundo capítulo desta dissertação, apresenta várias matérias de denúncia dos problemas vivenciados na URSS.

³⁰ BOBBIO, Norberto. Verbetes **Anticomunismo**. In.:_____. *Dicionário de política*. 1995, p. 34.

movimentos de oposição que se refiram, mesmo que genericamente, ao marxismo e às tradições comunistas³¹.

Ideologicamente, o anticomunismo se coloca sobre o tripé catolicismo, nacionalismo e liberalismo³². A primeira dessas matrizes alimenta a aversão aos ideais esquerdistas por meio da religiosidade. Isto se deve à postura anticlerical, materialista e laica defendida pelos comunistas, adeptos do afastamento entre Estado e Igreja, através da revolução. A preocupação católica com o avanço do comunismo, sobretudo entre o operariado, é expressa nos principais meios de divulgação da instituição, as encíclicas papais. Podemos aqui citar a *Divinis Redemptoris*, do papa Pio XI e a *Rerum Novarum* de Leão XIII. Esta última reafirmando o caráter cristão da colaboração entre as classes, eufemizando as discordâncias.

Alguns analistas chegam a considerar que os comunistas lançaram-se na investida de, efetivamente, substituir a religião pela ideologia comunista, em um pensamento binário que mescla política e religiosidade. Assim,

O comunismo não se restringia a um programa de revolução social e econômica. Ele se constituía numa filosofia, num sistema de crenças que concorria com a religião em termos de uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral³³.

De tal modo, a disputa entre o catolicismo e o comunismo ganhou rapidamente o caráter metafísico de uma luta entre o “bem” e o “mal”. É este o principal elemento a ser considerado na compreensão dos fenômenos posteriores relacionados ao anticomunismo, em que os defensores da doutrinação de esquerda foram demonizados e tratados como agentes do mal na terra, agindo em nome de Satanás para disseminar pelo mundo a rebeldia, a desordem e a desobediência aos representantes de Deus, negando, ainda, a sua existência³⁴.

³¹ *Idem*, p. 35.

³² MOTTA. *Op. Cit.*, p. 17-18.

³³ *Idem*, p. 20.

³⁴ Observando-se que em nosso trabalho enfatizamos a questão religiosa como motivo para a condenação aos comunistas, destacamos aqui o contato com a obra do pastor evangélico Richard Wurmbrand, que Olavo de Carvalho considera como um dos maiores intelectuais, autor de um opúsculo intitulado *Era Marx um satanista?* Nele, o pastor fala sobre a trajetória de Karl Marx que, segundo ele, possuiu desde criança uma formação

A questão do nacionalismo talvez seja uma das mais complexas referente ao anticomunismo, pois os próprios comunistas possuem posicionamentos de defesa da soberania e da economia nacionais. Porém, foram considerados ao longo da história brasileira como sendo traidores da pátria e da nação por suas posições internacionalistas de subordinação ao projeto de revolução mundial dos trabalhadores, da qual a URSS seria o modelo maior a ser seguido. De tal modo, os comunistas eram vistos como elementos externos que queriam entregar o Brasil nas mãos dos soviéticos, sendo esta uma desculpa legal para perseguir e fechar os Partidos Comunistas. Outro motivo diz respeito ao próprio pensamento de contestação e de luta entre as classes, o que promoveria o conflito e a divisão do corpo social da nação, que segundo os grupos nacionalistas da direita, deveria apresentar-se como único, harmônico e coeso³⁵.

Já com relação ao liberalismo, a crítica aos comunistas se devia ao posicionamento de forte controle político e econômico por parte do Estado e também pela estatização das empresas, ferindo o princípio da propriedade. Sendo assim, o comunismo despertou a fúria dos grupos que tinham interesse na defesa de suas posses e visavam o livre comércio com outros países.

Podemos observar que, durante o percurso histórico de nosso país, passamos por dois momentos de governos ditatoriais, o Estado Novo e a ditadura militar. Os mesmos são de grande relevância para que compreendamos o fenômeno anticomunista brasileiro. A perseguição ao comunismo serviu de motor principal para a decretação do estado de guerra, justificado pelo risco eminente de comunização do país. Observa-se, portanto, que toda a base de sustentação e legitimação dos regimes autoritários se formou sob o pretexto de garantir a segurança nacional frente à ameaça comunista³⁶.

religiosa cristã, que foi renegada em algum momento de sua vida. Wurmbrand analisa algumas obras pouco populares de Marx e destaca trechos ligados à religiosidade, a fim de provar que o pai do marxismo era adepto de uma seita satânica e participava de cultos como a Missa Negra. Sendo assim, a divulgação dos ideais marxistas atendiam a um projeto maior de instalar a desordem, o conflito e a consequente destruição da humanidade. Cabe ressaltar que este é um dos principais argumentos utilizados pelo anticomunismo de inspiração religiosa. Por isso facilmente identificamos acusações de que o comunismo é intrinsecamente mau.

³⁵ MOTTA. *Op. Cit.*, p. 29-30.

³⁶ Destacamos neste contexto a decretação da Lei de Segurança Nacional (LSN), que auxiliou no processo de oficialização do anticomunismo como projeto de governo. Ressalte-se ainda a relação desta com a atuação política norte-americana, sobretudo, no pós-Segunda Guerra Mundial, como podemos observar na leitura de: FERNANDES, Reginaldo. *Um breviário da Lei de Segurança Nacional (LSN): do estado novo aos primeiros anos do regime militar (1930-1969)*. São Paulo: Diversitas, 2009. Disponível no sítio eletrônico: <http://diversitas.fflch.usp.br/files>.

Em um primeiro momento, podemos aqui citar o Plano Cohen³⁷, suposto projeto de tomada do poder por parte dos comunistas, semelhante ao levante de 1935, inventado e denunciado pelo General Góis Monteiro em 30 de setembro de 1937, que foi largamente divulgado pela imprensa nacional. O documento falso “denunciava” ações terroristas e greves dos trabalhadores, servindo de justificativa para implantação do regime do Estado Novo. Anos depois, o próprio Góis Monteiro revelaria a todos que o plano não passou de um golpe para justificar a permanência de Vargas no poder. Já em um segundo momento, temos as condições sociais e políticas que levaram ao golpe militar em 1964. Nesse contexto observa-se uma nova histeria anticomunista diante da postura reformista do governo João Goulart e sua notável aproximação com elementos da esquerda política³⁸.

O Brasil contou, ainda, com um episódio particular de sua história que muito contribuiu para a construção de uma imagem violenta acerca dos comunistas. O levante de novembro de 1935 alimentou a imprensa e os grupos de direita por todas as décadas seguintes. Importante observar que a memória da posteriormente batizada “Intentona Comunista” serviu não apenas para legitimar a luta desses grupos políticos, mas também construiu uma versão para os fatos da investida, incentivou a construção de espaços de memória anticomunista e orientou práticas, como constantes celebrações em honra às vítimas do Comunismo em todo o país³⁹.

Outro aspecto relevante a ser considerado no fenômeno anticomunista brasileiro, diz respeito à criação de diversas entidades e organizações. Dentre elas, podemos destacar a Defesa Social Brasileira, a Frente Universitária de Combate ao Comunismo, a Liga de Defesa Nacional (LDN), a Cruzada Brasileira Anticomunista (CBA) e a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). Algumas delas atuaram durante um curto

³⁷ O Plano Cohen desvela muito mais que uma simples trama anticomunista, ele deixa transparecer as claras opões antisemitas vigentes no Brasil daquele período. A associação direta dos judeus com o plano é expressa em seu próprio nome, já que “Cohen” é um sobrenome tipicamente judaico, justificou também uma política de hostilidade e perseguição aos adeptos do judaísmo, acusados de disseminar o comunismo. Para uma melhor compreensão desse fenômeno, indicamos as leituras de: IOKOI, Zilda M. G. *Intolerância e resistência*. 2004.; MOTTA, Rodrigo. **O mito da conspiração judaico-comunista**. In.: *Revista de História*. São Paulo: FFLCH/USP, 1998.; e, CARNEIRO, M. L. T. *O anti-semitismo na era Vargas(1930-1945)*. São Paulo: Brasileira, 1995.

³⁸ No seu livro, *Em guarda contra o perigo vermelho*, Rodrigo Patto Sá Motta trata desses dois momentos históricos, citando-os como dois grandes surtos anticomunistas, que culminaram com a ascensão ao poder de grupos políticos autoritários.

³⁹ A produção bibliográfica acerca da Rebelião de 1935 é vastíssima. Aqui destacamos o trabalho de: VIANNA, Marly de A. G. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. 3ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

período de tempo, não pretendendo um enraizamento social em longo prazo, e sim buscando apoiar um grupo ou outro nas suas querelas políticas. A exceção seria a última delas, que possui uma longa duração e se fortaleceu ainda mais nos anos de chumbo da ditadura militar, cabendo ressaltar a sua ligação direta com a Igreja católica⁴⁰.

Muitos intelectuais dedicaram e dedicam seus esforços de pesquisa à questão do anticomunismo. Por maior que fosse, um levantamento dos mesmos e suas obras ainda assim apresentaria lacunas, tendo em vista que o assunto é inesgotável e as análises, incessantes. Sendo assim, optamos aqui por destacar a atuação de dois pensadores do anticomunismo, tecendo uma relação entre as discussões em âmbito mundial e nacional. São eles, o historiador francês François Furet⁴¹ e o jornalista e filósofo brasileiro Olavo de Carvalho⁴².

A crítica de Furet ao comunismo está diretamente relacionada à sua ação prática. Segundo ele, o comunismo não passa de uma ilusão, de um desejo inalcançável. Ao efetivar-se demonstrou sua verdadeira face, tolhendo a liberdade e praticando o terror. Estes aspectos levam Furet a tecer uma relação direta entre comunismo e fascismo, na qual o fio condutor é o totalitarismo. Em sua concepção, o fascismo, assim como o nazismo, teria nascido em reação ao bolchevismo e às ameaças comunistas na Itália e na Alemanha, fazendo do poder total ao mesmo estilo do seu opositor, uma forma direta de controle e combate, tendo, portanto, mais semelhanças do que diferenças.

Filhos da guerra, bolchevismo e fascismo tiram dela o que possuem de elementar. Levam para a política a aprendizagem recebida nas trincheiras: o hábito da violência, a simplicidade das paixões extremas, a submissão do indivíduo ao coletivo, enfim, o amargor dos sacrifícios inúteis ou traídos⁴³.

⁴⁰ MOTTA, *Op. Cit.*, p. 137-160.

⁴¹ François Furet é um dos pensadores mais críticos do comunismo. Francês e filho de pais burgueses, fez parte do Partido Comunista e teve contato com ideais marxistas. Porém, tempos depois se afastaria da esquerda, posicionando-se como um intelectual de direita.

⁴² Olavo de Carvalho é um filósofo e jornalista brasileiro de várias facetas, atuando nas áreas da filosofia, jornalismo, religião, geopolítica, astrologia, entre outras. Suas ideias são amplamente divulgadas e seus livros constantemente reeditados, o que nos permite saber que há um grande público receptivo aos argumentos da direita no Brasil. A maior parte de seus escritos encontram-se disponíveis em seu sítio eletrônico oficial: www.olavodecarvalho.org.

⁴³ FURET, François. *O passado de uma ilusão*. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 202.

Sob outro aspecto, podemos observar que o pensamento de Furet está baseado na contestação da ideia de Revolução, que, segundo ele, não fora conduzida pelas massas como se pensava, mas sim por um grupo de burgueses. O autor utiliza-se das mazelas vivenciadas no mundo soviético para justificar sua posição contrária ao comunismo. Em uma abordagem ainda mais incisiva, nota-se o claro posicionamento anticomunista do autor ao inferir que todos os esforços revolucionários vivenciados em países como a França e a Rússia não passaram de um delírio inconsequente que ceifou milhares de vidas inutilmente, e que foram provocados pela perigosa combinação de nacionalismo⁴⁴, ideais socialistas e hostilidade à religião.

As considerações de Furet ganharam destaque, circulando em âmbito internacional. Já no contexto brasileiro, dificilmente seria possível tratar de anticomunismo sem citar um dos seus maiores representantes. Olavo de Carvalho, que assim como Furet foi militante comunista em sua juventude, e afirma que “a quase totalidade dos pensadores anticomunistas é constituída de indivíduos que um dia foram comunistas e depois mudaram de idéia por um lento, difícil e doloroso processo de autodesmascaramento”⁴⁵.

Carvalho empreende suas análises não apenas no tocante ao comunismo, mas à política esquerdista como um todo. Segundo ele, as teorias de revolução e tomada do poder por parte das classes trabalhadoras não passam de elaborações escritas para justificar a manutenção do poder por parte de um grupo parasitário e burocrático, interessado em acumular rendimentos econômicos. Ele infere que os adeptos do comunismo são intrinsecamente maus, pois se utilizam da insatisfação popular, fazendo as massas acreditarem em um projeto político de igualdade. A acusação também gira em torno da questão de classe, quando ele afirma que

Para a tradição marxista, o indivíduo humano não é o sujeito da História e por isto não é nem mesmo, em última instância, o autor de seus atos. Através de suas ações e palavras quem age é “a classe” — aristocracia, burguesia, proletariado. Acreditando decidir e atuar por si, o indivíduo é apenas o

⁴⁴ Keith Michael Baker reafirma em seu texto que “o princípio da soberania nacional está no próprio âmago da Revolução Francesa”, e que a luta de transferência desta das mãos do monarca para o povo é um dos elementos-chave para eclosão das disputas. BAKER, Keith M. **Soberania**. In.: FURET, François. *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 882.

⁴⁵ CARVALHO, Olavo de. *Trágica leviandade*. Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/semana/leviandade.htm>. Acesso em: 25/02/2015.

fantoches movidos pela ideologia da classe. Ele não precisa aprová-la, nem mesmo conhecê-la: a ideologia é uma espécie de *Id* sociológico que salta por cima das suas intenções conscientes e o faz defender seus privilégios de classe mesmo ele quando imagina estar fazendo precisamente o contrário⁴⁶.

Com base nessas considerações, o autor tece duras críticas aos ideais de esquerda e seus adeptos, pondo em cheque não apenas as suas intenções, mas essencialmente as suas convicções e o seu caráter. Para ele, os esquerdistas costumam carregar um ar de superioridade por estarem mais próximos dos anseios dos mais pobres. Porém, reservam para si as intenções mais nefastas, não diferindo em nada de políticos sem caráter da direita que, segundo ele, são considerados maus por seus posicionamentos, em uma relação direta entre maldade e direitismo político⁴⁷.

Sendo assim, podemos perceber que ambos os lados, esquerda e direita, comunistas e anticomunistas, possuem elaborações ideológicas e teóricas. Isto esvazia as tentativas de tratar do assunto como tábula rasa das paixões políticas e, por outro lado, potencializa a importância de conhecer o tema. É só a partir dessa postura que podemos minimizar a estereotipia e as caricaturas do senso comum.

De tal modo, sem optar pelo maniqueísmo ou mesmo vislumbrar a questão comunismo x anticomunismo sob o parâmetro de uma dualidade entre o bem e o mal, apresentamos aqui os principais aspectos de tais ideologias, tratando de suas matrizes. Cabe-nos agora prosseguir com nossos esforços de análise tratando do fenômeno anticomunista no estado do Rio Grande do Norte, onde o mesmo esteve diretamente relacionado à religiosidade católica.

1.3 O Anticomunismo católico e o Rio Grande do Norte

Analisando a construção e disseminação do discurso anticomunista no Brasil, torna-se clara a participação ativa de uma entidade legitimadora e incentivadora da luta contra as

⁴⁶ *Idem. O imbecil coletivo*. 2006, p. 176.

⁴⁷ *Idem.*

ideologias de esquerda, a Igreja Católica. Em grande parte dos momentos que aqui estudamos, desde as primeiras críticas até a sistematização do pensamento reacionário, esta instituição religiosa faz tremular a sua bandeira hasteada a favor do direitismo político⁴⁸.

Como é de conhecimento geral, a profissão de fé católica sempre esteve na base dos valores nacionais do Brasil. Desde sua constituição inicial, a Igreja se fez presente legitimando o poder secular e orientando seus fiéis. Essa realidade continuou a se apresentar durante o período que compreende o século XX, no qual a maior parcela da população brasileira continuava a ser católica.

Considerando a fé e a devoção do povo, aliadas a obediência aos valores pregados pelo catolicismo e a grande quantidade de seus representantes espalhados por todo o país, facilmente atentamos para o poder de doutrinação e disseminação que esta instituição possuía. Além disso, os líderes católicos que pregavam o anticomunismo apresentavam a Igreja como única instituição capaz de salvar o país das mãos de um inimigo carnal e espiritual, transferindo o embate político para o plano espiritual.

Observando esse quadro, temos a Igreja Católica desempenhando o papel de protagonista no cenário das disputas políticas entre direita e esquerda. Não à toa multiplicou-se por todo o país as pregações contrárias à doutrinação comunista, os grupos e associações de luta anticomunista, as revistas e os jornais. Nestes veículos da imprensa, circulavam, sobretudo, as orientações católicas para lidar com o problema comunista e também as ideologias que justificavam o seu posicionamento.

Neste sentido, nos cabe destacar o trabalho desempenhado pela Revista *A Ordem* e pelo centro Dom Vital. Ambos foram criados pelo intelectual convertido ao cristianismo Jackson de Figueiredo⁴⁹, respectivamente em 1921 e 1922, com a intenção de promover um

⁴⁸ Cabe ressaltar que quando falamos de uma Igreja de direita, estamos nos referindo a uma ala mais conservadora dessa instituição em conjunturas específicas da história do Brasil, como é o caso do período por nós estudado no segundo capítulo desta dissertação, que compreende os anos de 1935 a 1945.

⁴⁹ Jackson de Figueiredo Martins nasceu em Aracaju, em 1891. Bacharel em direito, dedicou-se à política e ao jornalismo. Seu nome é ponto de referência na história do catolicismo brasileiro como organizador do movimento católico leigo. Entre 1921 e 1922, fundou o Centro Dom Vital e a revista *A Ordem*, através dos quais combateu o comunismo, o liberalismo e a revolução de modo geral. A sua proposta era reunir leigos e religiosos que se dedicassem aos estudos da doutrina católica. Foi através de sua obra que o pensamento conservador, tradicionalista ou reacionário foi introduzido no Brasil. Colaborador em vários jornais e revistas, como a *Gazeta de Notícias* e *O Jornal*, produziu, entre outras obras, *Afirmções* (1921), *A reação do bom senso* (1922) e *A coluna de fogo* (1925). Faleceu em 1928. Fonte: Dossiê "A Era Vargas: dos anos 20 a 1945". Disponível no sítio

processo de “recatolicização” do Brasil. O centro Dom Vital tornou-se o maior núcleo irradiador do ideário anticomunista católico brasileiro, divulgando o pensamento dos intelectuais da Igreja que se replicavam em várias partes do país através da imprensa que reproduzia os seus artigos⁵⁰.

Além de Jackson de Figueiredo, cabe-nos aqui destacar a atuação de outros três grandes nomes da intelectualidade católica nas décadas de 1920 e 1930. São eles: Alceu Amoroso Lima⁵¹, Leonel Franca⁵² e Dom Sebastião Leme⁵³. Esses intelectuais foram os

eletrônico: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jackson_de_figueiredo. Acesso em: 06/05/2014.

⁵⁰ RODRIGUES, Cândido Moreira. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica/Fapesp, 2005, p. 15.

⁵¹ Alceu Amoroso Lima (Pseudônimo Tristão de Athayde) nasceu na cidade de Petrópolis, a 11 de dezembro de 1893. Filho de Manuel José Amoroso Lima e de Camila da Silva Amoroso Lima, faleceu em Petrópolis, Rio de Janeiro, a 14 de agosto de 1983. cursou o Colégio Pedro II e formou-se em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1913. Crítico literário e polígrafo adotou o pseudônimo de Tristão de Ataíde. Em 1926 publicou o livro "Afonso Arinos"- estudo crítico sobre a obra do escritor mineiro falecido em 1916. Em "Estudos" reuniu, em cinco séries, trabalhos de crítica datados do período 1927-1933, sendo considerado o crítico do modernismo. Convertido ao catolicismo por influência de Jackson de Figueiredo, Alceu tornou-se um dos mais respeitados paladinos da Igreja Católica no Brasil. Assumiu a direção do Centro Dom Vital, que congregava os líderes do catolicismo no Rio de Janeiro. Na década de 1930 é incansável a produção editorial de Alceu Amoroso Lima: "Introdução à Economia Moderna"(1930); "Preparação à Sociologia (1931); "No limiar da Idade Nova"(1935); "O Espírito e o Mundo"(1936); "Idade, Sexo e Tempo" (1938). Com a morte de Miguel Couto em 1934, Alceu Amoroso Lima candidata-se à vaga deixada na Academia Brasileira de Letras pelo ilustre clínico. Eleito, tomou posse no ano seguinte. Catedrático de Literatura Brasileira na Faculdade Nacional de Filosofia, foi um dos fundadores, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, foi Diretor de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos (1951). Além dos livros acima citados, desenvolveu Alceu grande atividade jornalística e ministrou cursos sobre civilização brasileira em universidades estrangeiras, inclusive na Sorbonne e nos Estados Unidos. Como articulista o *Jornal do Brasil*, destacou-se no combate ao regime militar. Fonte: <http://www.academia.org.br>. Acesso em: 20/05/2015. O volume 3 do *Dicionário histórico-biográfico brasileiro*, organizado pela FGV e pelo CPDOC também apresenta uma biografia da vida de Alceu Amoroso Lima. Para consultas, segue a referência: ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro (Pós-1930)*. 2ª Ed. V. 3. Rio de Janeiro: Ed. FGV/ CPDOC, 2001, p. 3129-3132.

⁵² Fundador e primeiro reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Padre Leonel Edgard da Silveira Franca nasceu em 06 de janeiro de 1893, em São Gabriel, Rio Grande do Sul. Homem de profunda influência cultural e religiosa no Brasil, Padre Leonel Franca dedicou cerca de seus últimos dez anos à fundação e consolidação da primeira universidade particular do país. Conferencista de cultura profunda e vasta, suas palestras representavam acontecimento intelectual de primeiro plano. Nessas ocasiões levava a auditórios lotados figuras ilustres como Epietácio Pessoa, Pandiá Calógeras, Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Sobral Pinto e Murilo Mendes. Leonel Franca ensinou aos estudantes jesuítas no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, onde estudara anos antes. Transferiu-se definitivamente para o Rio de Janeiro em 1927, onde publicou suas obras mais importantes como "O Divórcio" e "A Psicologia da Fé" e foi nomeado para o Conselho Nacional de Educação, do qual foi um dos fundadores em 1931. Em 1939 o Concílio Plenário dos Bispos do Brasil decidiu criar a Universidade Católica do Brasil, no Rio de Janeiro. Dom Sebastião Leme, Cardeal Arcebispo do Rio encarregou seu conselheiro, Pe. Franca, de incumbir-se desta missão. Disponível no sítio eletrônico: http://www.fplf.org.br/fplf_franca.asp. Acesso em: 25/05/2015.

⁵³ Sebastião Leme de Oliveira Cintra nasceu no município de Espírito Santo do Pinhal, atual Pinhal (SP), em 1882. Clérigo católico, ingressou no Seminário Menor Diocesano de São Paulo, em 1894. Tendo se destacado em seus estudos, foi enviado para Roma em 1896, onde estudou filosofia na Universidade Gregoriana. Em 1922,

pilares do pensamento e da ação católica nesse período em que se visava à recuperação do prestígio da Igreja junto à política e à sociedade nacionais, modelo expresso de maneira muito clara na aproximação entre Igreja e Estado no governo Vargas.

Também merecem relevo as figuras de Plínio Salgado e Gustavo Barroso, que estiveram diretamente relacionados à construção e divulgação do pensamento anticomunista. Os mesmos possuíam relação direta com os demais intelectuais aqui considerados, porém o seu anticomunismo estava mais relacionado a uma questão política, destacando-se o Integralismo de Plínio e a postura antissemita de Barroso⁵⁴. Sendo assim, procuramos enfatizar as querelas do anticomunismo católico, representado pelo Centro Dom Vital e sua revista.

As principais doutrinas perpassadas nas linhas da revista *A Ordem* apontavam para uma crítica ao racionalismo e a laicização do poder, propagados pelo ideal de Estado Moderno Europeu, fruto da Revolução Francesa. Isto é um reflexo da aproximação entre Igreja e Estado durante os anos do período Vargas, uma relação que visava à cooperação entre

apoiou Jackson de Figueiredo na criação do Centro Dom Vital, órgão voltado para o estudo e difusão do catolicismo. Em 1925, junto com Jackson de Figueiredo, buscou introduzir duas modificações na Constituição: a instituição da obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas e o reconhecimento oficial do catolicismo como religião da maioria dos brasileiros. Ambas as propostas foram, contudo, rejeitadas. Em 1933, com o início do processo de reconstitucionalização do país, organizou e dirigiu a Liga Eleitoral Católica (LEC), associação civil de âmbito nacional, cujo objetivo era apoiar candidatos de diversos partidos, que concordassem com seu programa, nas eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, marcadas para aquele ano. Dessa maneira, a LEC evitou constituir-se ela própria em um partido, bem como vincular-se prioritariamente a qualquer um deles, como pretendeu os líderes da Ação Integralista Brasileira (AIB). Dom Leme moveu intensa campanha contra o trabalho do pedagogo Anísio Teixeira à frente da Secretaria de Educação do Distrito Federal, durante o governo de Pedro Ernesto Batista. Alinhado ao Movimento da Escola Nova, Anísio defendia um ensino público gratuito e laico, o que se chocava frontalmente com o projeto educacional da Igreja. Após a eclosão, em 1935, de levante armado deflagrado por membros da Aliança Nacional Libertadora (ANL) - frente anti-fascista e anti-imperialista, integrada por comunistas, socialistas e "tenentes" de esquerda - as pressões sobre Anísio Teixeira, acusado de envolvimento no episódio, intensificaram-se e o secretário de Educação de Pedro Ernesto acabou sendo afastado. Ainda com relação à luta política no Distrito Federal, Dom Sebastião Leme estimulou a atuação do cônego Olímpio de Melo, que substituiu Pedro Ernesto na prefeitura e instituiu o ensino religioso nas escolas públicas da capital federal. Com a instalação da ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937, dom Sebastião Leme procurou evitar manifestações do clero que pusessem em risco as relações entre Estado e Igreja. Em 1942, solidarizou-se com Vargas quando do rompimento diplomático do Brasil com as potências do Eixo. Defensor da criação de uma universidade católica, teve seu projeto concretizado no início da década de 40, quando foi criada no Rio de Janeiro a Pontifícia Universidade Católica (PUC). Morreu em 1942, no Rio de Janeiro. Disponível no sítio eletrônico: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/sebastiao_leme. Acesso em: 20/05/2015. Biografia completa em: ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro* (Pós-1930). 2ª Ed. V. 3. Rio de Janeiro: Ed. FGV/ CPDOC, 2001, p. 3087-3091.

⁵⁴ Como se é sabido, o anticomunismo se apresenta de diversas formas e em diversas correntes. A obra *Intelectuais & Comunismo no Brasil* (2011), organizada por Cândido Rodrigues e Jefferson Barbosa traz à luz o pensamento de alguns dos principais intelectuais brasileiros sobre a temática do comunismo, como é o caso de Gustavo Barroso, Alceu Amoroso Lima, Miguel Costa, Plínio Salgado e Jorge Amado.

as duas instituições, ambas ganhando força e legitimidade, ao passo que o presidente vislumbrava articular a centralidade do seu poder, e os católicos buscavam recuperar o seu prestígio⁵⁵.

Figura 1 – Jackson de Figueiredo.



Fonte: <http://jacksondefigueiredo.blogspot.com.br>.
Acesso em: 09/06/2014.

Figura 2 – Alceu Amoroso Lima.



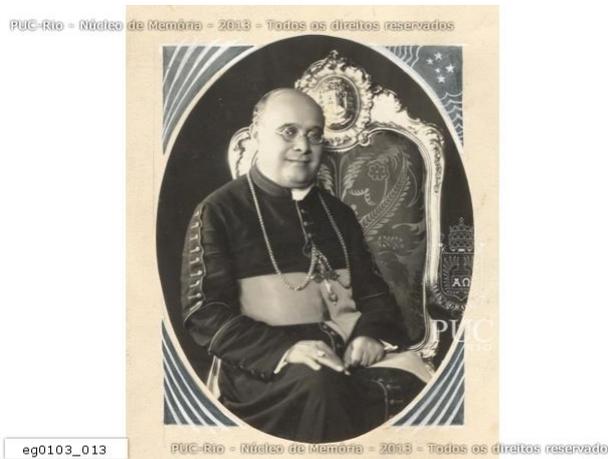
Fonte: <http://www.academia.org.br>.
Acesso em: 20/05/2014.

Figura 3 – Padre Leonel Franca.



Fonte: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/>.
Acesso em: 25/05/2015.

Figura 4 – Dom Sebastião Leme.



Fonte: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/>.
Acesso em: 25/05/2015.

⁵⁵ PEIXOTO, Renato A. **A crise de 1935 no Rio Grande do Norte: a tensão entre as identidades estadual e nacional por meio do caso norte-rio-grandense.** In.: _____. *Anais do VI Simpósio Internacional Estados Americanos*. Natal: UFRN, 2012, p. 297.

Os ideais católicos se baseiam, sobretudo, no conservadorismo e na tradição, através da discussão de intelectuais como Edmund Burke, Louis Ambroise De Bonald e Joseph De Maistre. Segundo Rodrigues,

Burke considera a Revolução Francesa produto de uma razão filosófico-abstrata que teria como corolário a desordem e a violência. Tal concepção é justificada por ele por meio da ideia de que, ao postular o estabelecimento da liberdade e igualdade como preceitos universais, os revolucionários franceses teriam voltado as costas à natureza. Sua concepção de natureza compõe-se por definições tanto teológicas (Providência Divina) como empíricas (conhecimento prático da natureza adquirido pelos homens como produto da experiência)⁵⁶.

Desse modo, podemos observar que a crítica feita por Burke à Revolução Francesa reside no fato de os rebeldes não admitirem a existência de uma autoridade que pudesse governar nos moldes aristocráticos, legitimada pela tradição religiosa ou mesmo pelo poder concedido por Deus. Assim, abria-se espaço para rebeliões. O oposto, portanto, do que teria ocorrido na Inglaterra com a Revolução Gloriosa, onde a monarquia foi mantida. Assim, o pensamento de Edmund Burke acabou influenciando alguns pensadores que, por sua vez, teriam posicionamentos mais reacionários. São eles De Bonald e De Maistre, que avançam no campo do pensamento antirrevolucionário.

Em De Bonald, dois temas merecem destaque: a ideia de que a Constituição escrita é um absurdo, fruto do egoísmo e da religião protestante, e a consequente negação da individualidade burguesa. Portanto, uma Constituição escrita só teria sentido quando a sociedade não estivesse constituída naturalmente. Tal seria o caos dos regimes despóticos, aristocráticos e democráticos. Neles a forma estaria aquém, ou além do conteúdo⁵⁷.

No trecho, observa-se que De Bonald considera a ideia de organização natural do poder e da ordem, que por ser divinizada, não poderia ser subvertida. Esse ideário antirrevolucionário está frequentemente presente nas páginas de jornais e publicações de

⁵⁶ RODRIGUES. *Op. Cit.*, p. 24.

⁵⁷ *Idem.* p. 41.

cunho anticomunista, seja condenando posturas revolucionárias, seja exaltando o passado medieval, tido como tempo ideal, onde todos sabiam seu lugar social e estavam subordinados à Igreja e à vontade divina. Esses aspectos também são claros na discussão levantada por outro pensador contemporâneo a De Bonald,

Tendo em mente que só a religião estava imbuída da função de atribuir o poder e legitimar a política, De Maistre lembra que o homem deveria estar de acordo com os preceitos da mesma e ainda mais com a autoridade do Papa, isso pelo fato de considerar a Igreja Católica a ‘matriz da civilização européia’. Estando o mundo temporal e supratemporal sob a égide do poder divino, ao homem não caberia fazer qualquer tipo de mudança na ordem das coisas, mas, pelo contrário, unicamente conservar o que já existia⁵⁸.

Outra corrente de pensamento que orienta a postura anticomunista católica é a crítica ao racionalismo. Esta partia dos pressupostos de intelectuais como Henri Louis Bergson, que concebia em suas análises acerca da metafísica, a ideia de intuição. Através dela, o homem seria capaz de entrar em contato com realidades exteriores a si, suprarracionais, ou seja, com o divino. “Daí depreende-se a conclusão bergsoniana da existência de um Deus criador e livre, gerador da matéria e da vida”⁵⁹.

Para Bergson, a ideia de organização social, passa também pelo campo do sensível, e não apenas pelo âmbito material, de modo que “não se pode cogitar em fundar uma moral sobre o culto da razão”.⁶⁰ Nos textos que analisamos, o racionalismo é visto como fruto de uma sociedade que se crê autossuficiente e independente do poder de Deus, algo que é apontado como um dos motivos para a sua autodestruição, sobretudo, por dar vazão a ideologias que se pautavam no anticlericalismo, como é considerado pelos religiosos o comunismo⁶¹.

⁵⁸ *Idem.* p. 52.

⁵⁹ *Idem.* p. 97.

⁶⁰ *Idem.* p. 97.

⁶¹ Podemos observar que Henri Bergson, De Bonald, De Maistre e Edmund Burke constroem discussões no âmbito da filosofia, da política e da religiosidade, sendo estas, ideias basais para o estabelecimento do pensamento católico de ordem natural e divinizada. São deles as principais fontes da intelectualidade católica brasileira. Destacamos que em nossas considerações fizemos a opção de trabalhar com a obra de Cândido Rodrigues *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos*, devido a esta enfatizar o pensamento dos autores diretamente relacionado ao anticomunismo católico. Porém, cabe ressaltar o contato com obras dos próprios pensadores. Para consultas, seguem as referências: BERGSON, Henri-Louis. *As duas fontes da moral e da*

Em se tratando dos esforços católicos no sentido de combater o comunismo no Brasil, destaca-se ainda nesse contexto a criação da Ação Católica (AC), que vem dar apoio às determinações da Igreja e do Centro Dom Vital, visando criar núcleos entre os leigos capazes de auxiliar na tarefa de combate às ideologias laicas, como o comunismo e o liberalismo⁶².

A historiadora Carla Simone Rodeghero atenta para um aspecto importante. Durante a investida anticomunista, grande parte da população brasileira não sabia sequer o que era de fato o comunismo e o que as suas ideias pregavam. Porém, o medo e a aversão à sua política eram explícitas. Esta consideração ressalta ainda mais o papel da Igreja na disseminação do combate à esquerda e também o *status* de dogma religioso que é conferido a esta querela. Ser comunista era, além de trair a pátria, trair também os seus valores cristãos⁶³.

O caráter internacional desta luta também merece relevo. A Igreja como um todo se encontrava atenta à popularização de ideias revolucionárias. Uma grande preocupação cristã neste momento se expressa pela sua postura em relação à classe operária, cada vez mais numerosa e considerada insumo para o surgimento de movimentos de contestação. Não à toa, as duas principais encíclicas papais no tocante ao anticomunismo católico despendem bastante atenção à postura de empregadores e empregados, que deve ser orientada pela Doutrina Social da Igreja⁶⁴.

Nas encíclicas *Rerum Novarum* (1891), de Leão XIII e *Divinis Redemptoris* (1937), de Pio XI, temos claramente a delimitação dos papéis de patrões e empregados, destacando a atuação da Igreja na defesa dos direitos dos trabalhadores e da sua dignidade. Podemos observar que a Igreja se coloca, portanto, como uma mediadora das relações entre patrões e

religião. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.; BONALD, Louis A. de. *Teoria del poder político y religioso*. Madrid: Tecnos, 1988. BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a revolução em França*. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.; e, MAISTRE, Joseph-Marie de. *Les soirees de Saint-Petersbourg*. Paris: Librairie Catholique Emmanuel Vitte, 1924. No artigo *Fontes para pensar a trajetória do intelectual Alceu Amoroso Lima*, escrito para revista *Patrimônio e Memória* da UNESP, Cândido Rodrigues também confere importância à figura de Juan Donoso Cortés, filósofo e político espanhol que saiu em defesa do conservadorismo, da tradição e da religiosidade. Dentre suas obras, podemos destacar: CORTÉS, Juan Donoso. *Obras completas de Juan Donoso Cortes*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1970.

⁶² PEIXOTO. *Op. Cit.* 2012.

⁶³ RODEGHERO, Carla Simone. *Religião e patriotismo*. 2002.

⁶⁴ A Doutrina Social da Igreja (DSI) é um conjunto de pressupostos ideológicos que se dedica ao tratamento de questões socioeconômicas que se tornaram evidentes no século XIX. A partir da sistematização desse pensamento, o catolicismo se inscreve nas lutas políticas, sobretudo, no concernente à luta de classes e ao comunismo. Sobre esta temática indicamos as leituras de: LANGLOIS, José Miguel I. *Doutrina Social da Igreja*. 2ª Ed. Lisboa: Reis dos livros, 1989.; e, CABRAL, Padre J. *Igreja e Marxismo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

empregados, determinando também os deveres dos primeiros para com estes últimos. De tal modo, temos uma estratégia de tentar manter a coesão social concedendo direitos a classe trabalhadora, a fim de ser também ela (a Igreja) uma voz entre as camadas populares, evitando a disseminação do comunismo.

O discurso da *Rerum Novarum* busca reafirmar a importância de preocupar-se com os bens espirituais, além de dignificar o trabalho e ressaltar a importância do Estado para defender a propriedade particular, estabelecendo os deveres da classe dominante e dos operários, que em relação a estes últimos seriam

(...) fornecer integral e fielmente todo o trabalho a que se comprometeu por contrato livre e conforme à equidade; não deve lesar o seu patrão, nem nos seus bens, nem na sua pessoa; as suas reivindicações devem ser isentas de violências e nunca revestirem a forma de sedições; deve fugir dos homens perversos que, nos seus discursos artificiosos, lhe sugerem esperanças exageradas e lhe fazem grandes promessas, as quais só conduzem a estéreis pesares e à ruína das fortunas⁶⁵.

Os patrões também teriam as suas obrigações, que residiam na esfera de pagar um salário justo, não explorar seus funcionários a exaustão, e, principalmente, zelar pela salvação dos mesmos. Observamos no texto essas ideias basais, não apenas ao referir que a igualdade humana é irrealizável, mas também ao pregar que essa diferença não pode gerar o choque, e sim contribuir para a construção da “harmonia social”. Segundo o papa, a igualdade deve ser buscada unicamente em Deus, pois a desigualdade social é mais que uma realidade, é uma “condição humana”, de modo que a pregação comunista e socialista não passa de um falso idealismo.

A encíclica *Rerum Novarum* também se dedica a discutir a questão das greves que, segundo o pontífice, deveriam ser banidas, já que “causam dano não só aos patrões e aos mesmos operários, mas também ao comércio e aos interesses comuns; e em razão das violências e tumultos, a que de ordinário dão ocasião, põem muitas vezes em risco a tranquilidade pública.”⁶⁶ Sendo assim, o catolicismo se pauta na conformação social por meio

⁶⁵ LEÃO XIII. *Rerum Novarum*. 1891.

⁶⁶ *Idem*.

do contrato, e não da luta. A partir desse aspecto, delineia-se a construção discursiva e imaginária do anticomunismo. Se para os católicos era interessante promover a manutenção da ordem política, econômica e social, das quais a Igreja sempre foi uma instituição controladora e legitimadora, os esquerdistas defendiam o exato oposto, que só o conflito de classes seria capaz de reorganizar as estruturas, e que a igualdade deveria ser buscada através da luta.

A partir de então, podemos observar que os comunistas passam a ser demonizados, pois estão frequentemente envolvidos em disputas pelos bens materiais, que não levariam a “nada além da danação e da destruição”. Observamos aí, que o discurso católico ressignifica as considerações comunistas de igualdade em âmbito social e econômico, transportando-as para a esfera espiritual, tratando-as como uma busca desenfreada pelo materialismo e pelo dinheiro, o que lhes torna passíveis de condenação pela ganância. Em se tratando deste aspecto, emerge uma das justificativas mais utilizadas pelos anticomunistas católicos: o materialismo ateu. Segundo eles, os comunistas além de não ter religião e não acreditar na existência divina, ignoram também os valores espirituais, colocando em seu lugar o apego ao dinheiro e aos bens materiais⁶⁷.

A situação norte-rio-grandense em torno da questão anticomunista é, de fato, merecedora de análises. Em primeiro lugar por que temos no estado, um espaço marcado pela disputa política sempre viva e contraditória. Somos um território vasto e heterogêneo, que compreende ao mesmo tempo uma capital turística, voltada para a circulação de pessoas de diversas partes do mundo e marcada historicamente pelo cosmopolitismo; enquanto temos também outro forte polo de desenvolvimento localizado na região seridó, caracterizada pelos valores da família, da tradição e da religiosidade.

Esta breve consideração é bastante interessante, pois revela uma característica potiguar: a dicotomia e a disputa entre o tradicional e o moderno. O mesmo estado que foi e continua a ser dominado por oligarquias, foi aquele que deflagrou a primeira insurreição comunista armada da América do Sul. Outra contradição se expressa, por exemplo, na força

⁶⁷ É este o mote da justificativa para a representação do comunismo como uma ideologia defensora do materialismo ateu. Para uma melhor compreensão deste pensamento, indicamos a leitura de: ROCHA, André M. *Leo Strauss e o pretense “materialismo ateu”*. In.: _____. Cadernos Espinosanos, São Paulo, n.30, p.203-213, jan-jun 2014.

dos grupos políticos locais em oposição à política centralizadora do governo Vargas e, por outro lado, o alinhamento de interesses com o varguismo dos grupos ligados ao catolicismo.

Neste mesmo contexto de contradições e disputas, o período republicano no Rio Grande do Norte é marcado, sem dúvidas, por um cenário político bastante conturbado. De um lado, temos os aliados da política centralizadora de Vargas e suas interventorias federais, reunidos na Aliança Social. De outro, as antigas oligarquias locais, insatisfeitas e organizadas no Partido Popular. Além desses dois grandes blocos, figuram ainda os sindicalistas, os comunistas e os cafeístas, defensores dos ideais de Café Filho⁶⁸.

Em meio ao fervilhar de ideais tão díspares e posicionamentos políticos, por vezes, irreconciliáveis, observa-se que as organizações sindicais vão ganhando força cada vez maior, juntamente com a política esquerdista. A grande importância adquirida pela figura de João Café Filho⁶⁹ neste contexto é bastante representativa da força de expressão das vozes dissonantes da polarização entre os dois grupos dominantes.

⁶⁸ PEIXOTO, Renato A. *Católicos a postos! A relação entre a Ação Católica e a Ação Integralista no Rio Grande do Norte até o Levante Comunista de 1935*. In.:____. Anais do IV Encontro Estadual de História, Natal: ANPUHRN, 2010.

⁶⁹ João Café Filho nasceu em Natal (RN) no dia 3 de fevereiro de 1899. A atividade regular de Café Filho no campo do jornalismo começou em 1921, quando fundou o *Jornal do Norte*, impresso nas oficinas de *A Opinião*, órgão oposicionista. Disputou, sem êxito, uma cadeira de vereador em Natal no ano de 1923. Mudou-se para Recife em 1925, tornando-se diretor do jornal *A Noite*, onde passou a escrever reportagens e propaganda política. Mudou-se para o Rio de Janeiro no início de 1929, tornando-se redator do jornal *A Manhã*. Durante a Revolução de 1930 Café Filho transferiu-se para o Rio Grande do Norte, onde foi nomeado chefe de polícia. Fundou em abril de 1933 o Partido Social Nacionalista (PSN) do Rio Grande do Norte, organizado para concorrer às eleições de maio seguinte para a Assembléia Nacional Constituinte. Afastado da chefia de polícia, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como inspetor no Ministério do Trabalho até julho de 1934. Quando Vargas foi reeleito em outubro de 1950, Café Filho obteve a vice-presidência. Além disso, também foi reeleito deputado federal pelo Rio Grande do Norte. Em 22 de agosto de 1954 um grupo de oficiais da Aeronáutica liderados pelo brigadeiro Eduardo Gomes, lançou um manifesto, assinado também por oficiais do Exército, exigindo a renúncia do presidente que, mesmo assim, manteve sua posição de permanecer no cargo. No dia seguinte Café Filho discursou no Senado comunicando a negativa de Vargas em aceitar a renúncia conjunta, e seu pronunciamento foi considerado um rompimento público com o presidente. A situação se agravou com a divulgação, no dia 23, de um manifesto assinado por 27 generais exigindo a renúncia de Vargas. Na madrugada seguinte, Café deixou clara sua disposição de assumir a presidência, ao mesmo tempo que Vargas comunicava a seu ministério a decisão de licenciar-se. Procurado por jornalistas e líderes políticos, Café mostrou-se disposto a organizar um governo de coalizão nacional caso o presidente se afastasse em caráter definitivo. Nas primeiras horas do dia 24, depois de receber um ultimato dos militares para que renunciasse, Vargas suicidou-se. A grande mobilização popular então ocorrida desarmou a ofensiva golpista e inviabilizou a intervenção militar direta no governo, garantindo a posse de Café Filho no mesmo dia. Na madrugada de 22 de novembro, o Congresso aprovou o impedimento de Café, confirmando Nereu Ramos como presidente até a posse de Juscelino em janeiro seguinte. Em 1961, foi nomeado pelo governador Carlos Lacerda ministro do Tribunal de Contas do Estado da Guanabara, onde permaneceu até aposentar-se em 1969. Casou-se com Jandira Fernandes de Oliveira Café, com quem teve um filho. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 20 de fevereiro de 1970. Disponível no sítio eletrônico: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/joao_cafe_filho. Acesso em: 25/05/2015. Biografia completa

A influência comunista na política potiguar tornou-se de fato uma preocupação com as reivindicações e greves promovidas pelos sindicatos, e a partir da constatação de ideias de esquerda em grupos de militares e membros das forças armadas, fazendo com que o seu combate se tornasse uma meta. O comunismo deixara de ser um espectro, uma sombra distante. Agora ele apresentava-se como um perigo real. Com a eclosão da rebelião no 21º Batalhão de Caçadores (BC) da cidade do Natal, em novembro de 1935, e a participação de alguns membros do PC na investida, tal ato ficou posteriormente conhecido como “Intentona Comunista”, servindo como motivo de condenação aos comunistas.

Poucos episódios foram tão importantes quanto o levante de 1935 para a história do anticomunismo brasileiro. A partir dele, toda a pregação e doutrinação contrária aos esquerdistas ganhou força e legitimação. Estava provado que o tão propagado “perigo vermelho” era real. Não só no Rio Grande do Norte, mas em todo o Brasil, os dias de revolta inspiraram os intelectuais de diversas matrizes do pensamento, a dedicar linhas de seus escritos e análises. Dentre eles não faltariam, certamente, muitos comprometidos com a bandeira anticomunista. Os mesmos rapidamente trataram de narrar os fatos da “sombria dominação vermelha”. Alguns de maneira séria e comedida, enquanto outros se empenharam em criar mitos e histórias horripilantes, facilmente desconstruídas com uma análise historiográfica suficientemente profunda.

O fato é que, ao assumir a direção dos acontecimentos da revolta, o Partido Comunista deu aos seus algozes o que eles mais necessitavam: motivos para demonizá-lo, persegui-lo e representa-lo como um perigo para a sociedade e a política nacional. Diversos periódicos por todo o Brasil destacaram as ações da rebelião e após o seu fim, deram prosseguimento ao trabalho de representação anticomunista, recorrendo frequentemente à memória de novembro de 1935.

No Rio Grande do Norte, muitos jornais divulgaram as ações criminosas dos comunistas e se posicionaram de maneira contrária ao seu pensamento e seu modo de agir. Porém, não podemos deixar de conferir o merecido destaque ao jornal *A Ordem*. Homônimo à revista do Centro Dom Vital, este periódico lançou-se em uma batalha ferrenha contra os comunistas. Cabe ressaltar que o *A Ordem* é um veículo da imprensa católica e que este

em: ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro (Pós-1930)*. 2ª Ed. V. 1. Rio de Janeiro: Ed. FGV/ CPDOC, 2001, p. 917-924.

representou a maior expressão do anticomunismo em terras potiguares, unindo em suas páginas as convicções de duas matrizes, o anticomunismo por posicionamento político e religioso.

Em seus esforços de pesquisa, o professor Renato Amado Peixoto, ao abordar as questões referentes ao ano de 1935 no Rio Grande do Norte, trata do período como um momento de crise, em que os mais diversos setores da política entraram em conflito de interesses, dando vazão à ação dos grupos rebeldes. A partir daí, dá-se a reação católica, caracterizada por uma forte propaganda anticomunista divulgada, sobretudo, no jornal *A Ordem*.

No caso da ‘Crise de 1935’, é necessário notar que o Centro Dom Vital foi o principal estímulo para os intelectuais católicos norte-rio-grandenses e que a Ação Católica foi o detonador de um movimento que teria o jornal ‘A Ordem’, da Diocese de Natal como seu veículo. Note-se que o jornal da Diocese de Natal era homônimo da principal revista editada pelo Centro Dom Vital⁷⁰.

O estado do Rio Grande do Norte, sempre apresentou maioria católica, fato que explica a popularidade do jornal *A Ordem*, o seu poder de doutrinação e a disseminação do ideal anticomunista. Cabe ressaltar aqui que, no período que consideramos para análise, entre os anos de 1935 e 1945, grande parte da população do estado era analfabeta. Isto nos permite saber que os artigos doutrinários se destinavam a uma elite letrada católica, e principalmente, aos não católicos, a fim de que viessem a professar a sua fé. Já os demais grupos eram doutrinados por meio dos sermões e rituais, em um processo no qual o comprometimento dos padres com o anticomunismo era de primeira importância para divulgação deste ideário para a grande população.

A Igreja Católica esteve, portanto, empenhada em transformar o estado em um grande bastião da moralidade e do respeito aos valores cristãos. De tal modo, não hesitou diante da ameaça comunista. Tratou de, rapidamente, propagar os seus ideais e pregar contra a esquerda

⁷⁰ PEIXOTO. *Op. Cit.* 2012, p. 297-298.

política. Um exemplo disso é o Congresso Eucarístico de São José de Mipibu, realizado em meio a crise de 1935, por meio do qual a Igreja busca criar uma identidade⁷¹.

Desse modo, podemos observar que, diante de situações de risco como acenou a tomada do poder em 1935, e mesmo a disseminação da ideologia comunista entre grupos políticos e sociais, a instituição Igreja Católica não se daria por vencida, investindo num pesado arsenal de imagens e discursos de combate. Processo do qual o jornal *A Ordem* foi um protagonista em solo potiguar.

⁷¹ PEIXOTO, Renato A. *Duas Palavras*: os holandeses no Rio Grande e a invenção da identidade católica norte-rio-grandense na década de 1930. In.: _____. Ponta Grossa: UEPG/PR. Rev.Hist.Reg.v.19i1.0002. 2014.

2. FABRICAÇÃO DO MEDO: A LEGITIMAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA POR MEIO DO DISCURSO ANTICOMUNISTA NO RIO GRANDE DO NORTE

“O Comunismo pretende iniciar uma nova era e uma nova civilização, fruto somente de uma cega evolução: uma humanidade sem Deus”.

Pio XI

A frase apresentada acima figura no alto da segunda página do jornal *A Ordem*, em edição publicada no dia 27 de novembro de 1945. Mais que propagar um discurso anticomunista no Rio Grande do Norte, o editorial buscava também chamar os seus leitores para efetiva luta política e ideológica contra os esquerdistas. Esta não é a única frase com esse caráter nesta edição do jornal, nem em diversas outras. *A Ordem*, periódico católico, era um dos principais veiculadores desse tipo de propaganda. Cabe-nos, neste capítulo, investigar como a Igreja Católica se utilizou da memória de 1935 para construir e divulgar o discurso anticomunista, disseminando o medo e legitimando assim o seu poder e a sua influência junto a grupos da direita política⁷².

O anticomunismo emerge, em nosso país, como uma bandeira defendida, sobretudo, pelos grupos políticos de direita e pela Igreja. A força das “ideologias vermelhas” junto às camadas populares fez dos comunistas o alvo principal dos órgãos de repressão, sobretudo no governo Vargas. Segundo a historiadora Beatriz Brusantin,

Recaiu sobre os comunistas a parte mais apurada da repressão ao longo de todo século XX. Primeiro, porque eles representavam uma ideologia de

⁷² Neste sentido, cabe destacar os trabalhos de Maria Helena Capelato em *Imprensa e História do Brasil e Os Arautos do Liberalismo*. A historiadora promove discussões acerca do papel da imprensa, como divulgadora de ideais que buscavam manter a ordem social. Seguem as duas referências: CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.; CAPELATO, Maria Helena R. *Os Arautos do Liberalismo: Imprensa Paulista. (1920-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1989. Em outra obra, a autora tece uma relação entre Brasil e Argentina, discutindo a política centralizadora e de forte controle social empreendida por Getúlio Vargas e Juan Domingo Perón, ressaltando a relação com a imprensa, a participação popular e a herança desse tipo de política para os dois países. Para consultas, segue a referência: CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

esquerda que questionava fundamentalmente as premissas do capitalismo e das lideranças que se diziam representantes da burguesia e da ‘nova ideologia’; segundo, porque eram combatidos nas ruas pelos integralistas e respondiam às provocações, utilizando-se de métodos similares; terceiro, porque realmente tentavam se organizar internacionalmente e transformar o mundo de acordo com suas concepções políticas; e quarto, porque de fato ensaiaram (ingenuamente) tomar o poder em 1935⁷³.

Para Rodrigo Motta, “a derrubada da ‘República Velha’ trouxe em seu bojo instabilidade, indefinições e, conseqüentemente, insegurança”⁷⁴. Nesse contexto, temos que a situação de incertezas políticas e a necessidade real de reformas, fez com que o ideário comunista ganhasse muita força, tornando-se uma ameaça, sobretudo, após a investida de 1935. Esta ameaça tornou-se energia vital e justificativa para os mais diversos desdobramentos observados nos anos seguintes, como, por exemplo, para legitimar as ações de grupos da direita, o caráter centralizador do governo Vargas ou mesmo o surgimento e o fortalecimento da AIB. Cabe ressaltar que a periodicidade considerada para as nossas análises neste capítulo, 1935 a 1945, é considerada pela direita política como tempo de surtos comunistas, seja pela ocorrência do levante em 1935, pelas greves e manifestações ou mesmo pela presença de um candidato apoiado pelos esquerdistas na disputa eleitoral em 1945.

Organizamos este capítulo em três eixos análise. Primeiramente, fizemos considerações acerca do jornal *A Ordem*, discutindo seus pressupostos ideológicos e a relação entre anticomunismo e imprensa. Em um segundo momento, tratamos da repercussão da rebelião de 1935 nas publicações dos jornais daquele ano. Por fim, realizamos a análise dos discursos anticomunistas reproduzidos nas edições comemorativas da “Intentona” no periódico, sempre nos meses de novembro e início de dezembro, abarcando o período entre os anos de 1936 e 1945.

Operamos neste capítulo com a metodologia de análise do discurso, que sempre atende aos interesses de algum grupo⁷⁵. Em nosso caso, analisamos a construção e disseminação do discurso anticomunista empreendidas pela Igreja Católica, observando-o como um elemento

⁷³ BRUSANTIN, Beatriz. *Na boca do sertão: o perigo político no interior do estado de São Paulo (1930-1945)*. Módulo VIII – Geopolítica do controle. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial do Estado, 2003, p.33.

⁷⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p.8.

⁷⁵ Em *A Ordem do discurso* (2013) Michel Foucault discute as questões implicadas no processo de construção de um determinado discurso, atentando para os interesses que este defende, que pretende revelar e silenciar.

que se encontra inserido nas disputas de poder e representação. Neste sentido, tomamos como norte a ideia de representação do historiador francês Roger Chartier. Para ele, a representação é a “apresentação pública de algo ou de alguém”⁷⁶. Sendo assim, “A representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é.”⁷⁷

De tal modo, temos que os embates políticos e ideológicos, tornaram-se embates de representação nas páginas do jornal *A Ordem*. Com a habilitação de falar em nome da Igreja e até mesmo do próprio Deus, os intelectuais se empenharam na atividade de construir um discurso que representava o comunismo como um elemento externo à política brasileira, perigoso, ameaçador, ateu, por vezes até mesmo demoníaco. A constante divulgação desse tipo de propaganda no impresso, aliada à atuação dos padres nos sermões e atividades religiosas foram as principais responsáveis pela ampla divulgação do anticomunismo no Rio Grande do Norte.

A partir dessa abordagem, observamos questões concernentes à criação, manipulação e disseminação de um imaginário de medo e terror ligado ao comunismo. Analisar os discursos anticomunistas e suas representações é trazer também à luz as estratégias de reelaboração dessa memória, com a construção imagético-discursiva de espaços de memória, a ser discutida mais profundamente no terceiro e último capítulo desta dissertação.

2.1 O jornal *A Ordem*

A principal fonte considerada em nossas análises para o segundo capítulo desta dissertação é o jornal *A Ordem*. Este periódico de orientação católica foi lançado no Rio Grande do Norte, em 14 de julho de 1935, por um grupo de intelectuais organizados na Aliança Social e também alinhados com o integralismo, apoiadores do governo Vargas e da política de interventorias federais, representada no estado pela figura de Mário Câmara. A

⁷⁶ CHARTIER, Roger. *A Histórica cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.20.

⁷⁷ *Idem*. p. 20.

data de lançamento do jornal é bastante representativa dos valores defendidos por ele, coincidindo propositalmente com o aniversário da Revolução Francesa, a fim de mostrar viva a reação católica contra os valores revolucionários, sobretudo, no tocante à separação entre clero e Estado⁷⁸.

O ano de fundação do impresso também não poderia ser mais oportuno: 1935. Neste momento o Rio Grande do Norte passava por um conturbado quadro político de disputas. Um cenário de grupos e interesses distintos representados por insatisfações que somadas culminariam na revolta de novembro. Em meio a esse contexto, *A Ordem* aparece como uma voz da Igreja, expressando claramente seus posicionamentos políticos, opondo-se ao jornal *A Razão*, periódico que veiculava os anseios dos grupos locais, organizados sob a bandeira do Partido Popular.

O nome do periódico também é um aspecto que merece destaque em nossas considerações. Além de fazer parte da frase positivista grafada na bandeira do Brasil, *A Ordem* é também o nome da famosa revista publicada pelo Centro Dom Vital. A igualdade dos nomes nos revela muito além de uma homogeneização do pensamento católico do período. Permite-nos também observar o compromisso selado entre os intelectuais potiguares e os cariocas do Dom Vital, que funciona como centro irradiador. Neste sentido, observamos que inúmeros são os artigos publicados originalmente na revista e reproduzidos nas páginas do jornal norte-rio-grandense.

A relação entre História e imprensa não é nova, muitos trabalhos já foram concebidos na direção de estabelecer conexões entre a invenção e a reinvenção de um passado por meio dos veículos de comunicação. Em artigo escrito por Eliezer de Souza, intitulado *A imprensa como fontes para pesquisa em História e educação*, podemos observar a discussão no tocante a utilização dos jornais, destacando que inicialmente a perspectiva historiográfica não os concebia de maneira segura, já que se tratavam de recortes sobre a realidade de um determinado tempo, e que sempre estava orientado para atender a interesses de grupos específicos. Para Souza, só a partir dos *Annales* e sua abertura histórica para novas fontes e metodologias, que o trabalho com os periódicos tornou-se aceito e legitimado

⁷⁸ PEIXOTO, Renato A. *Católicos a postos!* (2010).

academicamente, partindo do pressuposto de que o discurso apresentado nos jornais é uma versão construída acerca dos fatos⁷⁹.

As novas perspectivas historiográficas propostas pelos *Annales* trouxeram para os trabalhos uma visão diferente sobre a produção de versões acerca de um determinado passado. Os holofotes antes voltados apenas para os grandes nomes, fatos e datas, passaram agora a revelar novos objetos e um leque de diferentes interpretações. A História Cultural, além de trazer à luz o protagonismo de novos atores sociais, provocou também a utilização de novas fontes e, conseqüentemente, demandou a operação com novas metodologias⁸⁰. Em nossa pesquisa, essa abordagem nos guiou no sentido de construir uma compreensão ampla do discurso anticomunista nas séries comemorativas do *A Ordem*, assim como as análises quantitativa e qualitativa de nossa fonte.

Em nosso trabalho, a imprensa aparece de maneira diretamente relacionada ao anticomunismo, tendo em vista que *A Ordem* é um periódico em que a campanha de aversão à esquerda política é realizada de maneira efetiva, principalmente pelo fato de ser um jornal de orientação católica. Simone Rodeghero afirma que

Uma das instituições que mais se dedicaram ao combate ao comunismo no Brasil foi a Igreja Católica. O anticomunismo católico no Brasil se organizava a partir da infra-estrutura já existente na Igreja e se beneficiava das boas relações que a hierarquia mantinha com governos e grupos dominantes. Era veiculado através de pronunciamentos de autoridades católicas em jornais, alocações radiofônicas, solenidades de inauguração, missas especiais. Recheava as páginas de jornais católicos e permeava o conteúdo de programas de rádio; era difundido nas escolas, nos grupos da Ação Católica, nos seminários onde se formavam os novos padres. Circulava na forma de livros, revistas, cartazes, panfletos e santinhos, impressos nas gráficas e editoras católicas. Foi, muitas vezes, canalizado através do trabalho de entidades como a Liga Eleitoral Católica (LEC), os Círculos Operários (COs) e as Frentes Agrárias. Transformou-se em tema para os sermões dominicais nas pequenas e grandes paróquias espalhadas pelo País, pregação que permanece na memória de muitos católicos até hoje.

⁷⁹ SOUZA, Eliezer. *A imprensa como fontes para pesquisa em História e educação*. In: VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, sociedade e educação no Brasil." Campinas/SP: HISTEDBR, 2009, p. 9-11.

⁸⁰ A leitura das obras do historiador inglês Peter Burke é indicada para conhecer um pouco mais sobre a Escola dos *Annales* e as inovações no saber e no fazer historiográfico provocadas pela ascensão da História Cultural. Dentre sua produção destacamos: *A escola dos Annales* (1990); *O que é História Cultural?* (2008) e *Variedades de história cultural* (2000).

Incentivou multidões a irem às ruas para rezar o terço, pedindo proteção a Deus contra a ameaça do comunismo⁸¹.

De tal modo, temos em primeiro lugar uma Igreja forte e atuante politicamente. No período que aqui consideramos para estudo, os membros da entidade católica não estão preocupados apenas com a salvação das almas e a pregação do evangelho de Cristo. Encontram-se empenhados e comprometidos com as disputas políticas. Para tanto, era de primeira importância contar com o apoio da mídia impressa. Assim, as ideias propagadas nos sermões e encontros de leigos e religiosos eram capazes de romper as paredes das igrejas, chegando aos mais diversos grupos sociais.

O caráter ativo da intelectualidade católica norte-rio-grandense também se justifica pela aproximação de grande parte dos membros do jornal com o integralismo. Essa corrente de pensamento político define-se pela aversão aos valores revolucionários e ao pensamento marxista. Para os integralistas, um Estado só estaria bem constituído se houvesse hierarquia e obediência à ordem. Sendo, portanto, um grupo da direita política, tinha no cerne de suas concepções a Doutrina Social da Igreja. Os integralistas brasileiros se organizaram em torno da AIB, liderados por Plínio Salgado⁸². No Rio Grande do Norte, muitos intelectuais aderiram ao integralismo, que não apenas visava discutir ideias, mas também realizar uma campanha ativa de defesa dos seus princípios e luta contra os preceitos contrários, convidando todos para seu embate, por vezes violento. Destacamos aqui a figura de Luís da Câmara Cascudo⁸³, um dos principais intelectuais potiguares, que também estava ligado ao integralismo.

Sobre questões pertinentes ao trabalho com jornais, observamos alguns problemas enfrentados por nós pesquisadores, como a má preservação de alguns materiais e as dificuldades de acesso aos arquivos. Em nossa pesquisa, o acesso aos documentos não se apresentou como uma grande barreira, tendo em vista que pudemos contar com livre acesso em todos os arquivos em que pesquisamos, além da simpatia e disponibilidade dos membros

⁸¹ RODEGHERO, Carla S. *Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, n.44, p. 463-487, 2002.

⁸² A temática do integralismo já foi brevemente abordada por nós no primeiro capítulo desta dissertação. Sendo assim, citamos aqui algumas leituras completares a título de indicação: CHASIN, J. *Integralismo de Plínio Salgado*. (1978); SALGADO, Plínio. *Que é integralismo*. (1933) e TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. (1974).

⁸³ Para uma melhor compreensão acerca da postura de Cascudo quanto ao integralismo, indicamos a leitura de: CORTEZ, Luiz Gonzaga. *Câmara Cascudo, o jornalista integralista*. Natal: CCHLA/UFRN, 1995.

de suas equipes. Destacando ainda que os jornais do ano de 1945 nos foram disponibilizados em seu formato digital pelo NEHAD/UFRN, no sítio eletrônico do próprio núcleo de estudos.

Porém, nem sempre é possível construir o trabalho tal como o concebemos. Durante os dois anos de realização desta pesquisa, diversos jornais foram analisados, dentre eles, *A República*, *A Tribuna do Norte* e recortes de jornais paulistas. Entretanto, *A Ordem* foi escolhido por apresentar em suas páginas a propaganda anticomunista de maneira mais veemente. Além disso, a população do estado do Rio Grande do Norte, por sua tradição católica, tendeu a conferir bastante prestígio aos discursos publicados nas páginas deste periódico, considerando-se ainda que a ideologia anticomunista foi permeada por preceitos religiosos e que, em nosso estado, a maior expoente do anticomunismo foi, provavelmente, a Igreja Católica.

Cabe ressaltar também que este não foi um fenômeno exclusivo do Rio Grande do Norte. Pelo contrário, apresenta-se como uma escala local do que acontecia em esferas regional, nacional e internacional. Vivia-se um momento em que a Igreja em todo mundo apontava para um maior envolvimento com a questão social e política, o que se expressa em âmbito nacional com a aproximação entre Igreja e Estado. A própria estratégia de representação do comunismo como perigoso e violento no jornal *A Ordem*, também ocorre em outros jornais católicos do Brasil, o que demonstra a amplitude da campanha anticomunista católica. O que acontecia neste estado era um reflexo da situação global e nacional⁸⁴.

Após a análise de diversos jornais, passamos a mergulhar nas páginas do jornal *A Ordem*, de maneira sistemática. À medida que se seguiam nossas análises, um aspecto nos chamou bastante atenção. Sempre nos meses de novembro subsequentes à investida de 1935, os discursos inflamados de ódio ao comunismo se fazem presentes de maneira mais incisiva, por ocasião do aniversário da chamada “Intentona”. São nestes momentos que os esforços anticomunistas do periódico ficam mais expostos, de modo que direcionamos nosso estudo para as edições publicadas neste mês, no período de 1936 a 1945.

⁸⁴ Dentre os diversos jornais e revistas que circularam no Brasil divulgando os ideais anticomunistas católicos, podemos destacar o semanário *Estrela do Sul* e a revista *Unitas*, no Rio Grande do Sul; o jornal *O Dominical*, da Diocese do Piauí; o jornal *A Cruz*, da Arquidiocese de Cuiabá; o jornal da Arquidiocese de Mariana/MG, *O Arquidiocesano*; e, *A Tribuna*, de Pernambuco, que apesar de não ser um periódico católico, divulgou diversos artigos de caráter anticomunista escritos pelos membros da Arquidiocese de Recife e Olinda.

Nossa intenção inicial era realizar um grande levantamento do anticomunismo nas páginas do *A Ordem*, desde 1935 até os dias atuais, enfatizando os períodos em que o mesmo se apresenta mais forte. Entretanto, observamos a impossibilidade de trabalhar com um recorte temporal tão extenso. Sobretudo pelas dificuldades impostas no trato com a nossa fonte, já que há anos em que o periódico não circula. Destaca-se ainda a mudança de postura do jornal, quando em 1967 parou de publicar notícias acerca de política e deixou também de circular para o grande público. A partir dessa data, o jornal passou a ser distribuído apenas nos meios católicos, entre as paróquias e irmandades, veiculando somente notícias de caráter religioso.

Sendo assim, após o estudo das séries de publicações do *A Ordem*, direcionamos nossa discussão para uma sequência temporal de dez anos, considerando as matérias publicadas no jornal em comemoração e rememoração à novembro de 1935. Cabe ressaltar que em publicações de outras temporalidades, o discurso anticomunista continua a se fazer presente em nossa fonte, por vezes mais tímido, por vezes mais evidente devido às implicações políticas e sociais de cada momento. De tal modo, a escolha de não os trazermos à luz não se deveu à falta de artigos com esse caráter, mas sim a uma demanda organizacional do trabalho e pela evidente explosão de discursos anticomunistas nos períodos considerados.

O mais interessante de observar nas séries dos anos de 1936 a 1945 é que as mesmas apontam para a construção de uma memória e de um discurso dos acontecimentos relativos à investida rebelde de 1935. Essa constante rememoração avivada em novembro, sobretudo em momentos de crise, é bastante reveladora. Podemos, a partir desses artigos, traçar um perfil social e político do Rio Grande do Norte e do Brasil, desvendar questões relativas à manipulação da memória e abordar os mecanismos que orientam a legitimação de grupos políticos específicos e seus respectivos interesses.

Estes aspectos aparecem constantemente nas páginas dos periódicos analisados. Buscamos neles, observar como a imprensa, mais especificamente o jornal *A Ordem*, construiu uma narrativa dos acontecimentos de 1935, utilizando-se dessa memória para propagar o anticomunismo e reafirmar a posição da Igreja como uma instituição mediadora do embate político. É a partir da construção do discurso anticomunista e da sua ampla divulgação no *A Ordem*, que a Igreja irá se legitimar como uma instituição político-social e religiosa anticomunista no território potiguar.

Dentre os maiores expoentes do anticomunismo nas publicações do *A Ordem*, é relevante citar os nomes de Perillo Gomes, Otto de Brito Guerra, Raul do Valle, Andrade Furtado, H. Sobral Pinto, M. Rodrigues de Melo, padre Ascânio Brandão e Alceu Amoroso Lima. Sob o pseudônimo de Tristão de Athayde, este último assinou boa parte dos textos que aparecem nos jornais analisados, ressaltando ainda que coube à sua responsabilidade a administração do Centro Dom Vital, anos depois de sua inauguração. Um nome que também merece destaque é o do padre J. Cabral, que escreveu várias obras abordando a questão do comunismo, sendo editor do jornal *A Cruz*, no Rio de Janeiro e tendo diversos artigos publicados no *A Ordem*.

Outro aspecto relevante é que muitos dos artigos aparecem sem assinatura de autoria, além de muitas notas originalmente publicadas em outros impressos e reproduzidas em suas páginas. Pudemos também observar que mesmo com seu percurso histórico bastante vasto, contando com 80 anos de circulação, servindo, portanto, de fonte para os mais diversificados estudos, há poucos trabalhos de caráter analítico sobre suas implicações.

Por fim, temos nas páginas seguintes o resultado de nossa pesquisa com periódicos, que não pretende de forma alguma encerrar o assunto, mas apenas abrir uma discussão sobre as facetas anticomunistas das publicações do *A Ordem*. Publicações inflamadas pelo ódio ao comunismo e suas supostas mazelas, orientadas pelo resgate memorial com ênfase na desordem e no caos de novembro de 1935. Uma verdadeira viagem pelas oficinas da fabricação do medo.

2.2 “O fracasso do golpe comunista”: a repercussão da rebelião nas publicações de dezembro de 1935

Os acontecimentos de novembro do ano de 1935 abalaram fortemente o Brasil política e socialmente. Foi este o ano em que as relações conturbadas que se arrastavam no Brasil desde a chamada Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, explodiram, desvendando um cenário de conflitos e lutas pelo poder de diferentes grupos políticos e sociais. Ao quebrar a aliança que se tornou conhecida durante a República Velha como a política do café com

leite, caracterizada pelo pacto de sucessão presidencial entre candidatos de Minas Gerais e São Paulo, o governador de Minas, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, apoiou Vargas em um golpe de Estado, que o consolidaria no poder a partir de então. Os anos que se seguiram a este golpe foram de efervescência política, contando com constantes ameaças golpistas por parte dos militares, e o movimento constitucionalista encabeçado pelos paulistas, em 1932⁸⁵.

Devido às diversas pressões, o novo governo convocou uma Assembleia Nacional Constituinte em 1933, que teve como fruto a Constituição de 1934, determinando entre outras considerações, o voto secreto e obrigatório para os maiores de 18 anos, o voto feminino, a criação da Justiça Eleitoral e da Justiça do Trabalho⁸⁶. Porém, a nova constituição não agradou a alguns setores, principalmente, aos militares, que acusavam a Assembleia de priorizar as políticas do bem-estar individual em detrimento de uma noção patriótica e coletiva. Cabe ressaltar que nesse momento, diversos regimes centralizadores e ditatoriais se consolidaram na Europa, como é o caso do nazismo de Hitler, na Alemanha, e do fascismo de Mussolini, na Itália, que inspiravam, simultaneamente, Vargas e grupos oposicionistas.

De tal modo, se organizaram diversas frentes opostas ao regime, destacando-se também nesse contexto o surgimento da AIB a quem, segundo Marly Vianna, deve-se bastante “a grotesca campanha anticomunista que tomou corpo a partir de 1934, ampliada e encampada pelo governo.”⁸⁷ Nesse ponto cabe destacar que no ano de 1935, o catolicismo mantinha uma certa simpatia pelo movimento integralista, justificado inclusive pela ameaça real que os comunistas empreendiam à ordem nacional. Porém, anos depois, com o ressurgimento do integralismo em 1945, adota-se outra postura, afirmando que nem mesmo o novo surto comunista justifica o apoio a este grupo, visto agora como um elemento perigoso à democracia e afeito a governos autoritários⁸⁸.

No Rio Grande do Norte, também se observava na década de 1930 esse clima de disputas políticas e tensões sociais, sobretudo, pela polarização de interesses observada em

⁸⁵ Sobre o contexto histórico dos anos 1930 consultar: CARONE, Edgard. *A República Nova*. (1982).; FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. *O Brasil Republicano*. (2003).; SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castello*. (2010).; SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.; e, LIRA NETO. *Getúlio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012-2013.

⁸⁶ Informações disponíveis em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 15/05/2014.

⁸⁷ VIANNA, Marly. *Revolucionários de 35*. 2011, p. 138.

⁸⁸ RODRIGUES, Cândido. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos*. 2005, p. 210.

relação às tradicionais oligarquias dominantes, opondo-se às constantes pressões pela centralização política do governo Vargas. A tudo isso, soma-se ainda, a repressão ao sindicalismo. Elementos que combinados, culminariam no levante, e no que Peixoto considera em sua discussão como “Crise de 35”. Ressalta-se ainda que a Igreja Católica apoiava o governo central⁸⁹.

Segundo Homero da Costa, em 1935, Natal apresentava-se como uma pequena cidade. Seus principais bairros eram a Ribeira, onde se concentrava o movimento comercial e artístico, contando com o Teatro Carlos Gomes, e a Cidade Alta, onde se situava o 21º Batalhão de Caçadores, na Avenida Rio Branco. Além deste batalhão, havia também a Polícia Militar e a Guarda Civil. O transporte público era feito através do bonde elétrico, e a cidade contava com a circulação de quatro jornais: “*A República* – órgão oficial do governo; *A Razão*, do Partido Popular; *A Ordem*, de orientação católica (e integralista), fundado em 14 de julho de 1935, e *O Jornal*, fundado em 6 de agosto de 1931, pertencente a João Café Filho”⁹⁰.

O fato de a cidade ser pequena e pacata é sem dúvida um elemento importante para compreensão do levante de 1935. Ele nos remete à facilidade com que os principais prédios públicos foram tomados de assalto pelos rebeldes. Além disso, reafirma o elemento surpresa da investida, já que apesar de todos os presságios, as autoridades não imaginavam que poderia vir a acontecer efetivamente uma investida tão ousada como a que ocorreu.

Na noite do dia 23 de novembro, enquanto o governador do estado e praticamente toda a oficialidade participavam de uma formatura no Teatro Carlos Gomes (Atual Teatro Alberto Maranhão), membros do 21º Batalhão de Caçadores deram início à rebelião. Em meio a tiros, confusão e gritos de “viva Prestes!”, os rebeldes prenderam oficiais, ocuparam prédios públicos e pontos estratégicos da cidade, investiram contra a força policial e criaram uma junta governativa, formada pelo sapateiro José Praxedes, o funcionário da Polícia Civil Lauro Cortez Lago, o sargento músico do 21º BC Quintino Clementino de Barros, o tesoureiro dos Correios, José Macedo, e João Batista Galvão, funcionário do “Liceu Atheneu”. Após dominar a cidade, se organizaram em três colunas partindo para o interior do estado em três

⁸⁹ PEIXOTO, Renato A. *Acrise de 1935 no Rio Grande do Norte*. 2012, p. 294.

⁹⁰ COSTA, Homero da. *Natal: o primeiro ato da tragédia*. 1995, p. 81.

direções diferentes, a fim de dominar cidades, até serem derrotados na batalha da Serra do Doutor⁹¹.

A posteriormente batizada “Intentona Comunista” é, no mínimo, curiosa se atentarmos para o fato de que foi uma revolta iniciada em uma cidade pequena e que durou apenas 82 horas, mas foi capaz de movimentar fortemente o debate político durante o século XX no Brasil. Sua memória foi frequentemente criada, recriada, reforçada e evocada para atender aos interesses de grupos políticos e sociais de direita. É este o aspecto fundamental que observamos nas publicações do jornal *A Ordem*.

No tocante às publicações do ano de 1935, foram selecionadas as edições do dia 1º e dos dias 3, 4, 5, 6 e 7 de dezembro. Nelas, buscamos compreender como foram reportados os fatos que ocorreram durante a insurreição, observando a criação de uma versão aterrorizante, capaz de criar um clima de tensão social e política, e ainda de alegria pela derrota dos insurretos. É a visão de um periódico católico, entusiasta da ordem, que vem a ser expressa em seu próprio título. A dedicação especial de uma seção deste trabalho para tratar da memória da chamada “Intentona”, justifica-se pela importância conferida a este acontecimento para a construção imagético-discursiva posterior, realizada por vários periódicos, inclusive pelo *A Ordem*.

A capa da primeira edição analisada, datada do dia 1º de dezembro de 1935, nos apresenta um grandioso número de textos depreciativos acerca do comunismo, bem como as notícias sobre o levante e os devidos agradecimentos a Deus pela derrocada “vermelha”. Cabe ressaltar que, durante os dias de rebelião o jornal não circulou, sendo esta, portanto, a primeira publicação do *A Ordem* após os referidos acontecimentos. No alto da primeira página, podemos observar uma forte evocação expressa nestas palavras: “Que a tremenda provação por que passou o Brasil sirva de lição aos tíbios e aos comodistas, esquecidos de que o

⁹¹ VIANNA, Marly. “**Sob a aleluia nacional da liberdade**”: a insurreição no Rio Grande do Norte. In.: _____. *Revolucionários de 35*. 2011, p. 247-289. Neste capítulo a historiadora apresenta uma narrativa dos acontecimentos acerca do levante de 1935, destacando que o movimento teve todas as características de uma sublevação militar, no qual o PC entrou para tentar dirigir a revolta, já que haviam simpatizantes do comunismo entre os rebeldes e as ações se delinearão de maneira descontrolada, contando com roubos, saques e violência promovida pela própria população. Em *Natal: o primeiro ato da tragédia*, o professor Homero da Costa também apresenta a narração dos fatos relacionados à “Intentona”.

EVANGELHO de CHRISTO, diariamente praticado, é capaz de pacificar os espíritos e dignificar as nações”⁹².

Um pouco abaixo lemos o artigo “Graças a Deus”. Nele, podemos vislumbrar o quanto política e religião estavam profundamente vinculadas. Todas as questões sociais são travestidas com a máscara da moral e dos bons costumes, do patriotismo e do respeito a Deus. Valores que, segundo o autor, diferem fundamentalmente do comunismo, fortalecido pela miséria dos pobres e pela promiscuidade dos ricos. Tratando do levante, o artigo considera que,

O plano fracassou, desta vez, graças a Deus. Mas nós ainda não estamos tranquilos. Nós só descansaremos se virmos que os brasileiros aprenderam com a rude lição e de facto estão dispostos a mudar de rumo. Religião, Moralidade, Patriotismo, Sacrifício, Humildade, Honra, Família, União de Classes não são nomes fictícios. Ou elles de facto representam a pureza integral de cada um deles se exige, ou então a sociedade que os offende ameaça ruir de um momento para outro, por que suas bases não offerecem nenhuma garantia, atingidas que estão pelo erro⁹³.

Ao lado, lemos um longo texto que ocupa praticamente toda a primeira página, sob o título “O fracasso do golpe comunista: a defesa da civilização christã contra barbaria materialista – regosijo geral pela victoria da legalidade”. O mesmo informa os leitores sobre a ocupação de sua tipografia, e expurgam os comunistas, acusando-os de “falsos prophetas”. Seriam eles os responsáveis por encher de ilusões os operários, filhos “predilectos de Deus”. O autor explica que durante os dias do levante sua oficina foi ocupada pelos rebeldes, que a transformaram em “Typographia da Alliança Libertadora”, responsável pela propaganda do novo governo, realizada através do jornal *A Liberdade*. A preocupação dos revoltosos em ocupar este espaço, e a própria impressão de seu noticiário, ressaltam a importância conferida à mídia impressa, tanto como propagadora de ideias, quanto como legitimadora de poder. Em se tratando do trabalho da imprensa, é interessante observar o seguinte trecho:

⁹² *A ORDEM*, núm. 107. Natal: 01/12/1935, p. 1.

⁹³ *Idem*. p. 1.

Na próxima edição de “A ORDEM”, não só publicaremos completa reportagem sobre os últimos acontecimentos como daremos nossa palavra desapassionada sobre os mesmos, dentro da orientação invariável que nos traçamos. Podemos antecipar a nossa formal condenação ao golpe dos extremistas, sem esquecer que o fenómeno comunista é uma resultante de erros que diariamente combatemos, dos quaes participam também os defensores das chamadas “liberdades modernas”⁹⁴.

Tal postura adotada pelo *A Ordem* em relação ao que viriam a chamar futuramente de “intentona” explicita a opção católica dos seus dirigentes e colaboradores que, contrários ao regime comunista, prometem buscar a imparcialidade. Porém, a mesma é prontamente negada pelas palavras seguintes e pelas publicações de cunho doutrinário que o periódico veicula.

Temos, já de início, os visíveis posicionamentos políticos do periódico, que estando inserido nesse contexto de disputas ideológicas, não se absteve de propagandear a doutrinação católica e anticomunista, tornando-se importante elemento de defesa dos valores da direita católica no estado. A necessidade de um veículo impresso comprometido com esse ideário é reafirmada no texto que informa sobre o aumento do valor da assinatura anual, inferindo que “o jornal é a melhor arma de combate ao adversário. Doutrinando, orientando, esclarecendo, é elle a força prodigiosa que attrae as almas para Jesus Christo, e contribue para o restabelecimento de sua realza”⁹⁵.

A nota seguinte relata visitas de populares e ilustres, como o governador Rafael Fernandes e o Monsenhor João da Matha, às suas oficinas em solidariedade aos dias de ocupação comunista. Um breve texto nos chama bastante atenção pela honradez que confere àqueles que combateram os rebeldes:

Não podemos regatear o nosso applauso a todos aquelles, civis e militares que souberam defender dignamente as nossas tradições christãs, enfrentando com denodo o golpe extremista. Aos dignos officiaes, inferiores e praças da Polícia Militar e do 21º B. C., fieis a legalidade, as famílias christãs do Rio Grande do Norte asseguram a sua maior gratidão. Digna dos maiores encomios foi a valentia dos nossos sertanejos, que marcharam contra a invasão comunista, animados pelos seus chefes e pelos sacerdotes das

⁹⁴ *Idem.* p. 1

⁹⁵ *Idem.* p. 1.

paróquias do interior. Aos que tomaram na luta em defesa da civilização cristã, Deus saberá premial-os como merecem⁹⁶.

Podemos observar que os combatentes ganham rapidamente o status de heróis da cristandade. Tenham eles lutado na capital, ou mesmo no interior do estado, como é o caso da batalha na Serra do Doutor, a que faz referência o excerto acima. Tal operação que se inicia imediatamente após os acontecimentos da revolta vermelha prosseguirá, sendo constantemente retomada e atualizada, dando origem a uma série de mitos, heróis e espaços de celebração da memória e da vitória da legalidade. Elementos que deram suporte material e imaterial para criação de um sentimento de medo e aversão aos comunistas.

A religiosidade é um elemento de primeira importância na constituição dessa mistificação, pois se trata no trecho destacado de corajosos homens que lutaram não apenas contra a política comunista, mas também em defesa da família e das tradições cristãs católicas. Esses elementos são frequentemente utilizados para legitimar a Igreja Católica como instituição defensora da moral, dos bons costumes e do anticomunismo.

Ainda na edição do dia 1º, os leitores se deparam com um artigo de Tristão de Athayde, um dos maiores expoentes do anticomunismo, chegando a assinar diversos textos publicados no *A Ordem*. Neste, intitulado “Salvação da burguesia”, o autor fala sobre as novas demandas sociais do grupo denominado burguesia, inferindo que o mesmo tem se distanciado cada vez mais de Deus, algo que gerava sérios problemas. Segundo ele, a solução seria voltar a estreitar as relações entre a Igreja e o Estado “em todos os domínios da vida pública”. No plano econômico, ele cita a existência da política neo-capitalista e comunista, ambas com tendência ao extremismo, e pouco afeitas à caridade e a solidariedade propagadas pela Doutrina Social da Igreja.

Athayde busca deixar claro que nenhuma classe consegue manter-se visando apenas o materialismo. Esta seria para ele, uma vocação burguesa ao suicídio, estabelecendo que a única salvação para a burguesia seria voltar-se às práticas cristãs. Este texto é muito interessante, pois o autor cita a luta da burguesia contra o comunismo, e afirma que será impossível vencer esta batalha se estiverem esvaziados de uma ideologia religiosa:

⁹⁶ *Idem*. p. 1.

Fala-se muito aqui em comunismo. Todos os burguezes se colligam para combatê-lo. Deante do perigo imminente até se lembram novamente de Christo... Todos os burguezes se colligam para combater o inimigo commum. Mas não vêm que o inimigo está no meio delles. Não vêm que o inimigo é a sua própria alma. O que lhes move, em geral, na campanha anti-communista é o medo de perder o direito, de perder as posições, de perder o conforto da vida fácil. Não é ideal algum que os anima. Estimula-os apenas o medo da morte. (...) É em Christo, na sua Igreja, na sua doutrina integralmente conhecida e praticada é que podemos ter alguma esperança de impedir a dissolução completa da nacionalidade e de trabalhar pela salvação moral e physica da nossa burguesia⁹⁷.

Trechos como este nos permitem observar o forte cunho ideológico que permeava as páginas do jornal. Os âmbitos religiosos e políticos estavam completamente entrelaçados, de modo que a religiosidade chega a ser apresentada não só como a salvação de um único grupo, mas da própria nação como um todo. Assim, não só o comunismo era um inimigo, mas também a falta de fé.

As considerações acerca do catolicismo e das classes sociais continuam no jornal do dia 3 de dezembro, em um artigo intitulado “Salário mínimo e salário justo”. No mesmo é destacada a importância de repensar as relações trabalhistas e o valor dos salários pagos aos operários, reafirmando a importância da caridade expressa na Doutrina Social da Igreja.

Figura 5 – Jornal *A Ordem*. Capa da edição do dia 1º de Dezembro de 1935.



Foto: Arquivo Pessoal.

⁹⁷ATHAYDE, Tristão. **Salvação da burguezia**. In.:____. *A Ordem*, núm. 107. Natal: 01/12/1935, p. 2.

A edição que circulou no dia 4 de dezembro, traz em sua capa mais um artigo de Tristão de Athayde. Sob o título de “A incompreensão dos homens liberais”, o autor fala acerca do estágio de desmoralização e decadência causado pelo errôneo entendimento do que seria a liberdade. Segundo ele, a liberdade está em Cristo e não nas propostas mundanas que fazem o homem se perder. Ao lado, a seção “Ecos da rebelião comunista”, reúne várias notas sobre a prisão e afastamento de soldados e oficiais envolvidos com o levante e uma breve entrevista do então deputado Arthur Bernardes, afirmando que todos os estratos do poder estavam unidos com o povo para combater a infiltração e a propagação de “ideias exóticas”⁹⁸.

Outra nota dá conta de que a figura de Luiz Carlos Prestes estava sendo bastante depreciada em diversos jornais que circulavam pelo país, e apresenta ainda uma última notícia veiculada originalmente no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, com o título de “Expurgo necessário”, em que pede ao governo a expulsão dos judeus e comunistas do Brasil, o que traz à luz a preocupação com a infiltração de ideias e agentes externos na política nacional.

Segundo Brusantín, a questão da perseguição aos estrangeiros fazia parte de uma estratégia do próprio governo Vargas, que propagandeava a situação tensa pela qual atravessava o país, a fim de justificar o seu poder. De tal modo,

Cabia à polícia e à imprensa oficial alimentar esse sentimento de constante instabilidade social. O medo havia se generalizado intensamente através do exemplo concreto da caça aos ‘inimigos do governo e das nacionalidades indesejáveis’ que tramavam contra a Nação. Diante desse quadro, a questão dos estrangeiros manteve-se sempre em pauta, tendo-se em conta o sentimento nacionalista e xenófobo das autoridades policiais que muitas vezes, estavam sujeitas às inconstâncias governamentais. Um pano de incertezas pairava constantemente no ar, visto que o estrangeiro, ora era bem-vindo como mão de obra especializada, ora indesejável por sua raça, moral e ideologia⁹⁹.

Já a professora Zilda Iokoi demonstra que no período compreendido entre os anos de 1935 e 1975, o Brasil passou por um processo dinâmico de acolhimento e exclusão dos judeus. Muitos deles imigraram para o nosso país, e aqui se refugiaram, ao passo que outro

⁹⁸ A *ORDEM*, núm. 109. Natal: 04/12/1935, p.1.

⁹⁹ BRUSANTIN. (2003) *Op. Cit.*, p.20.

grande número foi perseguido, exilado e até mesmo deportado. Partindo dessa observação, a autora infere, portanto, que no Brasil a perseguição aos judeus esteve diretamente relacionada aos seus posicionamentos políticos. Os judeus perseguidos eram claramente comunistas, o que põe por terra a justificativa de uma política antisemita por parte do Estado. Esta seria uma explicação para a hostilidade empreendida a alguns judeus especificamente, sobretudo, aos oriundos do leste europeu e aos defensores das ideologias esquerdistas¹⁰⁰.

Na página seguinte, podemos ler o artigo de Perillo Gomes, intitulado “Do combate aos extremismos”. Da ideia principal que o texto busca apresentar, podemos destacar a discussão de que o extremismo de direita surge em reação à esquerda e tenderia a desaparecer. Segundo ele,

Este movimento aqui como em toda parte, é sabido, representa uma reação contra os avanços do extremismo esquerdista. Um grande sector da opinião publica, alarmado com o que se lhe afigurou debilidade ou ineptia do Estado para proteger a sociedade contra uma tal incursão, deliberou organizar, por si próprio, a defesa das instituições básicas da nossa vida publica e privada. Deste modo o extremismo direitista se originou do extremismo esquerdista, e conseqüentemente tende a desaparecer com a supressão da causa que lhe deu existencia¹⁰¹.

Este excerto nos permite observar que as ações da “rebelião vermelha” são tomadas como justificativa para um extremismo oposto, de grupos da direita. O autor infere, ainda, que a partir do momento em que os esquerdistas não mais representassem um perigo real aos valores da cristandade e da nação, o extremismo de direita também deixaria de existir. Este aspecto levantado por Perillo Gomes se confirma e ao mesmo tempo se contradiz. Analisamos períodos em que o discurso anticomunista é amplamente divulgado e fortalecido devido ao risco real que a política de esquerda impõe. Porém, também consideramos temporalidades em que este discurso se enfraquece, em momentos em que o PC já não se apresenta como uma forte ameaça. Cabe destacar, porém, que mesmo assim, o extremismo de direita não deixa de existir. Mesmo que por vezes apareça timidamente, ele continua presente, e o próprio jornal *A*

¹⁰⁰ IOKOI, Zilda. *Intolerância e resistência*. 2004, p. 49-50.

¹⁰¹ *A ORDEM*, núm. 109. Natal: 04/12/1935, p. 2.

Ordem é uma prova disso, já que veicula informações de teor anticomunista em todos os períodos estudados.

Na edição de quinta-feira, dia 5 de dezembro de 1935, podemos observar já em sua capa três manchetes com este caráter. Na primeira intitulada “O Comunismo através da cathedra”, o autor H. Sobral Pinto descreve sobre a importância de o governo estar a par das tendências ideológicas dos professores, a fim de evitar que a doutrinação esquerdista fosse apregoada dentro das escolas contaminando as crianças. Ao lado deste artigo, observamos a republicação da programação que aparece na edição do dia anterior, na qual se seguem os horários dos atos de desagravo ao atentado de novembro¹⁰².

Ainda na capa do jornal, vemos diversas pequenas notícias reunidas sob o título de “Ainda o golpe comunista”. Nelas, notícias vindas do Rio de Janeiro nos dão a ideia do verdadeiro clima de “caça às bruxas” que se instalou no Brasil após a rebelião. Trata-se de notas sobre a prisão de diversos acusados de participação no levante e intelectuais comunistas, além da prisão do comandante Hercolino Cascardo e de H. Almeida Filho, diretor do periódico de orientação esquerdista *Terceira Internacional*, juntamente com todo o material do jornal. De Recife, vinha a notícia da prisão do médico Ulysses Pernambucano e do escritor Aderbal Jurema, ambos acusados de adesão à doutrina socialista. Voltando às notas jornalísticas vindas do Rio de Janeiro, uma delas explicita o retorno de Plínio Salgado à cidade, ocasião na qual foi recebido por adeptos do integralismo e falou sobre o levante que, segundo ele, já era previsto¹⁰³.

Dentre as notas citadas, duas delas nos chamam bastante atenção. Uma trata da demissão de Anísio Teixeira do cargo de diretor da Instrução Pública, por suas concepções filosóficas e educacionais de orientação esquerdista. A outra apresenta uma carta direcionada ao presidente da República, redigida por um grupo de estudantes da Universidade do Rio de Janeiro, denunciando a postura esquerdista de alguns professores:

A mocidade nacionalista da Universidade do Rio de Janeiro, na defesa das tradições heroicas de nossa Pátria denuncia a V. ex. tão galharda e valorosamente, acaba de reprimir o tenebroso surto comunista, as infiltrações

¹⁰² A *ORDEM*, núm. 110. Natal: 05/12/1935. p. 1.

¹⁰³ *Idem*. p. 1.

bolchevistas nas escolas Superiores, onde pregoeiros do credo moscovita impunemente professam principios subversivos da ordem social, calculadamente envenenando os espiritos desprevidos dos moços. Esperamos que v. ex. tomará enérgicas providencias no sentido de preservar a nossa Pátria da hecatombe comunista¹⁰⁴.

Essas considerações acerca da presença do ideário comunista nas escolas, na educação pública e também nas Universidades, nos descortinam não apenas o apreço de boa parte da intelectualidade pela esquerda política, mas também explicam a grande preocupação do governo e dos grupos de direita em perseguir os educadores que compactuavam com a ideologia social, já que eram formadores em potencial de futuros subversivos. Já na página seguinte desta publicação, Raul do Valle escreve em seu artigo “Causas do Communismo: o século do despudor”, que as bisavós de seus contemporâneos “corariam” ao ver o “descalabro e o despudor” imperante na sociedade de então, do qual seria culpado o comunismo, juntamente com todos os ideais de liberdade individual, descomprometida com os valores cristãos e de amor à pátria¹⁰⁵.

Figura 6 – Jornal *A Ordem*. Capa da edição do dia 5 de dezembro de 1935.

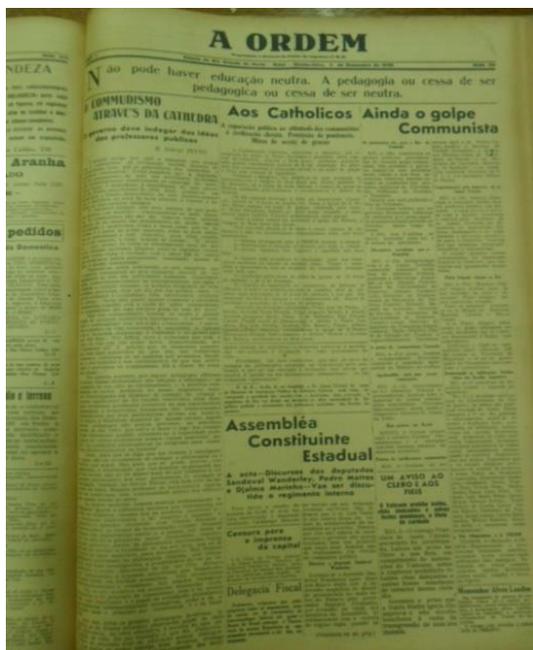


Foto: Arquivo Pessoal.

¹⁰⁴ *Idem.* p. 1.

¹⁰⁵ *Idem.* p. 2.

A edição de número 111, publicada em 6 de dezembro de 1935, traz em sua primeira página um novo artigo de Perillo Gomes. Com o título de “Estamos advertidos”, o autor escreve sobre a importância de a Igreja se manter alerta contra as doutrinações comunistas, instruindo os fiéis católicos a repudiar qualquer atitude deste interim. É interessante observar que, segundo Gomes, a Igreja é “alvo preferido de todas as ‘machinações’ geradas no seio dos que se declaram sequazes de doutrinas ímpias, ‘anti-sociaes e anti-nacionaes’ como o comunismo de qualquer modalidade”¹⁰⁶. O texto também apresenta, assim como a carta da edição passada, frequentes menções a Getúlio Vargas, o que remete ao compromisso do presidente com os valores éticos de uma nacionalidade cristã, pois, apesar de ser constitucionalmente um país laico, a Igreja Católica continuou exercendo forte influência no âmbito político¹⁰⁷.

Ainda na capa, contam-se ao lado várias notas breves reunidas sob o título de “Intentona Comunista”. Nelas, noticiam-se a prisão de Frederico Cascardo, irmão do comandante Hercolino Cascardo, e o processo de baixa dos serviços militares sofrido por diversos envolvidos com o levante. Uma notícia sobre a transferência dos presos políticos para um antigo lazareto situado na região de Ilha Grande, devido à incapacidade de acolhê-los nas prisões e delegacias da cidade do Rio de Janeiro, nos oferece uma ideia do efetivo trabalho da polícia para deter os subversivos, e a grande quantidade destes últimos. Ao lado das notas, uma entrevista cedida pelo chefe de polícia do Rio de Janeiro, Felinto Muller, apresenta sua fala, que reforça a tese de que o Brasil havia sofrido uma conspiração comunista.

Segundo Muller, a polícia estava atenta e observando o planejamento das ações rebeldes há cerca de um ano, e “colheu pormenorizadas informações sobre o esforço de indivíduos, que tentavam arregimentar elementos para a revolução”¹⁰⁸. Ainda de acordo com Muller, as ações planejadas seguiam inicialmente o projeto de um movimento político-militar, mas sofreu alterações a partir do momento em que seus líderes se coligaram com a ANL, de modo que “a trama político-militar primitiva foi transformada em conspiração extremista

¹⁰⁶GOMES, Perillo. **Estamos advertidos**. In.:_____. *A Ordem*, núm. 111. Natal: 06/12/1935, p. 1.

¹⁰⁷O primeiro Censo realizado no Brasil data do ano de 1940, e nele verifica-se que 95,01% dos brasileiros declaravam-se católicos. Dados disponíveis no sítio eletrônico: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/CD1940/Censo%20Demografico%201940%20VII_Brasil.pdf. Acesso em: 29/05/2014.

¹⁰⁸A *ORDEM*, núm. 111. Natal: 06/12/1935, p. 1.

destinada a implantar em nossa terra o *regimen russo*, ingenuamente disfarçado num movimento popular revolucionário”¹⁰⁹.

Muito se discute acerca da rebelião comunista e a sua relação com a Internacional Comunista, aspecto que surge frequentemente nas narrativas de nossas fontes, enfatizando a ação de elementos externos na política brasileira, a fim de tomar o poder. O compromisso desse movimento com a IC também é explicitado por Iokoi. Segundo a autora, os grupos que se organizaram na América Latina, enviavam relatórios para a organização internacional que demonstrava um zelo especial por esta região, tendo em vista a situação de pobreza de grande parte da população, os desmandos das elites locais, e a necessidade de reformas políticas e sociais¹¹⁰.

No caso brasileiro, vivia-se um momento de extrema tensão, especialmente devido ao recente passado das greves gerais que alteraram o cotidiano das cidades e permitiram a retomada do controle do espaço público pelos trabalhadores. Sindicatos, associações, debates envolviam cada vez mais um maior número de pessoas e a politização crescia¹¹¹.

As condições sociais e políticas da América Latina e do Brasil, e a conseqüente disseminação de ideologias esquerdistas, voltam a ser exploradas na página seguinte da edição do dia 6 de dezembro, em um artigo escrito pelo padre J. Cabral intitulado “Causas do Comunismo: o pauperismo”. Imerso na ideologia cristã, o autor promove um resgate do período medieval no qual, segundo ele, a condição dos pobres era melhor pelo fato de a Igreja incentivar a caridade, e estar ela mesma sob a tutela do Estado, utilizando-se da verba que arrecadava para obras de cunho social, algo que se teria perdido com a laicização política.

Para o autor, a situação de pobreza e até mesmo de miséria em que grande número dos operários vivia no Brasil, apresentava-se como um terreno fértil para propagação de ideias comunistas, já que este era um regime simpático à dissolução do grande abismo econômico existente entre ricos e pobres. Ainda no texto de Cabral, podemos observar um aspecto que permeia as discussões da Igreja acerca de seu posicionamento quanto à luta de classes. Esta

¹⁰⁹ *Idem.* p. 1.

¹¹⁰ IOKOI. *Op. Cit.* p. 120.

¹¹¹ *Idem.* p. 150.

não poderia ser alimentada. Cada grupo deveria saber especificamente o seu lugar, buscando viver uma harmonia proporcionada pela caridade dos ricos para com os pobres, o que esvaziaria qualquer caráter de luta e contestação do operariado¹¹².

Este aspecto fica claro em suas palavras quando, ainda referindo-se ao período medieval, cita que o catolicismo triunfou por “inspirar aos senhores sentimentos de brandura e justiça para com os servos e a estes a submissão e a humildade”¹¹³. A posição conformista é explicada também pelo desapego às coisas materiais, e pela importância que deveria ser dada a vida futura, espiritual, em detrimento do materialismo e da cobiça. Sendo assim, o artigo é concluído defendendo a ideia de que só a Igreja Católica seria uma instituição forte e competente o suficiente para dar as balizas morais aos operários que os livrariam da “armadilha vermelha”.

“Que nenhum catholico digno deste nome falte hoje e amanhã as grandes manifestações de desagravo ao attentado contra civilização christã.” Esta é uma convocação que vemos figurar em chamativas letras na capa da edição de sábado, dia 7 de dezembro. A mesma refere-se à programação especial divulgada durante uma semana pelo *A Ordem*, constante de missas e procissões a se realizar no sábado e no domingo, com a intenção de repudiar o atentado promovido dias antes, e reafirmar o compromisso cristão e patriótico dos moradores da cidade do Natal. Logo após, segue um breve texto falando sobre os eventos que deverão ser uma grande festa de agradecimento ao Cristo Rei pela vitória da legalidade.

Ainda na primeira página, há um texto com o título “Civilização christã e civilização burgueza”, no qual o período medieval é mais uma vez retomado e exaltado como exemplar. Para o autor, o modelo moderno de sociedade é falho, pois não prioriza a paz social através da caridade e da solidariedade, mas infere que a elite brasileira é herdeira de todos os princípios cristãos. Sendo assim, ressalta-se a importância do resgate desses valores, para que novas investidas subversivas possam ser evitadas¹¹⁴.

Na página seguinte, o periódico traz com o título de “Esclarecendo os propósitos dos extremistas”, o depoimento prestado pelo cabo Adalberto José da Cunha na Segunda Delegacia Auxiliar de Natal em 30 de novembro de 1935. Nele, o depoente fala sobre os

¹¹² CABRAL, J. **Causas do Comunismo:** o pauperismo In.: _____. *A Ordem*, núm. 111. Natal: 06/12/1935, p. 2.

¹¹³ *Idem.* p. 2.

¹¹⁴ *A ORDEM*, núm. 112. Natal: 07/12/1935, p. 1.

momentos em que o chefe de polícia, João Medeiros Filho, esteve preso no 21º B.C., sob sua guarda. Ressalta que por diversas vezes conversou com a junta governativa, também chamada de Comitê Popular Revolucionário, sobre o destino do prisioneiro que, segundo ele, seria o fuzilamento, de forma a impedir que isto se realizasse¹¹⁵.

Mais tarde, João Medeiros Filho reafirmaria o propósito do fuzilamento, em seu livro intitulado *82 horas de subversão*, no qual o mesmo agradece ao cabo Adalberto por estar vivo. Neste mesmo livro, ressurge o “companheiro Bluche”, também citado no depoimento do cabo. O mesmo seria, segundo o chefe de polícia, um membro da revolta, que havia enviado um bilhete para Quintino, sugerindo o fuzilamento. Porém, segundo Vianna, nenhum indício da efetiva existência de Bluche foi encontrado e seu nome não foi citado em nenhum dos mais de mil depoimentos prestados. Segundo a autora, este bilhete teria sido forjado, já que o número de mortos houvera sido muito reduzido, e para endossar a condenação aos rebeldes, seria necessário imputar também a intenção de matar, expressa no bilhete encontrado¹¹⁶.

Nota-se que, em todos os momentos, os editoriais do *A Ordem* buscam reportar os fatos, ressaltando o caos, a desordem, a violência e o terror. A própria questão do tão propagado fuzilamento é um claro exemplo dessa estratégia de divulgação de um comunismo perigoso e ameaçador. Por outro lado, é interessante destacar que Marly Vianna apresenta em sua obra o depoimento de João Lopes, afirmando que o movimento se apresentou como uma festa para população da cidade. Ela infere, ainda que “a agitação nas ruas da cidade era menos uma adesão consciente a um movimento que não tinha consciência de si mesmo e muito mais uma festa pela saída de um governo impopular, pela distribuição de víveres e de dinheiro e possibilidade de saques”¹¹⁷.

Analisando os diversos discursos e representações do comunismo, podemos de tal modo, observar que os acontecimentos de 1935 são de extrema importância para articulação política da direita no Brasil, pois fornecem as bases necessárias para a construção de um discurso anticomunista que veio a se consolidar nos anos seguintes. Para Peixoto,

¹¹⁵ *Idem.* p. 2.

¹¹⁶ VIANNA. *Op. Cit.* p. 275-276.

¹¹⁷ *Idem.* p. 263.

As consequências da ‘Crise de 35’ são muitas, a mais importante delas é a inscrição definitiva da Diocese de Natal como um dos contendores do jogo político no Rio Grande do Norte. Depois do Levante Comunista, especialmente, a Igreja compactua uma nova organização do poder que passa a incluir a hierarquia católica na sanção do político, mesmo que à custa do integralismo e por meio da acomodação com as antigas organizações familiares¹¹⁸.

Sendo assim, temos no veículo impresso da Diocese de Natal, o jornal *A Ordem*, uma importante voz do debate político norte-rio-grandense, situando a Igreja Católica como grande legitimadora dos valores políticos direitistas. Neste sentido, ressaltamos que a Igreja não se posicionava de maneira contrária apenas aos comunistas. Também se observa a clara oposição católica aos estados liberais e autoritários. Temos, portanto, que o maior impulso para o posicionamento da Igreja neste embate ocorre pela aversão ao anticlericalismo, à laicização do poder e às concepções do Estado Moderno.

2.3 “Recordando os tenebrosos dias da Intentona Comunista neste estado”: as séries comemorativas do jornal *A Ordem* e a disseminação do anticomunismo no Rio Grande do Norte (1936-1945)

Iniciamos a partir de agora as análises acerca da disseminação do anticomunismo no Rio Grande do Norte através das séries comemorativas do *A Ordem*. Esta denominação se deve ao fato das mesmas circularem na cidade nos dias coincidentes aos dias do levante. A consideração destas edições especificamente justifica-se por dois motivos. Primeiramente, pela maciça propaganda anticomunista divulgada nestes dias. Depois, pelas estratégias de rememoração das quais o periódico lança mão para referendar sua postura contrária à política esquerdista.

O período por nós considerado, 1936 a 1945, é marcado pelo governo de Getúlio Vargas, personagem que orientou os seus planos de atuação no sentido de fortalecer a unidade nacional. Para tanto, empreendeu campanhas pesadas contra os inimigos da nação, dos quais o primeiro era o comunismo. A ameaça comunista serviu de justificativa para implantação da

¹¹⁸ PEIXOTO. *Op. Cit.* p. 299.

Lei de Segurança Nacional (LSN) e para o golpe de Vargas, apoiado devido à ameaça do Plano Cohen. Com a decretação do Estado Novo em novembro de 1937, o país vivia um período de estímulo ao desenvolvimento nacional por meio da política de substituição das importações.

Nela, o governo se encarregava de propagandear suas benesses, reprimindo qualquer reação oposta, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). É também neste ano que se estabelece o salário mínimo¹¹⁹. O Partido Comunista Brasileiro se encontrava desarticulado, na ilegalidade e com a maioria de seus líderes presos. Este contexto revela um regime cada vez mais fechado. Destaca-se também no período o fechamento dos partidos e a aproximação com os Estados Unidos, apontando para a participação brasileira na guerra, com a instalação da base aérea do Trampolim da Vitória, em Parnamirim, e o célebre encontro de Vargas e Roosevelt em Natal.

O primeiro aspecto a ser observado é a menção a festividades de aniversário da chamada “Intentona” em todos os jornais analisados. Sempre aparece a divulgação de notas referentes a celebrações ocorridas em Natal, Recife ou Rio de Janeiro, com destaque para realização de missas e solenidades nos cemitérios para as vítimas da rebelião de 1935, do lado da direita. Estratégia de rememoração que tinha o intuito de avivar o ímpeto anticomunista. Tratamos mais especificamente destas cerimônias no terceiro e último capítulo desta pesquisa. Nesse momento, daremos relevo, sobretudo, à construção e a divulgação do discurso anticomunista potiguar no jornal *A Ordem*.

Neste sentido, continuamos observando o ideal anticomunista sendo propagado no jornal. Agora no ano de 1936. Logo na primeira página da edição do dia 27 de novembro, vemos figurar a seguinte evocação: “Procurar o verdadeiro homem, lutar pelo primado do espírito é o maior objectivo do escriptor contemporâneo”. De maneira indireta, a frase perpassa o compromisso do próprio periódico, de escrever acerca dos valores espirituais, concebidos no entrechoque dos valores comunistas que, segundo a Igreja, pregavam o materialismo ateu. Abaixo, uma nota nos informa os nomes dos envolvidos com a rebelião do ano anterior, que foram denunciados ao Tribunal de Segurança e que receberam mandato de prisão preventiva.

¹¹⁹ FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 2010, p. 207.

No ano seguinte, 1937, as edições publicaram de forma ainda mais veemente esse tipo de informação com teor anticomunista. Em um artigo do jornal do dia 21 de novembro, lemos notícias sobre as festividades do Dia da Bandeira. Na narrativa, uma explosão ideológica contra o comunismo:

Alerta companheiros! Não nos deixemos levar pelas petranhas do inimigo astuto. Ainda temos fé num futuro melhor. As autoridades constituídas não dormem e disto temos prova cabal. Inda hontem, sem derramar-se uma gota de sangue, o sr. Getúlio Vargas, homem providencial, sentinela avançada dos altos interesses do Brasil, houve por bem, num acto de suprema audácia e rara coragem, dar-nos nova constituição que melhor se ajuste as necessidades dos nossos dias. Inimigo astuto e cruel pode moer-nos as carnes, quebrar-nos um por um todos os ossos; pode lavar as ruas, regar os campos com o sangue vivo de nossas veias, trucidar-nos sem piedade, sem poupança, - mas arrancar dos nossos corações os sentimentos christãos que de nossos avós herdamos não poderá nunca!¹²⁰

Podemos observar o forte caráter de aproximação do ideal nacionalista do governo Vargas com a postura anticomunista católica, já que a nova constituição louvada pelo *A Ordem* mantinha o ensino religioso nas escolas e os interesses religiosos, em oposição ao anticlericalismo esquerdista. Temos aí a mútua colaboração entre Igreja e Estado, ambas as instituições legitimando-se por meio da luta contra as “ideologias vermelhas”.

A postura comunista diante da religião volta a ser criticada em artigo publicado no dia 23 de novembro. O texto “Há dez milhões de ateus na Rússia” é uma acusação da postura adotada pelos grupos políticos do país, de incentivar o ateísmo e transmitir para a população a ideia de que a religião era nociva por corroborar com os valores das elites em detrimento dos grupos menos favorecidos. O texto condena ainda a distribuição de livros antirreligiosos às crianças e louva a resistência espanhola diante dos conflitos contra a política esquerdista, em oposição à aceitação russa. Sobre a guerra na Espanha, ainda, figura outro artigo, publicado na edição do dia 28 de novembro. Intitulado “A guerra da Espanha e a perseguição religiosa: uma importante carta da Confederação Nacional das Congregações Marianas do Brasil”, o

¹²⁰A *ORDEM*, núm. 673. Natal: 21/11/1937, p. 1.

texto reproduz uma carta de apoio redigida por esta organização àqueles que estão sofrendo com a perseguição religiosa¹²¹.

Ainda nas edições de novembro de 1937, cabe destacar as fortes evocações grafadas em grandes letras nas capas de algumas publicações. Frases curtas, porém carregadas de significados. Em uma delas, por exemplo, lemos: “A Constituição de 10 de novembro manteve várias reivindicações catholicas que figuravam na Carta de 1934 e tem sobre esta a vantagem de desvencilhar-se definitivamente do demo-liberalismo inactual e contra-producente”¹²². Mais uma vez, fica clara a aproximação da Igreja com o governo, em seu alinhamento de interesses e legitimação mútua, assim como em outra frase, na qual lemos: “Se DOM VITAL fosse vivo estaria hoje satisfeito com o Estado Novo, que se libertou dos preconceitos maçônicos e das próprias Lojas onde se tramava contra Deus e contra César”¹²³.

Figura 7 – *A Ordem*, 24/11/1937.



Foto: Arquivo Pessoal.

Figura 8 – *A Ordem*, 27/11/1937.



Foto: Arquivo Pessoal.

Merecem destaque também, nas edições de novembro de 1937, as constantes menções às missões que estavam sendo realizadas em regiões do interior do estado, com o intuito de fortalecer ainda mais o espírito católico do povo potiguar, reafirmando socialmente a força da Igreja. Uma nota, publicada também no dia 27 revela os nomes de 20 países que se

¹²¹ *A ORDEM*, núm. 674. Natal: 23/11/1937, p. 2.

¹²² *A ORDEM*, núm. 675. Natal: 24/11/1937, p. 1.

¹²³ *A ORDEM*, núm. 678. Natal: 27/11/1937, p. 1.

declararam contrários ao comunismo. Eram eles: Alemanha, Áustria, Brasil, Bulgária, Chile, Estônia, Finlândia, Grécia, Hungria, Itália, Japão, Letônia, Lituânia, México, Peru, Polônia, Portugal, Iugoslávia, Uruguai e România¹²⁴.

O último artigo de 1937 que enfatizamos, foi publicado no dia 1º de dezembro. O mesmo possui o título de “A criança, a maior vítima do comunismo”. Nele trata-se da postura adotada pelo governo para fiscalizar as obras literárias destinadas ao público infantil, fazendo inclusive uma rigorosa seleção do material didático, a fim de evitar a propagação da doutrina comunista entre as crianças. No texto, fala-se ainda sobre os ensinamentos subversivos conferidos às crianças russas e que não se pode permitir isso no Brasil. A postura do presidente é louvada e o mesmo é visto como um homem zeloso e preocupado com o futuro das crianças, o que reforça ainda mais o caráter paternalista da política varguista. Infere-se ainda que

A constituição outorgada a nação pelo governo que o povo apoia, cuida, carinhosamente, da educação e da saúde dos seus futuros cidadãos. Vivemos no Brasil uma época de abundância como nenhum governo nos deu anteriormente. Methodisa se o trabalho, facilita se a instrução, pensa se seriamente no futuro da raça. Trata-se de crear um Brasil forte e unido, digno do logar que a Historia lhe reservou entre os povos¹²⁵.

A maior parte dos artigos anticomunistas publicados no ano de 1938 foram escritos pelo padre Ascânio Brandão. O primeiro deles, na edição do dia 23 de novembro. O artigo “O Anticlericalismo” fala que a postura anticlerical nada mais apresenta que o atraso de quem o propaga. Segundo ele, esta postura foi prontamente negada pelas massas populacionais que sofreram com os horrores das guerras e foram auxiliados por padres e irmãs de caridade. O texto critica ainda a postura nazista de Hitler e sua investida contra os religiosos¹²⁶. Nota-se, portanto, que a escrita tem um sério comprometimento político com as implicações da época em que foi publicado, colocando, mais uma vez, o anticlericalismo como um posicionamento negativo e radical.

¹²⁴*Idem.* p. 2.

¹²⁵A *ORDEM*, núm. 681. Natal: 01/12/1937, p. 1.

¹²⁶BRANDÃO, Ascânio. **O Anticlericalismo**. In.:_____. *A Ordem*, núm. 960. Natal: 23/11/1938, p.1.

Na edição do dia seguinte, publicou-se outro artigo do padre Brandão, dessa vez o texto “Materialismo sexual”. Nele o religioso fala sobre a imoralidade dos costumes da época, que apresentava progressão do nudismo e da pornografia, além de espalhar posturas absurdas como a legalização do aborto. Segundo o autor, tudo isso era a representação do materialismo sexual, levado a cabo por pessoas que não tinham em Deus e na Igreja os seus princípios¹²⁷. Cabe-nos também destacar o termo “materialismo” no título do artigo. Em seus escritos Marx nos propõe uma compreensão do mundo através do materialismo histórico. Assim, os anticomunistas se utilizaram dessas formulações para empreender a sua crítica. O materialismo passa a ser resignificado como apego às coisas materiais e desprezo pelos valores espirituais, o que aponta para a condenação dos esquerdistas pelo materialismo ateu.

Outro artigo de Brandão figura na edição do dia 26 de novembro. O título “Bons profetas!” é uma referência irônica aos diversos pensadores sociais que se sucederam desde o início da Igreja Católica e profetizaram a sua morte e a falência da civilização cristã. O autor infere que todos eles já morreram e caíram no esquecimento, enquanto a Igreja criticada por eles permanece viva, forte e atuante. O autor busca, dessa forma, demonstrar que o mais forte inimigo atual do catolicismo brasileiro, o comunismo, também não teria força suficiente para derrotá-la¹²⁸.

Na edição publicada no dia 23 de novembro de 1939, uma breve nota intitulada “A perseguição religiosa na Polónia soviética” fala sobre a perseguição sofrida pelos padres e bispos tanto da religião católica romana como da ortodoxa. O texto fala ainda que as igrejas estão sendo transformadas em cinemas e estádios e que as vestes sacerdotais estão sendo utilizadas em apresentações teatrais¹²⁹. Na publicação do dia 25, vemos uma frase no alto da capa inferindo que “Os males que ameaçam a fé cristã, no velho mundo, também estão perto de nós, agindo sorrateiramente, minando o nosso organismo social”, evidenciando mais uma vez as mazelas do comunismo¹³⁰.

Um artigo publicado no dia 30 de novembro com o título “A defesa da família” é muito interessante por demonstrar-nos que o comunismo não era a única preocupação da Igreja da época. O autor fala que os valores da família estão “ameaçados pelos vírus liberais,

¹²⁷_____. **Materialismo sexual**. In.:_____. *A Ordem*, núm. 961. Natal: 24/11/1938, p. 1.

¹²⁸_____. **Bons profetas!** In.:_____. *A Ordem*, núm. 963. Natal: 26/11/1938, p. 1.

¹²⁹A *ORDEM*, núm. 1.252. Natal: 23/11/1939, p. 1.

¹³⁰A *ORDEM*, núm. 1.254. Natal: 25/11/1939, p. 1.

maçônicos, rotários, pagãos e comunistas, focos terríveis de perdição”. É conferido um grande destaque ao Rotary Clube, como um inimigo da civilização cristã, de modo que “urge a cura de tantas mazelas, o que só se poderá fazer por uma ação conjunta da Igreja e do Estado”¹³¹.

Seguindo o percurso de nossa pesquisa, chegamos ao ano de 1940. A primeira edição que se refere ao combate ao comunismo data de segunda-feira 25 de novembro, e nos traz uma pequena nota em sua capa com o título “A inauguração do mausoléu aos mortos de 1935 em defesa das instituições: será solene a cerimonia a que comparecerão o chefe de Estado e os ministros”. O texto nos informa que os capitães, tenentes e majores falecidos nas batalhas do Rio de Janeiro ganharão um túmulo honroso em sua homenagem, ressaltando que

A cerimonia oficial da inauguração do monumento realizar-se-á a 27 do corrente, com toda solenidade na presença do presidente da Republica, dos ministros de Estado e de representações de todas as classes sociais. Falarão na ocasião o ministro da Justiça, o general Firmo Freire, em nome do Exercito, e o almirante Castro e Silva, em nome da Marinha¹³².

O monumento a que se refere o trecho é o túmulo erguido no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, em honra às vítimas da “Intentona” de 1935. Este espaço de memória se constitui como importante elemento para resguardar os valores da direita política e passa também a orientar práticas, como as constantes homenagens e celebrações de rememoração e honra aos que ali foram sepultados. O sucesso desta investida é evidente. Não por acaso são construídos posteriormente diversos outros espaços de memória anticomunista pelo Brasil, como aconteceu, inclusive, no Rio Grande do Norte, que passou a contar com espaços que trabalhamos no último capítulo desta dissertação.

Na edição do dia seguinte, observa-se uma nova notícia sobre a referida inauguração. Desta vez, conta-se com a programação completa do ato, que, segundo o jornal, contaria com a execução do hino nacional já na porta do cemitério, com a chegada do presidente, discursos

¹³¹A *ORDEM*, núm. 1.259. Natal: 30/11/1939, p. 1.

¹³²A *ORDEM*, núm. 1.547. Natal: 25/11/1940, p. 1.

de ministros e representantes das forças armadas, guarda solene dos dragões da independência, banda de clarins e banda de música do Batalhão de Guardas¹³³.

Na página seguinte desse jornal, um artigo intitulado “A vida apertada na Polónia: nove metros para cada pessoa – horas inteiras á espera do pão – promiscuidade intolerável”, nos apresenta situações problemáticas vivenciadas pelos poloneses, citando que

Depois da ocupação dos territórios poloneses, em setembro de 1939, a principal preocupação dos Sovietes foi abaixar o nível de vida dos poloneses às proporções verdadeiramente bestias, com que Stalin regalou a Rússia. Recentemente, foi expedido um decreto, estabelecendo que cada habitante da cidade só pode ocupar 9 metros quadrados da superfície da locação, sendo que frequentemente são limitadas aos tais 9 m² famílias inteiras, menos favorecidas, isto é, a antiga burguezia, os elementos intelectuais, desprezados pelo regimen comunista. Assim sendo, uma peça mais espaçosa aglomeram se, as vezes, duas ou três famílias estranhas, servindo essa superfície mínima, ao mesmo tempo, de cozinha, dormitório, refeitório e eventual sala de trabalho do chefe da família¹³⁴.

Este excerto é muito significativo, pois artigos como este, originalmente publicado em um jornal de Londres, juntamente com diversos outros, criou nos brasileiros um verdadeiro pânico do comunismo, tendo em vista que muito se falava do caso das moradias compartilhadas. Este foi mais um dos estigmas amplamente divulgados pela direita, aumentando a aversão ao comunismo.

No ano de 1941, podemos perceber que os esforços doutrinários do *A Ordem* estão mais direcionados a questão dos costumes. Diversos são os artigos sobre a imoralidade que se instalou na sociedade com a divulgação de ideias liberais. Podemos citar o recorrente incômodo dos religiosos com a “semi-nudez” nas praias, ou mesmo com a aproximação de católicos com outras denominações religiosas, como o protestantismo, o anglicanismo e o espiritismo. Religiões que ganharam força, segundo os intelectuais do periódico, devido à

¹³³ *A ORDEM*, núm. 1.548. Natal: 26/11/1940, p. 1.

¹³⁴ *Idem*. p. 2.

assimilação por parte das pessoas de ideologias “malsãs” que querem destruir a moral e os bons costumes da civilização cristã¹³⁵.

Em 1942, a maior parte do ideário anticomunista foi transmitida por intermédio dos textos de rememoração da “Intentona”. Destacamos um que circulou na edição do dia 26 de novembro. Nele, o periódico afirma estar de total acordo com as cerimônias de rememoração e apoia tal investida, ressaltando que a memória dos bravos que combateram o comunismo jamais será esquecida. No mesmo texto, percebemos novamente a relação de mútua legitimação entre Igreja e Estado, que permeou a era Vargas. Nas suas palavras

O comunismo é intrinsecamente perverso, como doutrina e como ação, mas o pobre trabalhador que nele procura guarida, merece repressão, é verdade, ao lado de uma compreensão profunda do estado de espírito. O que não merece complacência é o comunista de gravata, que, vivendo vida regalada, se torna agitador por esporte. O gênio político do presidente Getulio Vargas compreendeu logo que a questão social não é caso de polícia, tão somente, mas sobretudo um caso de justiça. E aí está a legislação social brasileira decretada depois de 1930, para atestar uma compreensão nova do problema, inspirada felizmente nas encíclicas papais. É assim que se combate o comunismo, indo as suas raízes, dando ao operário o que por justiça lhe pertence, sem esquecer os direitos patronais, que são igualmente sagrados.¹³⁶

Nota-se que a Doutrina Social da Igreja, que reafirma a relação pacífica entre as classes representada pela caridade dos mais ricos para com os mais pobres, é transferida para atender as demandas do próprio Estado. Além disso, percebe-se indiretamente que a Igreja apoia a política paternalista de Vargas, que o alçou rapidamente à condição de pai dos pobres, com posturas que ora cerceava as liberdades sindicais, ora garantia direitos aos trabalhadores.

As séries rememorativas presentes em todos os anos estudados também não se fariam ausentes no ano de 1943, observando-se que os discursos da narrativa de 1935 se tornam cada vez mais incisivos. Assim como no ano seguinte, as implicações do presente são de primeira importância para compreensão deste fenômeno celebrativo. Na edição do dia 27 de novembro

¹³⁵As edições de números 1.835, 1.836, 1.837, 1.838, 1.839 e 1.840 além de tratar de questões doutrinárias e morais da oposição comunismo x catolicismo, abordam também uma ampla campanha de divulgação das solenidades realizadas na capital potiguar em homenagem às vítimas da rebelião de 1935, aspectos que serão abordados com maior profundidade no capítulo seguintes deste trabalho.

¹³⁶A *ORDEM*, núm. 2.127. Natal: 26/11/1942, p. 1.

de 1944, o artigo “Vigília permanente contra os inimigos do Brasil cristão”, de Etelvino Lins, infere que

As cerimônias que o estado hora vem promovendo todos os anos em homenagem às vítimas da insurreição comunista de 1935, decorrem ainda numa hora grave da vida nacional. Estamos em guerra. Guerra em defesa da nossa soberania, guerra contra a mais nefasta política de expansionismo de que se tem notícia da história, contra a violência e a brutalidade do nazifascismo; guerra, enfim, contra as forças do mal e pelo triunfo completo das forças morais e espirituais que hão de restabelecer no mundo o primado do espírito¹³⁷.

Mais à frente, no mesmo artigo, o “inimigo vermelho” volta à cena, em uma relação tecida entre a guerra vivenciada na Europa e a guerra ideológica existente no Brasil. Infere-se que é necessário estar sempre atento à astúcia dos comunistas que conseguiam se infiltrar muito facilmente nas instituições e nas famílias.

Em se tratando especificamente do ano de 1945, podemos observar novamente um cenário político conturbado, pois em 29 de outubro de 1945, Vargas renuncia a presidência do país, acirrando ainda mais a disputa eleitoral para o pleito de 2 de dezembro do mesmo ano, que iria eleger senadores, deputados e o presidente da República. Ainda nesse contexto, destaca-se a volta de Plínio Salgado ao cenário político brasileiro, com a fundação do PRP, em 26 de setembro. Cabe ainda ressaltar que, neste ano, o Partido Comunista do Brasil volta à legalidade¹³⁸.

Devido a isto, as publicações dos jornais analisados têm no cerne de suas discussões não apenas a doutrinação católica, mas também (e principalmente) notas e artigos sobre a disputa eleitoral e as instruções para que o “bom católico” votasse bem, e votasse certo. Além desses aspectos, observamos também uma preocupação recorrente com a defesa dos valores da nação, em detrimento das lutas de classes, em que reside o campo de nosso interesse: a produção do discurso anticomunista e a legitimação da Igreja Católica.

¹³⁷LINS, Etelvino. **Vigília permanente contra os inimigos do Brasil cristão**. In.:____. *A Ordem*, núm. 2.710. Natal: 27/11/1944, p.1.

¹³⁸Sobre o contexto histórico do ano de 1945 consultar: CARONE, Edgard. *A Quarta República*. (1980); FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. (2010); e, SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castello*. (2010).

A publicação da sexta-feira, dia 23 de novembro de 1945 traz em sua capa uma manchete com o seguinte título: “Fiuza subiu a serra, em Petrópolis o candidato comunista”. O artigo foi publicado originalmente no *Correio da Manhã*, em 21 de novembro de 1945, no Rio de Janeiro, e reproduzido nas páginas do noticiário católico. O texto apresenta o relato de um comício realizado na cidade de Petrópolis, por Iedo Fiuza¹³⁹, candidato apoiado pelos comunistas às eleições de dezembro, em companhia de Luiz Carlos Prestes.

Figura 9 – Iedo Fiuza.



Fonte: <http://outroladodanoticia.wordpress.com>. Acesso em 15/06/2014.

¹³⁹ Iedo Fiúza nasceu em Porto Alegre no dia 15 de setembro de 1894. Após a Revolução de 1930, com a ascensão de Vargas à chefia do Governo Provisório, foi nomeado prefeito de Petrópolis (RJ). Em 1934, assumiu a diretoria geral do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), passando a acumular os dois cargos. Em 1935, após a promulgação da Constituição de 1934, realizaram-se por voto direto, eleições municipais no Rio de Janeiro, e Iedo Fiúza elegeu-se para a prefeitura de Petrópolis, permanecendo, assim, no cargo que vinha ocupando. Durante o mandato, aproximou-se do então presidente Getúlio Vargas, que passava longas temporadas em Petrópolis. Em 1937, deixou a prefeitura, permanecendo na diretoria do DNER durante os oito anos de vigência do Estado Novo (1937-1945). Em decorrência do processo de redemocratização iniciado no país a partir de 1945, foi legalizado o Partido Comunista Brasileiro (PCB), então chamado Partido Comunista do Brasil. Nesse mesmo ano, Fiúza, amigo do militante comunista Carlos Costa Leite, foi procurado pelo PCB, que havia decidido lançar um candidato próprio à presidência da República. Mesmo não sendo adepto do comunismo, Fiúza aceitou o convite. Defendendo em sua campanha as liberdades democráticas e uma maior distribuição de renda, foi derrotado, no pleito de dezembro de 1945, pelo candidato indicado pela coligação formada pelo Partido Social Democrático e o Partido Trabalhista Brasileiro, general Eurico Dutra. Conseguiu cerca de 570 mil votos, cerca de 10% do eleitorado de então. Após as eleições, foi nomeado para o Departamento Nacional de Estradas de Ferro, no Rio de Janeiro. Em 1947, candidatou-se novamente à prefeitura de Petrópolis pelo Partido Socialista Brasileiro, mas não conseguiu eleger-se. Com a volta de Getúlio à presidência em janeiro de 1951, foi designado para o Departamento de Águas. Com o suicídio de Vargas em agosto de 1954, foi colocado à disposição do DNER. Fonte: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. Disponível no sítio eletrônico: www.cpdoc.fgv.br. Acesso em: 15/05/2014. Biografia completa em: ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro (Pós-1930)*. 2ª Ed. V. 2. Rio de Janeiro: Ed. FGV/ CPDOC, 2001, p. 2215.

Nos é narrado que havia na praça uma média de 300 operários a espera de Prestes e Fiúza, além de mais umas 100 pessoas aos arredores. O relato ressalta, de forma irônica, que poucas pessoas sabiam cantar a música da campanha do candidato e que o mesmo estava rouco, fazendo com que as pessoas que passavam por perto do local zombassem de tão enfraquecido ato. Em linhas gerais, a ideia de fraqueza da voz e do coro que perpassou o comício, foi transportada pelo autor para o embate do campo político, reafirmando que os comunistas não possuíam força suficiente para vencer as eleições¹⁴⁰.

Ao lado do já citado artigo, ainda na primeira página, figura outro texto, falando sobre um dos ideais que sustenta toda a discussão do *A Ordem*, e a própria campanha anticomunista: a “Doutrina Social da Igreja”. O texto fala, basicamente, sobre as questões sociais levantadas pela Carta Encíclica *Rerum Novarum*, escrita pelo papa Leão XIII, em 1891¹⁴¹. Nela apresenta-se o fundamento do pensamento social cristão, tendo em vista o contexto do século XIX, em que as tensões de classes eram evidentes. É a opção comunista pela disputa entre os grupos sociais em oposição à caridade e à mútua compreensão defendida pelos católicos e a DSI, que justifica a condenação à ideologia esquerdista.

Não poderíamos deixar passar despercebido, um pequeno artigo publicado na segunda página do jornal, que apresenta as cartas trocadas entre Charles de Gaulle e Felix Gouin, sobre questões relativas à sucessão presidencial na França, onde o maior motivo do desacordo entre os partidos envolvidos seria a política externa dos bolchevistas, e destacando ainda que uma ala do partido socialista não queria separar-se dos católicos¹⁴². Porém, para os nossos esforços de análise, o texto mais interessante se encontra na quarta e última página da publicação, o primeiro de uma série de textos sobre a memória de 1935. Com um chamativo título, a coluna “Recordando os tenebrosos dias da intentona comunista neste Estado” apresenta o artigo “A resistencia dos bravos da força policial”. Nele, o autor busca construir um discurso de apoio ao anticomunismo, reforçando a veiculação de uma imagem perigosa e violenta acerca do comunismo, enquanto elevava o quartel da polícia à categoria de bastião da legalidade e seus soldados à heróis da nacionalidade cristã¹⁴³.

¹⁴⁰ *A ORDEM*, núm. 2.983. Natal: 23/11/1945, p. 1.

¹⁴¹ *Idem*.

¹⁴² *Idem*. p. 2.

¹⁴³ *Idem*. p. 4.

Inicialmente, observamos um pequeno resgate histórico de como se iniciou o levante na noite de 23 de novembro de 1935, enquanto a maior parte das autoridades da cidade e do estado se encontrava reunida no Teatro Carlos Gomes (hoje Teatro Alberto Maranhão), em uma solenidade de formatura. Logo em seguida, o artigo parte para um discurso de louvação daqueles que resistiram à investida comunista no quartel da Polícia Militar, conhecido popularmente à época como “quartel da salgadeira”. No combate entre policiais e insurretos, um homem morre, trata-se de Luiz Gonzaga de Souza, figura bastante curiosa e controversa. Sobre sua morte, o jornal apresenta a narrativa seguinte:

No decorrer da resistência, quando mais acesa se torna a luta, tomba varado de balas um dos bravos municidores da metralhadora da força policial, - o imortal LUIZ GONZAGA DE SOUZA. E ao sentir-se ferido, põe, instintivamente, a mão sobre a ferida, amparando-se depois numa das portas, em cuja pintura fica gravada a mão de sangue do herói defensor da nacionalidade, morto no cumprimento sagrado do dever, em defesa dos princípios cristãos do nosso povo¹⁴⁴.

Assim sendo, podemos observar que a importância atribuída à “Intentona de 1935” atendeu especificamente a um interesse, o interesse dos grupos políticos de direita, em seus esforços de combate ao comunismo e que, a constante rememoração e atualização do discurso são elementos fundamentais neste processo. A própria publicação de um texto com esse conteúdo, exatamente dez anos após os acontecimentos de 1935, demonstra a preocupação católica em divulgar o anticomunismo, através de um trabalho de resgate da memória entalhada ideologicamente, como também uma renovação da mesma, num processo vivo de reelaboração para rerepresentar ao corpo social a sua narrativa.

Ressaltando os malefícios sociais que os adeptos da doutrina esquerdista provocaram quando de sua rebelião, o discurso se fortalece ainda mais com a construção da figura de um herói. Luiz Gonzaga torna-se um mito, depositário das concepções políticas e ideológicas,

¹⁴⁴*Idem.*

através do qual se pode observar a defesa não apenas dos valores nacionais, mas dos próprios princípios cristãos, personificados em sua figura¹⁴⁵.

O trabalho de propagação do anticomunismo e de construção de uma memória de 1935 continua no jornal publicado no dia seguinte, 24 de novembro de 1945, em edição de número 2.984. No topo da primeira página, lemos uma manchete com o seguinte título: “Os russos saqueiam a capital da Mandchuria: os bolchevistas põem em pratica o seu ‘modo de agir’.” Logo abaixo uma pequena nota informa que os russos ocuparam a região chinesa e que os saques estão sendo constantes. Ainda na primeira página, figura um pequeno artigo intitulado “Ainda a Doutrina Social da Igreja”, no qual há referências ao artigo de mesmo tom da edição passada, funcionando como uma continuação do mesmo. No texto, percebemos a reafirmação das diferenças sociais, o que segundo o autor, aumenta a responsabilidade quanto aos direitos e deveres de cada classe, em busca da união e da colaboração entre ambas, negando a disputa e os conflitos.

Na quarta página da publicação, há um texto que também funciona como continuação das discussões levantadas pela edição passada, desta vez sobre a investida comunista de 1935 ao quartel da Polícia Militar. Em “Os titans da força publica”, de M. Rodrigues de Melo, os valores comunistas são mais uma vez ressignificados e transportados para a esfera religiosa, como podemos observar em suas linhas iniciais, na afirmação de que “Ainda não se fez justiça aos defensores do velho quartel da Força Publica do Estado, quando violentamente acometido, em 1935, pelas forças vandálicas do comunismo ateu”¹⁴⁶.

Seguindo em sua discussão, Melo prossegue o texto exaltando o feito dos policiais do quartel, ressaltando que mesmo em condições desfavoráveis, “souberam aqueles bravos escrever uma das maiores epopéas que registra a nossa história militar”¹⁴⁷. O autor promove o resgate da memória dos que lutaram contra os comunistas, exaltando sua coragem e bravura,

¹⁴⁵ Para uma discussão referente à construção de mitos, indicamos a leitura de: GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹⁴⁶MELO, M. Rodrigues. **Os titans da força publica**. In.:_____. *A Ordem*, núm. 2.984. Natal: 24/11/1945, p. 4.

¹⁴⁷*Idem*.

transformando-os em heróis da resistência e associando essas figuras à imagem de outros dois mitos da história potiguar, Felipe Camarão¹⁴⁸ e Pero Mendes de Gouveia¹⁴⁹.

A evocação desses dois grandes nomes serve aqui como uma maneira de clarificar para os leitores a posição que se pretende atribuir àqueles soldados, a quem é conferido um lugar no panteão dos heróis nacionais, reafirmando que os mesmos agiram como “defensores da ordem, do governo, das instituições, da cultura e da civilização cristãs”, em luta contra o que ele chamou de o “mais cruel e abjeto dos despotismos”. O autor encerra o seu artigo, destacando a importância do não esquecimento dos fatos de 1935 para que agora, dez anos depois, os brasileiros não se deixem enganar pelas doutrinas esquerdistas, que segundo ele, trazem consigo a violência e a miséria.

Na sexta e última página desta edição, há o segundo texto da série “Recordando os tenebrosos dias da intentona comunista neste estado”. “A cidade sob o controle dos revoltosos” relata os acontecimentos do segundo dia de levante na cidade do Natal, com destaque para a desordem social, os saques a bancos e lojas, e a violência, que segundo o texto, fazem parte do “plano de governo vermelho”. O autor trata também da ocupação das oficinas do jornal *A República* e do próprio *A Ordem*, pelos comunistas para a impressão do veículo oficial da junta governativa estabelecida pelos insurretos, o jornal *A Liberdade*, e também da ocupação de diversas cidades do interior do estado. Quanto às nossas análises, cabe observar o parágrafo final do artigo, no qual infere-se que

Nas vésperas, portanto, desse decênio de sangue, morte e destruição, faz-se necessário que os brasileiros estejam atentos á nova investida destes mesmos inimigos, pois se eles mudam de tática, obedecem aos mesmos chefes de 1935. Prestes ainda agora endeusa os ‘heróis’ de 1935¹⁵⁰.

De tal modo, o resgate memorial da rebelião de 1935 é mais uma vez justificado pelas demandas do presente, já que o momento não poderia ser mais oportuno. As eleições se

¹⁴⁸Sobre a mitificação de Felipe Camarão consultar: ENDERS, Armelle. **O Plutarco brasileiro**: a produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado. In.: *Revista Estudos Históricas*, v.14, n.25, 2000. Disponível no sítio eletrônico www.bibliotecadigital.fgv.br.

¹⁴⁹Sobre o Capitão-mor Pero Mendes de Gouveia consultar: LEMOS, Vicente de; MEDEIROS, Tarcísio. *Capitães-mores e governadores do Rio Grande do Norte*. Natal: IHGRN, 1980.

¹⁵⁰A *ORDEM*, núm. 2.984. Natal: 24/11/1945.

aproximavam e a sociedade não podia esquecer-se dos malefícios da política comunista, a fim de derrotar nas urnas o candidato Iedo Fiuza. A figura de Prestes neste período foi bastante atacada por diversos grupos e veículos de comunicação impressa. Já a ocasião dos dez anos do levante recaiu perfeitamente na mão dos grupos de direita. A “Intentona Comunista” nunca fora tão discutida, lembrada, explorada, ressignificada e até mesmo deturpada.

O terceiro editorial analisado do ano de 1945, foi publicado na segunda-feira, dia 26 de novembro. De número 2.991, a publicação traz em sua primeira página uma grande manchete: “A LEC orienta o nosso eleitorado católico: indicação provisória dos candidatos pelo Rio Grande do Norte – os católicos não podem votar no candidato comunista.” No texto que se segue, o autor apresenta os candidatos que foram aceitos para o pleito de 2 de dezembro, inferindo ainda que a Liga Eleitoral Católica (LEC) tem a missão de orientar os católicos a “votar bem”, e que o candidato a presidência, Iedo Fiuza, possuía um programa de governo incompatível com os valores cristãos, não merecendo, portanto, o voto de nenhum católico e de nenhum cidadão consciente.

Continuando com seu trabalho de orientação do sufrágio, lê-se ainda na primeira página outro pequeno artigo que serve como apoio ao já citado acima. Com o título de “Compromissos políticos”, o autor anônimo busca ressaltar no texto a importância do voto, que não deve ser vendido nem influenciado por cabos eleitorais. Segundo ele, o voto pode apenas ser orientado – no caso dos católicos – pelos padres e pela LEC, órgão que funciona como “uma entidade especializada (...) que tem como tarefa precípua esclarecer a consciência cívica dos filhos da Igreja”¹⁵¹. Sendo assim, o autor encerra citando a importância de uma orientação por parte da igreja, já que “no entrechoque das paixões políticas”, alguns eleitores podem não fazer a escolha certa, colocando em risco a manutenção da ordem. Abaixo desse texto, observa-se ainda a frase seguinte, impressa em letras grandes: “Os católicos não podem dar seu voto a Iêdo Fiuza, sob pena de concorrerem para prestigiar o comunismo”¹⁵².

Na segunda página da edição, lemos um artigo do padre Francisco das Chagas Neves Gurgel, com o título “Viveremos de esperanças?” Nele, o padre não faz um ataque direto ao comunismo, mas propõe uma discussão ideológica, permeada pela religião de maneira sutil. Utilizando-se da alcunha pela qual é chamado Luiz Carlos Prestes – “cavaleiro da esperança”

¹⁵¹A *ORDEM*, núm. 2.991. Natal: 26/11/1945, p. 1.

¹⁵²*Idem*.

– o autor questiona os católicos quanto ao tipo de esperança que os mesmos sustentam. Seria uma esperança pautada no materialismo, ou uma esperança em Deus, promotor da igualdade na vida eterna? Observa-se ali uma orientação muito clara do pensamento católico para com os seus fiéis, instruindo-os a não acreditarem nos “falsos profetas”, ou seja, não se alimentarem de ideologias de contestação, de conquista de direitos através da luta. O bom cristão deveria apenas esperar a justiça de Deus, confiando nele, e conformando-se com a sua condição¹⁵³.

Ao lado do texto do padre, figura mais um texto de M. Rodrigues de Melo, intitulado “A reação sertaneja”. Através dele o autor busca exaltar a memória daqueles que resistiram à investida comunista no interior do estado, sobretudo na Serra do Doutor, evocando a identidade bravia do povo seridoense que acredita ainda nos valores cristãos e na importância da família, resistindo aos grupos representantes da “mais baixa escoria do comunismo ateu, quando esta tentava invadir as fronteiras da terra dos patriarcas”¹⁵⁴.

Na quarta e última página da publicação, figura mais um texto da série “Recordando os tenebrosos dias da intentona comunista neste Estado”, desta vez com o texto “A epopeia da Serra do Doutor – a vitória da legalidade”, que funciona como continuidade do artigo apresentado na edição passada. O mesmo busca prosseguir com o resgate dos acontecimentos da rebelião de 1935, tratando especificamente dos atos no interior do estado. Podemos observar que, além da rememoração, há uma narrativa de louvação aos seridoenses que lutaram na trincheira da Serra do Doutor, resistindo aos rebeldes. Características da população são glorificadas, no sentido de promover a criação de uma identidade de bravura e heroísmo. O autor infere que o povo seridoense é um povo de muita fé que, portanto, jamais permitiria “a vigência dum regimen que é todo contrario aos sentimentos de Deus e de família”¹⁵⁵. Observamos, portanto, que a vitória política representa também uma vitória religiosa, fazendo ecoar fortemente a primazia do catolicismo em nosso estado, implícita até mesmo no caráter das pessoas.

Voltando a tratar dos acontecimentos da capital, a narrativa destaca novamente a bravura dos policiais, ressaltando o episódio do quartel da Polícia Militar e a comovente

¹⁵³ *Idem.* p. 2.

¹⁵⁴ *Idem.* p. 2.

¹⁵⁵ *Idem.* p. 4.

imagem da marca de sangue deixada na parede pela mão do soldado Luiz Gonzaga. Ao final do texto, é realizado novamente o trabalho de resgate histórico para legitimar a postura atual da Igreja, citando-se que “A memória dos heróis jamais será traída. O comunismo não vencerá numa nação como a nossa, formada sob as bênçãos da cruz do Cristo.” Logo abaixo, segue-se uma homenagem aos policiais que lutaram em 1935, com uma lista dos nomes dos mesmos e, ainda, uma seção a parte para destacar os nomes dos feridos no conflito e, finalmente, o nome de Luiz Gonzaga de Souza, o único a falecer.

Na capa do último editorial aqui considerado, vemos figurar uma grande manchete com o título: “Brasileiros! Alerta contra o comunismo, que novamente se insinua para trair o Brasil.” Esta é uma edição muito interessante, pois logo de início podemos observar uma aproximação dos ideais católicos com o militarismo, alinhados em seu combate aos comunistas. Figura nesta página a ordem do dia expedida pelo General Valentim Benício, na qual o mesmo exortava o heroísmo dos soldados brasileiros em suas investidas contra o “perigo vermelho” e a importância de manter-se atento, tendo em vista que essa ameaça permanecia constante às vésperas das eleições presidenciais.

Ao lado, podemos observar outro artigo, este escrito pelo Capitão Medeiros de Azevedo, da Polícia Militar baiana. Nele, o capitão parte da morte do soldado Luiz Gonzaga para evocar a bravura e o heroísmo de todos os militares do Brasil. Com o título “A mão de sangue!”, o texto evoca a imagem da mão ensanguentada de Luiz Gonzaga em uma das portas do quartel, vista como um marco para a história de um país que não se curva aos desmandos de soviéticos e à política esquerdista. Torna-se nítida no texto a operação realizada em torno da figura do soldado, no sentido de construir em torno dele um exemplo de força, bravura e heroísmo. Gonzaga passa a funcionar efetivamente como um mito anticomunista.

Um pouco abaixo, lemos um pequeno texto intitulado “O dever dos operários”, que faz novamente uma referência à encíclica *Rerum Novarum*, do papa Leão XIII, tratando especificamente das obrigações da classe operária, explicitando exatamente o mesmo trecho citado no primeiro capítulo desta dissertação. Segundo o autor do texto publicado no jornal, “a união entre empregados e empregadores se faz primeiramente, segundo a doutrina da Igreja Católica, segundo os princípios de justiça”. Ainda na primeira página, destaca-se o seguinte texto:

Quando o país inteiro se agita empolgado pelos preparativos do pleito eleitoral que se avizinha; quando os brasileiros se deixam levar pelo ardor da campanha política; quando o povo preocupa-se na escolha de seus candidatos; quando os inimigos da pátria, que não dormem, se arregimentam para novamente trair a nossa vocação cristã; quando o comunismo ateu e totalitário se apresenta revestido de novos disfarces, apresentando, ao povo um candidato que se diz não comunista, mas que aceitou o apoio dos comunistas; é preciso que as forças vivas da nação estejam lembradas da alta significação que o dia de hoje representa para a vida nacional. 27 de novembro de 1945 nos faz lembrar que são passados dez anos da fracassada intentona comunista, que tanto enlutou os lares brasileiros. Ninguém jamais deixará de recordar-se daqueles dias tenebrosos em que vivemos sob o regimen bolchevista, onde somente imperavam o crime, o roubo, a morte e a destruição. Ninguém, igualmente, se deixará iludir pela lábia desses ‘chefes’ desses mesmos ‘líderes do povo’, desses mesmos ‘cavalheiros da esperança’, que em novembro de 1935 faziam estremecer os alicerces da nacionalidade, com o fim único de negociar a pátria com nações estrangeiras, numa degradante afronta aos brios do povo brasileiro. Embora os antigos promotores da intentona vermelha de 35 tenham mudado de tática, e venham utilizando a ‘política da mão estendida’, e mais ainda, apresentem eles um candidato civil com o nome de Iedo Fiuza, que se quer dizer não comunista, não podem os bons brasileiros se deixar iludir com essa investida ‘pacífica’ dos adeptos da foice e do martelo, pois esse pacifismo não é outro sinão o sanguinolento comunismo de 1935. Combater, pois o comunismo na hora atual, é um dever inalienável de todo o brasileiro pois somente assim estaremos honrando a memória dos bravos que tomaram em defesa das nossas instituições e da verdadeira Democracia¹⁵⁶.

A partir de trechos como este, podemos observar que a demarcação dos posicionamentos políticos e ideológicos do jornal é muito clara e que a discussão não perpassa apenas o campo das ideias, mas também (e principalmente) a ordem da ação. A doutrinação passa a influenciar diretamente o voto, que não poderia, sob nenhuma hipótese, direcionar-se a Fiuza. É importante ressaltar também que a edição do *A Ordem* tem a intenção de “desmascarar” a nova investida comunista, denunciando o apoio vermelho a um candidato que disse publicamente não ser comunista, mas subiu ao palanque ao lado de Prestes.

No rodapé da primeira página, lê-se ainda a seguinte frase: “O comunismo opõe-se visceralmente ao catolicismo. Nenhum católico pode votar em candidatos do partido comunista”¹⁵⁷. Na última página do jornal, encontra-se a “Nota do dia”, que se apresenta com

¹⁵⁶A *ORDEM*, núm. 2.992. Natal: 27/11/1945, p. 1.

¹⁵⁷*Idem*.

o título “O comunismo é o mesmo de 35”. Na mesma, o autor realiza a operação de resgate memorial da intentona de 1935 para justificar a não aceitação e o não apoio ao comunismo nas urnas em dezembro, destacando que o comunismo continua sendo o mesmo, tendo mudado apenas de política, mas não de fundamentos.

A grande preocupação em veicular nos jornais uma incisiva campanha contra Fiuza tinha seus motivos. O mundo e o Brasil, inclusive, viam-se envolvidos na Segunda Guerra Mundial, período no qual as ideias comunistas ganharam bastante prestígio devido à luta da União Soviética contra o nazismo de Hitler e o fascismo de Mussolini¹⁵⁸. Porém a votação de Fiuza ficou em torno de 9%, fato que pode ser explicado através das palavras de Caio Prado Júnior, em um trecho dos seus “Cadernos Políticos”:

Ontem a tarde, nos ultimos momentos do prazo para inscrição de candidatos a presidente da Republica, o P.C.B. levou a registro o nome do seu candidato: sr. Yedo Fiuza, engenheiro civil, diretor do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem, e ex prefeito de Petropolis. Havia grande expectativa em torno do nome que seria indicado. Num certo momento, falava-se com certeza no sr. Prestes Maia, que acaba de deixar a prefeitura de S. Paulo. O sr. Prestes Maia desistiu à ultima hora. [...]O nome do sr. Fiuza é pouco conhecido. Isto aliado aos poucos dias que restam para campanha eleitoral, dá a certeza que sua votação não poderá ser muito grande. Enfim, esperemos alem da popularidade que der dará o P.C.B., ele tem a grande vantagem de no civil, não ter compromissos com politicagens¹⁵⁹.

Dentre a série de anos estudados, o ano de 1945 é, sem dúvida, um dos momentos em que a propaganda anticomunista é veiculada com maior ênfase e veemência. O clima de disputa eleitoral, aliado à legalização do Partido Comunista Brasileiro, fez alastrar-se pelo Brasil o terror e a aversão aos comunistas, posturas que eram criadas e alimentadas pela imprensa, e por atos de rememoração da chamada “Intentona de 1935” e de homenagem às vítimas do lado do exército e da polícia. Na imagem seguinte, o jornal *A Folha da Manhã*, de 28 de novembro de 1945, nos reporta sobre uma dessas homenagens que reuniu um público de “proporções excepcionais”, mesmo tendo ocorrido na cidade de São Paulo, onde a rebelião nem chegou a acontecer.

¹⁵⁸Sobre a Segunda Guerra Mundial consultar: PEDRO, Antônio. *A Segunda Guerra Mundial*. Campinas: UNICAMP; Atual, 1992.

¹⁵⁹Fonte: Cadernos Políticos de Caio Prado Jr. – CPJ006/041. Disponível no Arquivo do IEB.

Figura 10 – Recorte do jornal *A Folha da Manhã*, em edição de 28/11/1945. Cadernos Políticos de Caio Prado Jr. Disponível no Arquivo IEB.



Foto: Arquivo pessoal.

Torna-se claro que toda a operação empreendida pelo *A Ordem* em seus escritos, gira em torno dos esforços para rememorar o movimento comunista de 1935, e difundir o discurso de um comunismo violento e perigoso, representando-o como tal. A detenção de um aparelho de ampla divulgação da informação, como é o caso de um periódico, torna essa operação possível, observando-se que a posse da informação implica diretamente na manipulação de versões sobre determinado acontecimento, da memória e da história, estabelecendo uma via direta para o poder. Assim, temos que a Igreja Católica, assim como o próprio governo Vargas, foi legitimada e tornou-se uma das instituições mais importantes socialmente a partir do papel que desempenhou no combate ao comunismo e supostas suas mazelas.

3. LUGARES DE MEMÓRIA: A PRÁTICA E A REPRESENTAÇÃO ESPACIAL DO ANTICOMUNISMO NO RIO GRANDE DO NORTE

*“Nossos peitos com vigor. Afeitos à luta agreste;
Traduzem nosso valor neste rincão do Nordeste.
Somos contra o despotismo, que traz a revolução;
Infeliz do extremismo, que rouba a paz da Nação!”*

José Vitoriano de Medeiros - Hino da PM/RN

Após discutirmos brevemente questões conceituais referentes ao comunismo, ao anticomunismo, fazemos um estudo das séries de rememoração de 1935 e da propagação do discurso anticomunista nas páginas do jornal *A Ordem*, passamos agora a discutir diretamente a primazia espacial como suporte criador, transmissor e reproduzidor de uma determinada memória. Trabalhamos nesta seção com espaços já citados em capítulos anteriores, a saber, o antigo quartel da Polícia Militar do Rio Grande do Norte (PM/RN), o túmulo e o mausoléu do soldado Luiz Gonzaga e o marco da Serra do Doutor. A opção de explorar estes espaços especificamente se delineou em primeiro lugar pela recorrente menção aos mesmos nos jornais pesquisados e depois por terem se tornado espaços de memória, lugares de representação do anticomunismo potiguar.

Nossos esforços de pesquisa se concentraram na visita aos espaços, colhendo o máximo de informações possíveis, em abordagens de caráter quantitativo e qualitativo. Também foram realizadas entrevistas, já que priorizamos o trabalho com a oralidade¹⁶⁰, aliando a isto análises bibliográficas e documentais.

Em todos os momentos de construção destes estudos, dois questionamentos nos intrigavam e foi a partir deles que seguimos o nosso trabalho de campo. A primeira questão se tratava de identificar o discurso fundador destes espaços, avaliando os símbolos aos quais os mesmos recorrem para se legitimarem como espaços da memória anticomunista. Levamos em

¹⁶⁰ Para uma discussão sobre História Oral, indicamos a leitura de: MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

consideração, portanto, as relações sociais, econômicas e culturais implicadas neste processo, sobretudo os interesses atendidos com a disseminação e a espacialização desse discurso.

Paralelamente, nos interessava também compreender a dinâmica social existente em torno desses espaços, tanto em anos anteriores como atualmente. Buscamos compreender o que tais lugares representaram um dia e o que hoje representam socialmente. Para tanto, investigamos o conhecimento das comunidades locais sobre a história dos monumentos anticomunistas e o tipo de prática que se configura nessa dialética entre o homem e o espaço.

Como trabalhamos com espaços de memória, cabe-nos inicialmente delimitar e esclarecer algumas questões. A primeira delas se refere à diferença entre monumento e patrimônio. Dos quatro espaços analisados, apenas o primeiro deles, o prédio do antigo quartel, é considerado um patrimônio histórico e cultural da cidade do Natal. Já os outros monumentos não são tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Neste sentido, tomamos como base a discussão da historiadora francesa Françoise Choay, que nos auxilia a iluminar estes aspectos.

Segundo a autora, o conceito de patrimônio histórico está diretamente relacionado às concepções do que é belo e do que é considerado por uma sociedade como elemento que guarda imagens do passado e é em si, uma obra de arte. Já o monumento é construído obedecendo uma orientação prévia. Possui o interesse bem definido de representar um fato ou louvar a memória de alguém. Para Choay

O sentido original do termo é o do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz à lembrança de alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças¹⁶¹.

¹⁶¹ CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 2006, p.17-18.

Sendo assim, podemos observar que temos em nosso caso exemplos claros de monumentos. É preciso ainda considerar que quando nos referimos à construção desses espaços, não tratamos do processo de edificação baseado em cimento e tijolos. Buscamos aqui dar relevo à sua construção simbólica, empreendida após a rebelião de 1935 e utilizando-se de sua narrativa e memória para fundar socialmente estes monumentos, compreendidos sob a ótica de nossas análises como representação espacial do anticomunismo. De tal modo, consideramos também um espaço que não foi erguido com a intenção inicial de celebrar o discurso anticomunista, como é o caso do antigo quartel da PM/RN. Porém, toda a operação simbólica realizada em torno desse lugar lhe confere também o significado e a função de monumento anticomunista.

É neste processo de disputas pela criação e disseminação de uma memória de bravura e heroísmo daqueles que resistiram à investida comunista que se inserem as nossas discussões. Mais que localizar a presença desses lugares de memória na conformação espacial das cidades, buscamos revelar os interesses que orientaram a construção material e imaterial destes espaços, tratando do seu simbolismo e as práticas que os orientavam e os orientam atualmente.

Partimos, portanto, de uma compreensão histórica cultural do social, vislumbrando o mundo como representação, constituído por meio de interesses e demandas específicos. Cabe-nos aqui destacar as estratégias de construção de uma determinada realidade e a sua respectiva memória social. Para isto, retomamos a aproximação à discussão de Roger Chartier no tocante a ideia de representação.

Nela, percebemos que o discurso que encontramos nas páginas do *A Ordem* e de tantos outros periódicos passa a ganhar status material, com espaços de representação do anticomunismo. Os espaços referidos em narrativas consideradas no capítulo anterior tornam-se símbolos da resistência dos grupos de direita e suporte para evocação da memória dos acontecimentos de 1935. Em se tratando do jogo de interesses que atende à sua construção, temos que

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas

escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação¹⁶².

Em nosso trabalho esta realidade também é observável. As construções simbólicas e materiais realizadas em torno do empreendimento anticomunista tiveram o caráter de defesa dos valores de grupos específicos. Se no capítulo anterior apresentamos a Igreja Católica como instituição legitimada através desse discurso, nesta seção a instituição que aparece mais fortalecida é a Polícia Militar. A mesma tece toda a sua constituição histórica e ideológica com base no combate ao comunismo.

De tal modo, temos a intenção de guiar nossos leitores em uma incursão pelo mundo das disputas de representação. Inicialmente, apresentando os aspectos referentes à construção material dos espaços, relacionando a isto os discursos reproduzidos em jornais acerca dos mesmos, a fim de tecer uma relação entre os monumentos e os seus signos e símbolos. Avaliando o claro sentido de legitimação do poder que perpassa a prática espacial.

Para além deste efeito, temos também uma discussão mais direcionada às celebrações anticomunistas realizadas nestes espaços, o que lhes conferem o *status* de monumentos celebrativos¹⁶³. Assim sendo, apresentamos recortes de jornais de diversas épocas comprovando a função de elemento evocador de uma memória desempenhado por tais lugares, relacionando-os aos depoimentos orais das comunidades locais que nos trazem ricas informações sobre as atuais práticas realizadas.

Em se tratando destes aspectos, inferimos a importância da discussão de autores que abordam diretamente a questão. Destacamos aqui as considerações do geógrafo sino americano Yi-Fu Tuan. O mesmo opera o problema da espacialidade sob a luz do conceito de

¹⁶²CHARTIER, Roger. *A Histórica cultural: entre práticas e representações*. 1990, p. 17.

¹⁶³ Os monumentos celebrativos são espaços dedicados à louvação de uma memória. Orientam práticas e legitimam grupos e interesses específicos. A historiadora Ana Rita Uhle apresenta em sua Tese de Doutorado um interessante trabalho acerca desses espaços. Assim como em nossa pesquisa, a autora trata da concepção dos monumentos, sua construção e os discursos acerca dos mesmos. Para consultas, segue a referência: UHLE, Ana Rita. *Monumentos celebrativos: aproximações entre história e arte* (São Paulo, 1925-1960). Tese de Doutorado. São Paulo: UNICAMP, 2013.

lugar antropológico. Para ele, os espaços são moldados e transformados pelas experiências¹⁶⁴. Os mesmos, ao abrigarem relações, vivências e experiências, passam a ter significado e prática social, tornando-se lugar. De tal modo, temos a centralidade na dimensão social e histórica da categoria espacial¹⁶⁵. Apresentamos aqui, portanto, espaços que se efetivaram como lugares de memória. Situação permitida pelas constantes práticas de rememoração da investida de 1935.

Por fim, é importante também atentar para o problema relativo à delimitação temporal de nossas análises neste capítulo. Como as celebrações de rememoração de 1935 se estenderam durante um longo período e é também de nosso interesse enfatizar as relações comunidades-espaços nos dias atuais, apresentamos um período de análise bastante vasto que compreende desde o ano de construção de cada um dos espaços até a atualidade.

Por trabalharmos com um recorte tão vasto, torna-se difícil dar relevo a todo o material encontrado em jornais impressos, que se apresentam como fontes inesgotáveis. A quantidade de matérias que reportam as celebrações em rememoração da chamada “Intentona Comunista” é enorme na maior parte dos anos posteriores a 1935. Dessa maneira, fizemos a opção por apresentar algumas matérias mais significativas em relação aos nossos propósitos, a fim de reafirmar a prática celebrativa nos lugares de memória anticomunista aqui considerados.

Queremos desta forma, deixar claro que este tipo de celebração ocorreu durante praticamente todos os anos estudados, diminuindo de intensidade apenas após o ano de 1988, provavelmente devido aos preceitos estabelecidos pela nova Constituição, que garantia a liberdade sindical, o direito a greve, entre outros pressupostos¹⁶⁶. Portanto, o não aparecimento de recortes de jornais de outras datas não reflete ausência de contato com os mesmos, nem mesmo a inexistência das celebrações em tais temporalidades. Apresenta sim, uma demanda organizativa e seletiva de nosso trabalho, a fim de torna-lo realizável.

¹⁶⁴ Neste aspecto, Yi-Fu Tuan dialoga com as discussões do historiador inglês Edward Palmer Thompson no tocante ao seu conceito de experiência. Thompson trabalha com uma abordagem culturalista do marxismo, ressaltando a importância das relações sociais e das experiências dos grupos com o meio para a construção de uma determinada realidade. O mundo assim é concebido através da prática e da experimentação.

¹⁶⁵ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. 1983.

¹⁶⁶ Constituição de 1988 disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24/11/2014.

Por fim, apresentamos nas páginas seguintes os nossos trabalhos de análise, abrindo o debate acerca da representação espacial do anticomunismo no estado do Rio Grande do Norte. Espaços em que se cristalizou a memória de um comunismo perigoso e ameaçador, legitimando grupos de direita e favorecendo o sucesso de tal empreitada em nosso estado.

3.1 O Quartel da Polícia Militar

O antigo quartel da Polícia Militar do Rio Grande do Norte (PM/RN) é o primeiro espaço de memória anticomunista analisado por nós. Situado na Praça Coronel Lins Caldas, número 678, no bairro Cidade Alta, próximo a Ribeira e ao Passo da pátria, o logradouro conta com um grande prédio e uma quadra de esportes à frente.

Figura 11 – Prédio do antigo quartel. Atual Casa do Estudante do RN



Foto: Arquivo Pessoal

O casarão possui um histórico bastante vasto. Foi construído em 1855 para abrigar o Hospital de Caridade de Natal, na administração do presidente da província Antônio Bernardo de Passos. Ali encontrava-se doentes de toda sorte, em um ambiente com péssimas condições de higiene¹⁶⁷. Com as novas demandas urbanas de modernidade e sanitarismo, o hospital foi

¹⁶⁷ NESI, Jeanne. *Natal monumental*. 2012, p. 47.

fechado em 1909, no governo de Augusto Tavares de Lira, sendo transferido para um casarão doado pelo ex-governador Alberto Maranhão, no alto do Monte Petrópolis, em frente à praia de Areia Preta. A proximidade ao mar, inclusive, reflete uma postura da medicina do período, segundo a qual a água do mar e os seus ventos fariam bem aos doentes¹⁶⁸.

Com o hospital desativado, no prédio passou a funcionar a Escola de Aprendizes Artífices, a partir de janeiro de 1910. Esta instituição foi criada em todo o Brasil, por meio do decreto do presidente Nilo Peçanha, publicado em 23 de setembro de 1909. A escola fornecia educação profissional, aliando às disciplinas, a formação de mão-de-obra especializada. Uma experiência muito bem-sucedida que daria origem, anos mais tarde, às escolas técnicas, atualmente chamadas de Institutos Federais. A escola mudou de prédio em 1914 para se instalar em um prédio na Avenida Rio Branco, que atualmente abriga um dos campi do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)¹⁶⁹.

Ainda no mesmo ano de 1914, em 17 de setembro, o velho casarão passa a ser ocupado pelo quartel da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, que ali se assentou durante muitos anos, até o dia 30 de maio de 1953, quando o batalhão mudou-se para o novo quartel construído na Avenida Rodrigues Alves, onde se encontra até hoje. Só após a transferência da polícia potiguar é que a casa passou a abrigar os estudantes vindos de diversas partes do estado para estudar na capital.

Inicialmente chamada de Casa do Estudante Pobre do Rio Grande do Norte, título contestado logo no seu primeiro estatuto, passou a chamar-se apenas de Casa do Estudante do Rio Grande do Norte (CERN). A instituição foi fundada em 1946. Porém, inicialmente “funcionou num imóvel alugado, situado na Rua Seridó, 455, propriedade de Francisca Dantas, viúva de Manuel Dantas”. De tal modo, apenas no ano de 1956 é que o prédio passou a abrigar os jovens, após uma longa campanha para a cessão do espaço a este fim¹⁷⁰.

Durante a realização da nossa pesquisa, pudemos constatar que o nome da rua em que se encontra o prédio foi modificada algumas vezes, dando relevo à função prática de tal

¹⁶⁸ SILVA, Rodrigo O. *Entre o Monte Petropolis e a praia de Areia Preta*. 2011.

¹⁶⁹ Informações sobre a fundação da Escola de Aprendizes Artífices, disponíveis no sítio eletrônico: www.portal.ifrn.edu.br/institucional/historico. Acesso em: 07/11/2014.

¹⁷⁰ NESI. *Op. Cit.* p. 48.

espaço. Inicialmente, a mesma era chamada de Rua da Salgadeira, devido à presença naquela região do antigo matadouro da cidade. Com a instalação do Hospital de Caridade, a via passou a chamar-se de Rua da Misericórdia.

Anos depois, esse nome seria novamente modificado, dando espaço para a Rua Presidente Passos, em homenagem a Antônio Bernardo de Passos, presidente da província à época da construção do Hospital. Atualmente, a rua possui ainda o nome de Presidente Passos. Porém, devido à presença de uma praça em frente ao casarão, a área onde se localiza a Casa do Estudante, chama-se Praça Coronel Lins Caldas, em homenagem ao Tenente-coronel Manoel Lins Caldas Sobrinho, que comandou a Polícia Militar do estado durante quase vinte anos.

Figura 12 – Tenente-Coronel Manoel Lins Caldas Sobrinho. Galeria dos Comandantes da PM/RN.



Fonte: Arquivo da PM/RN. Foto: Arquivo Pessoal.

O prédio foi tombado no ano de 1993¹⁷¹, tornando-se um monumento do patrimônio histórico e artístico do Rio Grande do Norte. O projeto desenvolveu-se na esfera estadual. Coube à Fundação José Augusto (FJA) a responsabilidade pelo tombamento. Deu-se entrada no processo em 1º de junho de 1993 e em 24 de novembro do mesmo ano o edifício foi reconhecido, pela figura do então governador José Agripino Maia. Como elemento relevante para a sua preservação foi destacado o alto valor artístico de sua arquitetura. O texto do processo foi reproduzido na obra *Natal Monumental*, segundo o qual o prédio

¹⁷¹ Reproduzimos em anexo uma cópia do processo de tombamento do prédio.

Foi originalmente construído com um único pavimento. Recebeu o acréscimo de mais um andar, à época de sua ocupação como quartel. Foram conservadas as características originais do edifício. Acha-se implantado no alinhamento da rua, apresentando partido de planta retangular e fachada com traços neoclássicos. O corpo central da fachada principal, concebido com simetria, encontra-se emoldurado por cunhais e cornijas. Apresenta uma porta central, ladeada por oito janelas ao nível do térreo. O pavimento superior possui nove janelas, todas em vãos de arcos abatidos e cercaduras de massa. O prédio possui cobertura de quatro águas, arrematada por platibanda, ostentando na parte central um frontão triangular¹⁷².

A sua importância histórica também ganha relevo, sobretudo, por ter sido testemunha de acontecimentos importantes para a história norte-rio-grandense. As implicações da memória sobre a revolta de 1935 foram claramente evocadas no processo de tombamento, sobretudo, destacando o papel do quartel como elemento da resistência e símbolo da legalidade. Ao edifício, como elemento material, foram também conferidas características humanas, enfatizando a bravura e o heroísmo. O texto infere que

Nos dias 23 e 24 de novembro de 1935, o prédio resistiu ao impacto direto de metralhadoras pesadas, bomba de dinamite e granadas de mão, durante o levante comunista de Natal. O Batalhão contava, à época, com um contingente de 50 homens, municiados com 100.000 balas, e resistiu heroicamente durante 19 horas seguidas de fogo, contra um inimigo numericamente superior, em homens e munições. O velho prédio, crivado de balas, foi recuperado e continuou seu desempenho de função militar, durante mais de 17 anos¹⁷³.

Podemos observar que o episódio da resistência à investida de 1935 é levado em consideração no momento de atribuir ao casarão um valor histórico. Este aspecto nos atenta para os diversos interesses atendidos pela perpetuação de uma determinada memória, neste caso, especificamente, a memória anticomunista. O próprio fato de considerar o edifício como um elemento importante para a história do estado, merecendo, portanto, ser preservado, revela

¹⁷² NESI. *Op. Cit.* p. 48-49.

¹⁷³ *Idem.* p. 47-48.

o tipo de memória que interessa aos grupos políticos e sociais dominantes e o tipo de narrativa que se deseja resguardar e disseminar.

Acerca do discurso que permeia toda a constituição do processo de legitimação do velho quartel, nota-se a construção de uma narrativa de louvação ao espaço do quartel, que é por diversas vezes resgatada. Em uma enorme quantidade de impressos, lemos artigos sobre a bravura das paredes do edifício, assim como a honradez dos policiais que lá se encontravam. No trecho que se segue, publicado no jornal *A Ordem*, observamos a dupla operação de reafirmar a importância do quartel e a bravura da polícia:

Pouco a pouco ia diminuindo de intensidade o tiroteio pela cidade para se acentuar, de maneira violenta, nas imediações do velho quartel da Força Policial, que desde o começo da revolta ficou sitiado por grande número de tropas, superior muitas vezes em arma e gente, ao pugilo de bravos que entrincheirados nas velhas paredes do quartel, procurava esmagar a intentona. Infelizmente não o puderam fazer. A superioridade dos inimigos era enorme. Localizado num vão de terreno sem meios estratégicos de defesa, era impossível uma maior resistência daquele reduto de bravos. Sob o comando do então major Luiz Julio, e com a colaboração do comandante do 21º B.C., coronel Plínio Soares, quarenta e poucos homens que ali se achavam no momento do ataque, deram uma frisante demonstração de coragem, bravura e heroísmo, teimando em responder com escassos tiros de fuzil, às pesadas rajadas de metralhadoras dos assaltantes que também utilizaram bombas e granadas de mão. Todos dentro do quartel desdobravam-se em esforços, tendo como único escopo a derrota dos comunistas ambiciosos e perturbadores da ordem e da legalidade, dos quais são guardiães bravos da garbosa força policial¹⁷⁴.

Em excertos do jornal *A República* a narrativa da resistência também aparece. Podemos destacar um deles, no qual o autor infere que

O primeiro alvo foi o Quartel da Polícia Militar no Passo da Pátria, (hoje, Casa do Estudante). Ali, nossa polícia escreveu com “sangue, suor e lágrimas”, como diria o “premier” britânico, a mais bela página do heroísmo de patriotismo, de coragem e denodo¹⁷⁵.

¹⁷⁴ *A ORDEM*. Núm. 2.983. Natal: 23/11/1945, p. 4.

¹⁷⁵ SUPLEMENTO DIÁRIO. *A República*. Núm. 1.269. Natal: 27/11/1979, p. 1.

O antigo quartel tornou-se um dos mais fortes e evocadores símbolos do anticomunismo. A famosa fotografia de sua fachada cravada de balas circulou em todo o Brasil, ano após ano em diversos periódicos. A seguir vemos as fotos publicadas no jornal *A República* em edições dos dias 24 e 27 de novembro de 1979, demonstrando que mesmo 44 anos depois da revolta de 1935, a representação anticomunista conferida ao quartel permanecia viva.

Como espaço que resguarda a memória anticomunista, tornou-se palco de sucessivas celebrações de rememoração da valentia dos opositores à investida rebelde de novembro de 1935. As festividades eram reflexo de solenidades ocorridas em diversas cidades do Brasil, sobretudo, em Recife e no Rio de Janeiro, onde o levante também ocorreu. Cabe ressaltar que tais eventos estavam diretamente relacionados a uma postura militarista, grupo de direita a quem interessava resgatar a memória da resistência.

Figura 13 – Matéria sobre o aniversário da Intentona Comunista publicada no jornal *A República* em 24/11/1979, p. 2.



Foto: Arquivo Pessoal.

Figura 14 – Detalhe da fachada do prédio após o ataque dos rebeldes. Fotografia publicada no jornal *A República*, em edição do dia 27/11/1979.



Foto: Arquivo Pessoal

É interessante perceber através das imagens, o caráter simbólico e ideológico da investida ao quartel em 1935. Nota-se que os tiros dos rebeldes se concentraram na parte mais alta e central do prédio, onde figurava um símbolo, provavelmente o brasão da PM/RN. Dessa maneira, configura-se o ataque não apenas ao edifício, mas à própria instituição.

Em se tratando da força policial do Rio Grande do Norte, cabe destacar que todas as construções imagético-discursivas realizadas em torno da mesma têm como pano de fundo a chamada “Intentona Comunista”. O “perigo vermelho” serviu de justificativa para as ações posteriores, legitimando socialmente a instituição como um grupo forte e organizado capaz de afastar a má influência comunista do âmbito estadual.

Um exemplo da forte evocação da memória de 1935 para legitimar a Polícia Militar se expressa na letra do Hino da PM do Rio Grande do Norte, composto pelo tenente coronel José Vitoriano de Medeiros. Nele a importância da instituição é ressaltada na luta contra um perigoso inimigo, “fruto do extremismo que traz a revolução”, ou seja, o comunismo. Parte da sua letra se encontra na epígrafe deste capítulo e em anexo reproduzimos o hino completo.

Anos depois, com a mudança de função do prédio, o mesmo deixou de ser palco dessas celebrações, que passaram a ocorrer no novo quartel da Rodrigues Alves e no Cemitério do Alecrim, onde foi erguido o túmulo do soldado Luiz Gonzaga. Aos poucos o antigo quartel começou a entrar em um processo de degradação. Já em 1993, as condições do

velho casarão não eram as melhores. Uma das fotos anexadas ao processo de tombamento do prédio nos permite avaliar as suas condições de preservação.

Figura 15 - Fachada da Casa do Estudante do RN em 1993. Imagem anexada ao processo de tombamento realizado pela FJA.



Foto: Arquivo Pessoal.

Mesmo sendo um prédio tombado, as condições de preservação foram se tornando cada vez mais precárias. Atualmente, a situação da casa não é muito diferente. Passou por algumas reformas nos últimos anos, mas na maior parte delas o que houve foi apenas a limpeza e a pintura, não contemplando sua parte estrutural, comprometida pelo desgaste do tempo e da falta de manutenção. Após essas considerações acerca do histórico do prédio e da prática espacial anticomunista, passamos para a visita e a pesquisa de campo, a fim de compreender a atual dinâmica que rege a relação da comunidade com a casa atualmente.

Apesar de ser o primeiro espaço analisado neste trabalho, o mesmo foi o último a receber nossa visita. Vários foram os motivos para tal relutância. Pode-se aqui destacar os insistentes avisos de parentes e amigos acerca dos perigos que o trabalho de pesquisa *in loco* poderiam reservar. Instalado em uma área popularmente conhecida na cidade pela violência, o espaço é hoje visivelmente um retrato de abandono e degradação. Definida a data da visita, qual não foi a surpresa ao ver em um telejornal, uma semana antes, a notícia de que os moradores da casa haviam sido vítimas de assalto, em uma ação ousada e violenta de delinquentes.

Dirigi-me até o prédio no dia e horário definidos, não sem um pouco de receio, confesso. Cheguei a Casa às 14 horas. Não havia ninguém no *hall* de entrada, nem na quadra situada à frente. Como o velho e pesado portão de ferro estava entreaberto, empurrei e entrei. Já na recepção, várias placas reafirmam a longa história do prédio, contando com os nomes dos vários presidentes da Casa e homenagens a governadores que se ocuparam da manutenção do espaço, como é caso de Cortez Pereira (1973), Vivaldo Costa (1994), Garibaldi Alves Filho (1998) e Wilma Maria de Farias (2007).

Mais alguns passos e cheguei ao pátio. Bastante amplo e iluminado, cercado por alpendres com diversas portas dos quartos de seus moradores. Caminhando por ele me deparei com uma coluna, onde provavelmente antes havia uma placa. Se já na parte externa do prédio é possível observar a degradação e o abandono, em seu interior a realidade não é diferente. As paredes encontram-se descascadas, o piso igualmente desgastado e o cheiro do local assemelha-se a uma mistura de sujeira recente e constante com o mofo acumulado de muitos anos. O silêncio impera, rompido apenas pelo barulho de uma TV pequena à disposição dos jovens, instalada em um espaço coberto no pátio. Lá encontrei três deles com quem conversei um pouco.

Depois desta primeira visita, voltei por diversas vezes a casa para fazer entrevistas, fotografias e mesmo observar o cotidiano do lugar. Conversei com muitos moradores da casa, mas destaco aqui as falas de alguns deles acerca das relações atuais que se estabelecem naquele espaço. O prédio abriga jovens, em sua maioria do interior do estado, que vêm estudar na capital. Há alguns que passam o dia inteiro na casa e outros que se dirigem a ela apenas para dormir. Há também aqueles que não são estudantes, mas permanecem lá por não ter onde ficar.

Serafim do Nascimento Júnior mora na casa desde agosto de 2009 e faz parte da direção da instituição. O mesmo destacou que a maior parte das pessoas que habitam o prédio são realmente estudantes e de fato precisam da moradia, mas como a guarda patrimonial foi retirada, eles têm sofrido constantemente com a insegurança e a presença de delinquentes, fazendo com que os moradores fiquem a maior parte do tempo trancados em seus quartos, onde o calor é insuportável. O entrevistado revelou que a situação do edifício é realmente deplorável, contando com vários quartos interditados devido aos desabamentos das coberturas e sucessivas interdições por parte da vigilância sanitária. Ele infere:

Eu acho que o estado deveria se preocupar mais no que se refere à preservação do prédio. O pessoal sempre está comentando isso aqui. A gente já cobrou do estado uma outra reforma da casa, já há vários processos, mas eles sempre recorrem ao Ministério Público e a situação só está piorando. Infelizmente, essa semana a gente recebeu outro pedido de interdição pela vigilância sanitária, e nesse documento eles falam que a gente não pode fazer como da outra vez, por que da outra vez a presidência tinha recebido esse documento e a gente não abandonou o prédio, então dessa vez eles falaram que não pode fazer a mesma coisa que a gente fez há dois anos atrás, que foi quando houve o primeiro pedido de interdição¹⁷⁶.

O morador comentou também sobre a solidariedade da população da cidade para com a Casa do Estudante, que sempre auxilia com gêneros alimentícios e materiais de limpeza, em detrimento do descaso dos órgãos estaduais responsáveis, realidade que foi observada inclusive em uma das visitas realizadas, quando um casal chegou para entregar cestas básicas. Além disso, nos contou também um pouco sobre as relações cotidianas, citando que a maior parte dos estudantes se preocupa com a limpeza e auxilia a direção. Porém, alguns pequenos grupos de pessoas que não estudam e se envolvem com atividades ilícitas acabam por atrapalhar o trabalho da direção e manchar o nome da casa diante da sociedade.

A questão do convívio com o medo e a violência também aparece na fala de outro morador da casa. Gilmar Dutra, natural de Jardim de Piranhas, veio morar na casa por indicação de outra Casa do Estudante, esta situada em Caicó, onde o mesmo residiu antes de mudar-se para Natal. Durante nossa conversa, ele nos contou um pouco sobre as suas primeiras impressões acerca da casa quando da sua chegada, afirmando que

Primeiramente, de cara, eu vi que as coisas são muito diferentes aqui. Assim, em termos mais da violência, do perigo. A gente foi assaltado. Três arrastões aqui na casa, já houve. Assim, não é muito tranquilo igual lá não, por que lá nunca teve roubo¹⁷⁷.

¹⁷⁶ NASCIMENTO JÚNIOR, Serafim. Natal: 15/11/2014.

¹⁷⁷ DUTRA, Gilmar. Natal: 29/10/2014.

Depois de algumas visitas realizadas, pude observar que o convívio com a violência e o abandono é evidente para os jovens moradores da residência. A degradação do velho casarão nos chama atenção principalmente pelo fato de encontrar-se próximo ao centro da cidade e a vários outros prédios antigos e bem conservados, como a Pinacoteca do Estado, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) e a antiga catedral de Nossa Senhora da Apresentação.

Seria a falta de políticas públicas de preservação do espaço, um reflexo da postura adotada pelos dirigentes políticos estaduais para com a questão educacional? Seria uma estratégia de promover o apagamento da memória de tal espaço? Cabe ainda ressaltar que o prédio já possuiu diversas funções diferentes ao longo de sua vasta história, subvertendo por vezes o interesse de grupos dominantes no tocante à função e prática desses espaços. Podemos destacar, por exemplo, a perseguição a cinco moradores da Casa no período da Ditadura Militar. Eram eles: Cezildo, Kerginaldo, Josemá Azevedo, Iveraldo Caetano e Emmanuel Bezerra dos Santos, preso aos 25 anos, torturado e assassinado em 1973, aos 30 anos de idade¹⁷⁸.

Porém, para nossos esforços de análise há algo muito importante a ser notificado. Realizou-se uma pesquisa com questionamentos simples acerca do histórico da casa. Um grande número de estudantes colaborou e por meio desse levantamento, pude observar que a maior parte deles, quase a totalidade, sabe alguma coisa sobre a história do prédio. Alguns leram em jornais e revistas, enquanto os demais se informaram por meio da oralidade, através de pessoas mais velhas ou amigos que contam, em geral, os moradores mais antigos da casa.

Dentre estes saberes, destaca-se o conhecimento de que o prédio já abrigou um hospital e um quartel de polícia. Quanto à resistência a investida de 1935, o número dos entrevistados que afirmam já ter ouvido falar algo sobre isso é menor. Porém, os poucos que sabem da narrativa da resistência do antigo quartel, destacam-na como um importante elemento para preservação do prédio. Um de nossos entrevistados, inclusive, comentou sobre a famosa foto da fachada cravejada de balas e sobre o tiro que atingiu o portão de ferro, guiando-nos para mostrá-lo retorcido até os dias atuais. (Figura 16).

¹⁷⁸ MAIA, Nelly Carlos. *Abandono e perigo*. In.:_____. Revista Bzzz. Nº 14, Agosto de 2014, p. 68. Disponível no sítio eletrônico: <http://issuu.com/revistabzzz/docs/bzzz-14-web>. Acesso em: 17/11/2014.

Figura 16 – Marca de tiro no portão de entrada do prédio.



Foto: Arquivo pessoal

Serafim do Nascimento Júnior afirma que a primeira vez que ouviu falar da Casa do Estudante foi no Ensino Médio. Primeiramente através de um amigo, por intermédio de uma professora de Língua Portuguesa e depois de um professor de Geografia. Segundo ele, os professores destacaram o fato de o prédio ter abrigado um hospital e um Quartel da Polícia Militar. Com o passar dos anos, ao tornar-se morador da casa, nosso entrevistado lembra das primeiras conversas com os moradores, inferindo que

Assim que eu vim pra cá, eu fui morar num quarto com mais quatro pessoas, eles começaram a me falar um pouco sobre a história da casa. Citaram a mesma coisa que esses meus professores citaram e falaram que a casa era muito importante, pois já tinha contribuído com a formação de figuras ilustres do Rio Grande do Norte¹⁷⁹.

O depoimento de Serafim reafirma o aspecto observado nas falas dos outros moradores da casa, de que os mais antigos costumam transmitir a memória da casa através da oralidade. A grande maioria dos estudantes nos disse que ao chegar, os estudantes mais velhos lhes falaram sobre os tempos gloriosos do prédio, o que nos permitiu observar que a memória mais presente é, de fato, aquela que se refere à presença do Hospital de caridade e do Quartel da PM naquele espaço.

¹⁷⁹NASCIMENTO JUNIOR, Serafim. Natal: 15/11/2014.

Sendo assim, consideramos que apesar do atual estado de degradação da Casa, a disseminação de uma memória após efetivar-se na longa duração, é capaz de sobreviver durante gerações. Mesmo afirmando inicialmente possuir poucos conhecimentos sobre a história do edifício, a maior parte dos moradores demonstrou saber algo sobre a presença do antigo quartel naquele prédio, inferindo que ele faz parte da história da cidade e do estado, assim como observado no texto presente no processo de tombamento.

Cabe ressaltar que, apesar dessa visível preocupação e mesmo da disseminação oral da história da Casa, boa parte de seus moradores pouco sabem sobre o que seria de fato o comunismo, o anticomunismo, ou mesmo em que sentido o prédio se insere nesta discussão. Este aspecto nos atenta para a atenção às demandas do presente com relação ao passado. A divulgação de uma memória atende aos interesses de classes e grupos sociais e políticos. Neste sentido, nota-se que o combate ao comunismo não mais se apresenta como uma política do governo, fazendo com que o edifício e a narrativa sobre ele, não mais sejam divulgados.

Mesmo assim, percebe-se que o empreendimento anticomunista no Rio Grande do Norte disseminou uma memória que favorecia e legitimava grupos de direita e que se cristalizou como versão oficial. Apesar de atualmente pouco divulgada, a narrativa de resistência do quartel que auxiliou na consolidação do anticomunismo potiguar, ainda hoje se faz presente no imaginário das pessoas, sobretudo parcelas mais velhas da sociedade. Mesmo estando visivelmente degradado, o prédio continua a resguardar a memória do anticomunismo. Mais que revelar a força do discurso espacializado e enraizado, evidencia-nos também que as construções imateriais e simbólicas são mais resistentes ao tempo que aquelas de cimento e cal.

3.2 O Túmulo e o mausoléu do soldado Luiz Gonzaga

Trataremos a partir de agora dos lugares de memória construídos em torno da figura de Luiz Gonzaga. Iniciamos a pesquisa sobre sua figura por meio da análise bibliográfica e de fontes. Sobre ele também, várias edições do *A Ordem* dedicaram suas linhas. Vindo a figurar como grande herói da legalidade contra os comunistas de 1935, não é de se estranhar que

Gonzaga ganhe um suporte material para criar, representar e difundir a sua memória como símbolo da luta contra o comunismo. Este espaço vem a ser o seu próprio túmulo e, posteriormente, o mausoléu. Lugares onde foram colocados seus restos mortais.

Luiz Gonzaga de Souza era filho de Manoel Gonzaga de Souza e Maria da Conceição de Oliveira. O pai, agricultor e a mãe dona de casa. Nasceu no sítio Veneza, na vila de Sacramento, atual cidade de Ipanguassu. De família simples, Gonzaga foi um dentre 14 filhos do casal. Desde pequeno mostrava desinteresse pelo trabalho com a terra, o que o fez mudar-se para Natal em 29 de outubro de 1935¹⁸⁰. Seu alistamento na Polícia deu-se no último dia daquele mês, passando a receber o último número do ano, já que depois daquela data não era permitido o ingresso de mais ninguém no batalhão¹⁸¹.

Figura 17 – Imagem do soldado Luiz Gonzaga, afixada no mural intitulado “Galeria dos bravos policiais”, destinado àqueles que morreram ou ficaram gravemente feridos em combate.



Fonte: Acervo da PM/RN. Foto: Arquivo Pessoal.

Difícilmente conseguiríamos falar de Luiz Gonzaga sem adentrar em questões polêmicas. A história oficial esmerou-se por transformá-lo em um herói, um mito. Porém, muitas controvérsias se apresentam no tocante a sua história. João Medeiros Filho, chefe da polícia à época dos acontecimentos, relata em seu depoimento que Gonzaga era um soldado da Polícia Militar, que veio a falecer defendendo bravamente o quartel, mesmo em condições

¹⁸⁰ Informações disponíveis no sítio eletrônico: <http://oesteneews-heroiismo.blogspot.com.br/2009/12/soldado-luiz-gonzaga-de-souza.html>. Acesso em: 21/11/2014.

¹⁸¹ O alistamento de Luiz Gonzaga está registrado no Boletim Oficial de número 3, do dia 31 de outubro de 1935. A imagem do documento foi gentilmente cedida pelo Coronel Ângelo da PM/RN e encontra-se anexada a esta dissertação.

de desvantagem¹⁸². Cabe ainda ressaltar que o livro de Medeiros Filho é um escrito de sua memória pessoal, não uma obra historiográfica.

Já a historiadora Marly de Almeida Gomes Vianna discute por meio de uma pesquisa fortemente embasada em diversas fontes, o que ela chama de “invenção de um soldado”. Segundo a autora, as entrevistas, relatos e documentos, demonstraram que Luiz Gonzaga não era soldado na época da rebelião comunista, e sim um homem que sofria de transtornos mentais e vivia nas redondezas do quartel. Sendo atingido fatalmente no tiroteio, a figura de Luiz Gonzaga, segundo Vianna, foi utilizada pelos grupos de direita para imputar uma condenação legítima àqueles que se envolveram com o levante, tendo em vista que não houve outros mortos na investida. A autora infere ainda de maneira irônica, que o alistamento de Luiz Gonzaga enquanto policial se deu depois de sua morte, forjando não apenas um crime de assassinato, mas também um herói que teria lutado e perdido a sua própria vida em defesa dos ideais da nação e da ordem¹⁸³.

No entrechoque das duas versões, apresentamos aqui uma terceira visão. O Coronel da PM/RN Ângelo Mário de Azevedo Dantas, que há dez anos pesquisa sobre a história da polícia e de Luiz Gonzaga, acredita que

Luiz Gonzaga, provavelmente, não era policial militar no dia de sua morte. Ele era um civil que a gente pode chamar de acostado. Estaria no interior do quartel aguardando uma oportunidade de vacância de cargo para ser incluído na corporação e, por coincidência, rebentou o movimento e todos os que estavam no quartel, policiais ou não foram empregados com o poder do estado em defesa da ordem pública¹⁸⁴.

O coronel comentou ainda que, independente de Luiz Gonzaga ser soldado ou não à época do levante, ou mesmo de ele possuir ou não problemas mentais, o fato é que ele faleceu na investida contra o antigo quartel. Os demais desdobramentos se deram após a sua morte a partir da manipulação da memória do acontecimento.

¹⁸²MEDEIROS FILHO, João. *82 Horas de subversão*. 1980, p. 26.

¹⁸³VIANNA, Marly. *Revolucionários de 1935*. 2011, p. 276.

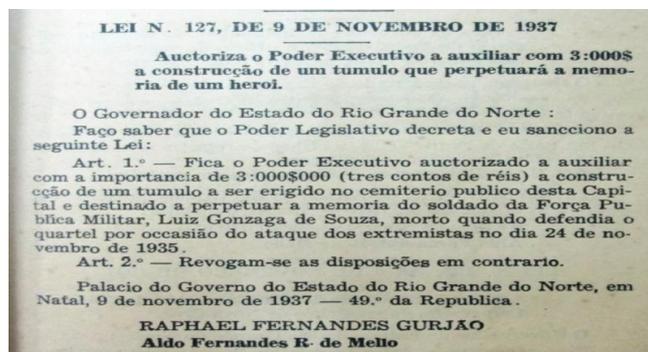
¹⁸⁴DANTAS, Ângelo. Natal: 28/11/2014.

Ao explicitar estas questões, cabe aqui esclarecer os nossos propósitos. Não faz parte dos esforços desta pesquisa desvendar a história de Luiz Gonzaga de Souza determinando, afinal, se ele era ou não membro do corpo policial potiguar na ocasião de sua morte. Antes disso, estamos empenhados em dar relevo às elaborações simbólicas realizadas em torno de sua figura e a utilização de sua memória para legitimar discursos e práticas anticomunistas no Rio Grande do Norte, contando inclusive com a ampla divulgação da narrativa de sua morte e com a construção de espaços evocadores de seu heroísmo e bravura.

O primeiro túmulo em honra ao soldado Luiz Gonzaga foi erguido no Cemitério do Alecrim¹⁸⁵. Observa-se que após o seu falecimento, o corpo de Gonzaga foi lá depositado, provavelmente em um jazigo simples. Já no ano seguinte ao seu falecimento, 1936, figura no jornal *A Ordem* uma matéria sobre a comemoração da “Intentona”. A mesma contaria com a realização de uma missa na Igreja São Pedro, no Alecrim, e logo após haveria a benção do túmulo.

Somente no ano de 1937, uma lei determinou a construção de um mausoléu para honrar a memória de Gonzaga (Figura 18). Optou-se por uma construção com o formato de uma coluna de concreto, coberta por uma bandeira do Brasil também feita de concreto (Figura 19). Na coluna estão afixadas três placas. Uma na face norte, contendo o seguinte texto: “Aqui repousa o bravo Luiz Gonzaga de Souza, soldado da força pública do Estado, morto na defesa da legalidade, quando resistia heroicamente, ao ataque feito ao quartel pelos extremistas no dia 24 de novembro de 1935” (Figura 20)

Figura 18 – Lei que determina a construção do túmulo de Luiz Gonzaga



Fonte: Arquivo da PM/RN.

¹⁸⁵ O livro “Memória minha comunidade: Alecrim”, organizado pelos professores Carmem Alveal e Raimundo Arrais, apresenta uma narrativa sobre o bairro do Alecrim, observando que o seu surgimento se deu em torno do cemitério, considerado pelos autores como um lugar de memória.

Na face sul do monumento dispõem-se as duas outras placas. Na primeira delas lemos “Homenagem do governo e do povo” (Figura 21). Já na segunda que fica um pouco abaixo, lê-se “Para a victoria de uma pátria nem sempre é preciso matar. Basta, as vezes, que se saiba morrer”. Segue-se a assinatura do então presidente Getúlio Vargas. (Figura 22) Não apenas a construção do túmulo, mas todo o seu discurso de fundação orienta para a mitificação do soldado Luiz Gonzaga. Conferir-lhe uma “honrosa moradia eterna” era uma forma de reconhecer seu sacrifício e transmitir a sua memória através dos tempos a todos que pelo cemitério passassem. Abaixo seguem imagens do túmulo e dos textos grafados em suas placas.

Figura 19 – Túmulo do soldado Luiz Gonzaga



Foto: Arquivo Pessoal.

Figura 20 – Placa da face norte do túmulo.



Foto: Arquivo Pessoal.

Figura 21 – Primeira placa da face sul do túmulo.



Foto: Arquivo Pessoal.

Figura 22 – Segunda placa da face sul.

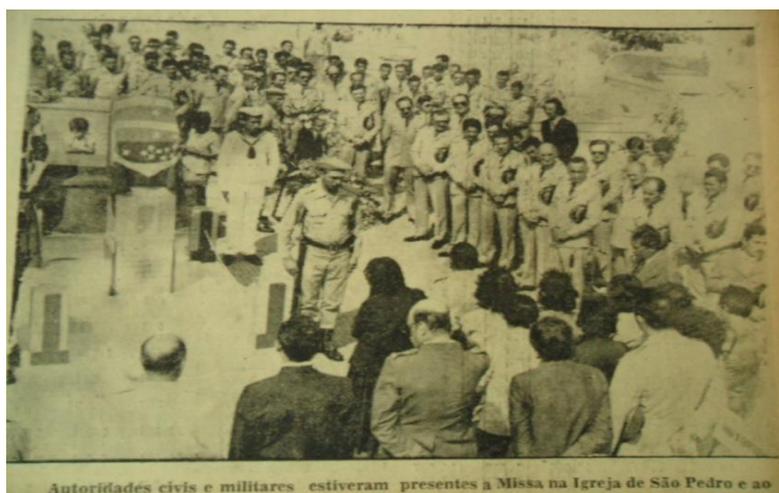


Foto: Arquivo Pessoal.

Foi em torno deste espaço que as sucessivas solenidades de novembro, em honra a Luiz Gonzaga e às vítimas de 1935 foram realizadas. Celebrações inflamadas que louvavam a honra e a bravura do soldado, além de reafirmar os valores de amor à pátria. Muitas destas festividades se espalharam por todo o país, lembrando a população do perigo comunista que rondava o Brasil desde 1935. Nas publicações dos jornais *A Ordem* e *A República* há notícias de celebrações realizadas no túmulo de Luiz Gonzaga em todos os anos, desde 1935 até 1974, um ano antes da transferência de seus restos mortais para o novo mausoléu, situado à frente do quartel da Rodrigues Alves.

A importância dessas recorrentes cerimônias é seminal para o empreendimento anticomunista no Rio Grande do Norte. Não se trata apenas de lembrar 1935, mas principalmente de reavivar na memória da população o perigo representado pelo comunismo. Trata-se aqui de reconstruir a cada ano a versão do passado perigoso, que pode voltar a atormentar a sociedade. Sendo assim, não apenas atualiza o discurso de condenação aos comunistas, mas também legitima o poder de instituições anticomunistas por excelência, como é o caso da Igreja Católica e da Polícia Militar. A seguir vemos imagens de uma dessas celebrações, publicadas no jornal *A República*, em 27 de novembro de 1974.

Figura 23 – Celebração no túmulo de Luiz Gonzaga



Autoridades civis e militares estiveram presentes a Missa na Igreja de São Pedro e ao

Fonte: *A República*. Natal: 27/11/1974. Foto: Arquivo Pessoal.

Figura 24 – Mãe de Luiz Gonzaga participando de celebração no túmulo



Fonte: *A República*. Natal: 27/11/1974. Foto: Arquivo Pessoal.

A figura de Gonzaga foi frequentemente convocada para relembrar a investida de 1935. Torna-se clara a operação em torno dele, no sentido de criar um herói da resistência, atendendo aos interesses de legitimação de grupos da direita política e da própria Polícia Militar. Flávio Silva de Medeiros nos fala um pouco sobre como eram as homenagens

Para que se mantenha viva nas mentes das novas gerações de policiais militares, bem como da sociedade civil, a lembrança dos acontecimentos de novembro de 1935 é realizada anualmente uma parada militar para lembrar daqueles que lutaram na Intentona Comunista. Nesse dia são chamados os nomes daqueles que saíram feridos no combate aos comunistas, como são chamados genericamente todos aqueles que tomaram parte no ataque ao quartel da Polícia Militar, bem como, o nome do pretense soldado Luiz Gonzaga, nesse caso, ao ser chamado o nome do herói-mártir todos os militares presentes respondem com a palavra “presente!”.¹⁸⁶

No ano de 1975, em plena ditadura militar, começou a ser construído um novo mausoléu em honra a Luiz Gonzaga de Souza. Desta vez, a nova morada de seus restos mortais foi instalada no Quartel do Comando Geral, situado na Avenida Rodrigues Alves, sem número. O monumento foi inaugurado em 27 de novembro de 1975 (data coincidente à rebelião de 1935), em uma solenidade na qual se fizeram presentes diversas autoridades civis e policiais. No momento de sua inauguração, era governador do estado o Dr. Tarcísio de

¹⁸⁶ MEDEIROS, Flávio Silva de. *A invenção da tradição: herói-mártir soldado Luiz Gonzaga*. Natal: 2005, p. 36.

Vasconcelos Maia, o Secretário de Segurança era o Coronel do Exército João José Pinheiro Veiga, e o Comandante Geral da Polícia Militar era o Coronel Qema Eider Nogueira Mendes.

O monumento (Figura 25) é composto de uma base elevada por uma escadaria, sobre a qual há três quadros de concreto com gravuras de soldados e armas em alto relevo. Logo abaixo se encontra a placa de fundação com o texto: “Homenagem ao soldado PM Luiz Gonzaga, mártir da Revolução de 1935. Natal, 27 de novembro de 1975” (Figura 26). Ao lado, uma coluna esculpida com vários entalhes que formam imagens de rostos de soldados em combate (Figura 28). Neste novo espaço de memória, volta à tona a temática da metralhadora policial, que foi entalhada no segundo quadro, ladeada por faces de soldados acima e a esquerda, e pela imagem de um soldado rendido à direita (Figura 27). Abaixo destas obras, se encontra um salão, protegido por portas de vidro, onde estariam os restos mortais de Gonzaga.

Figura 25 – Mausoléu de Luiz Gonzaga.



Foto: Arquivo Pessoal.

Figura 26 – Placa afixada no mausoléu.



Foto: Arquivo Pessoal.

Figura 27 – Painéis do mausoléu.



Foto: Arquivo Pessoal.

Figura 28 – Coluna esculpida.



Foto: Arquivo Pessoal.

Com a transferência dos restos mortais de Luiz Gonzaga para este novo jazigo, as celebrações de novembro que antes ocorriam aos pés do túmulo do Alecrim, passaram a acontecer na frente do mausoléu do novo quartel. A partir do ano de 1976, quando foi criada a medalha do Mérito Policial Luiz Gonzaga, para homenagear cidadãos importantes, iniciou-se a prática de entrega da honraria na data da comemoração. As imagens que se seguem foram publicadas no jornal *A República* em 25 de novembro de 1979 (Figura 29) e 24 de novembro de 1989 (Figura 30). Na segunda figura, a entrega da Medalha ao ex-governador Tarcísio Maia por seus serviços prestados.

Figura 29 – Celebração na frente do quartel.



Fonte: *A República*. Natal: 25/11/1979.

Figura 30 – Entrega da medalha Soldado Luiz Gonzaga.



Fonte: *A República*. Natal: 24/11/1989.

Figura 31 – Celebração realizada na frente do novo mausoléu.



Fonte: *A República*. Natal: 24/11/1989.

Após sua morte, Luiz Gonzaga foi promovido por duas vezes: a primeira vez em 29 de novembro de 1935, logo após o seu falecimento, sendo elevado a Cabo, e a segunda em 1954, beneficiado por uma lei nacional assinada em 1951, que previa novos planos para aposentadorias e promoções. Sendo assim, Luiz Gonzaga de Souza tornou-se Terceiro Sargento. Mais uma vez, vislumbramos demandas do presente na operação de resgate memorial. Muito do esforço para a promoção *post mortem* girou em torno não apenas da construção simbólica e mítica de Gonzaga, mas também do benefício pago pelo governo, repassado primeiramente ao seu pai e em seguida à sua mãe¹⁸⁷.

A figura de Gonzaga é tão emblemática para o imaginário policial, que a sua imagem está diretamente relacionada a toda constituição do discurso policial. Sua foto é a primeira exposta no quadro dos “Bravos policiais”, dedicado àqueles que se feriram gravemente ou morreram em combate. Não a toa, em 1976 foi criada a Medalha do Mérito Policial Luiz Gonzaga, entregue todos os anos nas festividades do mês de novembro aos principais líderes políticos e civis do estado do Rio Grande do Norte¹⁸⁸.

Figura 32 – Frente da Medalha.



Foto: Arquivo Pessoal.

Figura 33 – Verso da Medalha.



Foto: Arquivo Pessoal.

O mausoléu do soldado Luiz Gonzaga, situado na frente do novo quartel serve não apenas para resguardar os restos mortais do herói mártir, mas possui também a função de reativar as categorias de memória que legitimam a Polícia Militar como um órgão composto por homens bravos e de espírito heroico. No mesmo muro, observamos mais a frente um

¹⁸⁷ Nos anexos desta dissertação seguem as fotos das ordens de promoção *post mortem* de Luiz Gonzaga.

¹⁸⁸ A criação da medalha é tida por Flávio de Medeiros como uma das principais estratégias para manter viva a memória de Gonzaga.

grande mural em alto relevo, no qual volta a figurar a temática de 1935 e do ataque ao antigo quartel¹⁸⁹.

Observando as considerações acerca da primazia espacial para disseminação da memória anticomunista, temos que o túmulo e o mausoléu de Luiz Gonzaga são elementos de forte evocação da força policial. A divulgação da narrativa de sua morte heroica ganhou o auxílio de um suporte espacial, que por possuir o status material, consegue efetivar-se de maneira mais veemente no imaginário social.

Neste sentido, nota-se que atualmente não são mais realizadas as celebrações de rememoração da “Intentona” nem no cemitério, nem mesmo no quartel da PM/RN. As mesmas só ocorreram até o ano de 1988. Porém, acontece ainda hoje uma cerimônia anual em novembro, que se realiza fora do espaço do quartel, na qual se comemora o aniversário da PM/RN e entrega-se a Medalha do Mérito Policial Luiz Gonzaga. Apesar de coincidir com a data das antigas comemorações, há uma ressignificação da festividade. Neste último ano a solenidade aconteceu no centro de convenções de Natal, situado na via costeira, na terça-feira dia 2 de dezembro de 2014, devido a problemas para estabelecimento da data¹⁹⁰.

Em busca de saber um pouco mais sobre a prática espacial atual desses lugares de memória destinados a Luiz Gonzaga, conversamos com os zeladores do cemitério do Alecrim. Segundo eles, o túmulo do soldado não costuma ser visitado, assim como o mausoléu da Rodrigues Alves, segundo o Coronel Dantas. No dia 2 de novembro, dia de finados, passamos o dia no cemitério, a fim de observar se haveria visitação, algo que não foi constatado. Conversamos com algumas pessoas que passaram pelo túmulo e observamos que o número dos que sabem e dos que não sabem do que se trata tal monumento é equilibrado, destacando-se que a maior parte dos transeuntes que sabiam de quem era o túmulo, era de idade avançada.

Este aspecto nos permite observar que, assim como o prédio do antigo quartel, os lugares de memória construídos em torno da figura de Luiz Gonzaga não possuem hoje uma prática espacial oficializada. Porém, isto não lhes tira o caráter de representação espacial do

¹⁸⁹ Imagem em anexo.

¹⁹⁰ O coronel Ângelo Dantas realiza pesquisas sobre a história da PM/RN. Uma de suas descobertas gira em torno da data de fundação da instituição Polícia Militar do RN. Segundo ele, a mesma teria sido fundada no mês de junho e não em novembro como foi disseminado pela historiografia oficial. Este aspecto nos chama atenção para as estratégias de construção e reconstrução do passado, observando que durante muito tempo se quis fazer crer que a data de surgimento da PM/RN era coincidente com o mês da rebelião de 1935, o que amplificava as comemorações e solenidades realizadas neste período.

anticomunismo, tendo em vista que não lhes foi atribuído outro significado social, nem mesmo teriam eles deixado de povoar o imaginário popular como suportes memoriais, sobretudo para as pessoas mais velhas, que vivenciaram o clima de perseguição ao comunismo promovido pelos grupos políticos de direita. Investida que endossou e fortaleceu o embate político e social contra o comunismo.

3.3 O Marco da Serra do Doutor

O marco instalado na subida da Serra do Doutor é o último espaço analisado nesta pesquisa. O mesmo se encontra às margens da BR 226, na comunidade Malhada Vermelha, entre os municípios de Santa Cruz e Campo Redondo/RN, ao qual pertence institucionalmente.

Este espaço é, de longe, o mais carente de análises. Muitas visitas foram realizadas às cidades da redondeza em busca de informações sobre o monumento, até mesmo em Natal. Prefeituras, cartórios, entidades e organizações militares foram contempladas em nossas investigações, sem sucesso. As fontes documentais sobre o mesmo são escassas. Assim sendo, a maior parte do que aqui reportamos são fontes de entrevistas realizadas por meio do trabalho com a História Oral.

Em Natal, conversamos com uma de nossas entrevistadas, Maria Aparecida de Oliveira Vieira. Nascida na cidade de Currais Novos, viveu toda sua infância em Campo Redondo. Falando com ares de saudosismo, ela afirma que estava presente na festa de inauguração do monumento, e nos contou um pouco sobre a solenidade deste dia.

Em 1974 eu iniciei o ginásio no colégio Maria das Dores Cortêz, em Campo Redondo, e mais ou menos em maio, junho, o exército aqui de Natal foi fazer uma homenagem lá na Serra do Doutor à trincheira onde teve a batalha contra os comunistas. Lá eles colocaram um marco, de cimento, com placa comemorativa e tudo, e todos os alunos do ginásio, lá da escola de Campo Redondo, foram prestigiar esse momento. Tinham muitos carros do exército daqui de Natal, e as pessoas de lá, todos os alunos fardados, e lá nós presenciamos esse evento, onde foi cantado o hino nacional e tudo, e várias pessoas, várias personalidades falaram algumas coisas, algumas palavras. A

diretora da escola era dona Aparecida, o prefeito, na época, de Campo Redondo, era doutor Alberanir de Souza, e todos eles fizeram homenagens. Andamos muito ali nos arredores, nas pedras, ainda teve algumas pessoas que encontraram pedaços de armas de madeira, algumas coisas assim¹⁹¹.

O monumento (Figura 34) tem o formato de obelisco e foi erguido naquele local pelo fato de ter ocorrido ali a batalha final entre os rebeldes de 1935 e as forças legalistas, formadas por sertanejos organizados por Dinarte Mariz, quando os revoltosos seguiam em seu intento de dominar as cidades do interior do estado. Nele vemos figurar quatro placas, todas pichadas e rabiscadas, de modo que a visualização se torna bastante difícil. Em uma delas, lemos o seguinte texto:

Aqui neste local, no fim da tarde de 25 de novembro de 1935, intrépidos sertanejos das plagas seridoenses irmanados aos heroicos habitantes da região do Trairi, salvaram a honra e a dignidade da família norte-riograndense, derrotando contingentes armados das forças comunistas que se dirigiam ao interior visando a conquista do nosso Estado¹⁹².

Este ideal de bravura e heroísmo conferido àqueles que lutaram contra os comunistas na Serra do Doutor é o discurso fundador deste espaço e passa a orientar toda a construção simbólica do mesmo enquanto um espaço de representação anticomunista. Diversos periódicos publicam artigos louvando os bravos da Serra e até mesmo o próprio espaço, como podemos observar no excerto seguinte do jornal *A Ordem*:

A Serra do Doutor, ficou sendo, assim, na consciência cívica do povo seridoense a linha divisória da honra, da dignidade, do pudor, da vergonha e do caráter do povo seridoense, que sem medir sacrifícios soube defender com dignidade e ativez os brios da comunidade sertaneja, ameaçados de morte pelo materialismo russo¹⁹³.

¹⁹¹ VIEIRA, Aparecida. Natal: 10/08/2014.

¹⁹² PLACA DO MARCO.

¹⁹³ MELO, M. Rodrigues de. **A Reação sertaneja**. In.: _____. Jornal *A Ordem*. Núm. 2.991. Natal, 26/11/1945, p. 2.

Figura 34 – O marco da Serra do Doutor



Foto: Arquivo Pessoal

Diferentemente dos espaços estudados anteriormente, o marco da Serra do Doutor não abrigou as constantes celebrações de rememoração, aspecto observado nas falas de todos os nossos entrevistados. Depois de anos e com visíveis desgastes provocados pelo tempo, o marco passou por uma reforma no ano de 1994, que preservou sua forma de obelisco, limpou a área ao redor e reinstalou as placas.

Há poucos trabalhos oficiais sobre a temática do marco. Destacamos aqui a monografia de Manuel da Silva *A Batalha da Serra do Doutor*, na qual o autor tece uma relação entre a produção identitária do povo de Serra Negra e o monumento¹⁹⁴. Já a outra monografia foi escrita pelo morador da comunidade Renato D´Lavosier. Em uma abordagem que dá maior ênfase à questão turística do monumento, o autor trata da importância histórica que o marco tem para a região. Durante sua entrevista, Renato nos fala que seu interesse em estudar esta temática nasceu, assim como o nosso, a partir da oralidade, expressa nas falas de

¹⁹⁴ Manuel da Silva discute em sua monografia sobre a criação de uma identidade para o povo serra-negrense por meio da batalha ocorrida na Serra do Doutor, tendo em vista que Serra Negra é um município potiguar situado próximo ao local onde ocorreu a disputa entre os rebeldes de 1935 e as forças opostas. Ele observa que a ideia de família serra-negrense é mais forte inclusive do que as questões ideológicas que permeiam a política. Apresentando a galeria de ex-governadores do estado que têm raízes em Serra Negra, podemos observar a imagem de Quintino Clementino de Barros (um líder do movimento de 1935 e da junta governativa) ladeado por outros governadores de ideais conservadores, como Dinarte Mariz, Juvenal Lamartine e Wilma de Farias, indicando o quanto é complexo tratar das implicações da memória e seus interesses, que se apresentam, por vezes de maneira contraditória.

seus parentes mais velhos, sobretudo, sua avó, que por sua vez, teria ouvido do seu pai, atuante na construção da trincheira¹⁹⁵.

Em sua fala, nosso entrevistado ressalta a preocupação com a perpetuação da memória que cerca o marco, relatando que apenas uma escola da região costuma realizar visitas ao local com os seus estudantes, a Escola Sebastião Cosme de Assunção. Ademais, a disseminação ocorre por meio da oralidade, do contar e “ouvir falar” entre os membros da comunidade. Quando questionamos sobre este aspecto, Renato nos revela uma história interessante. Segundo ele,

Aconteceram dois importantes eventos históricos na cidade de Campo Redondo. Esse de 1935, da Intentona Comunista, que, na verdade, não foi na sede em si de Campo Redondo, foi em um dos distritos de Campo Redondo, que hoje é denominado Malhada Vermelha; e uma cheia que deu em 1981. Uma cheia que provocou um desastre muito grande, não chegou a ter vítimas, mas que quase inundou a cidade inteira, e que houve até o deslocamento de uma ponte. (...) Então, a gente percebe hoje em dia que é muito mais valorizado em Campo Redondo o movimento da cheia, que o do próprio marco da Intentona Comunista e a história da Intentona Comunista. Eles meio que tentam colocar uma sobre a outra, dando sempre mais importância ao acontecido na sede, que enquanto sede, se tornaria mais importante, mais relevante pra cidade. Tanto que esse fato todo mundo de Campo Redondo, pode ter certeza que conhece. (...) Também pela ponte que foi levada pela cheia ainda estar lá, bem na entrada da cidade, muito visível¹⁹⁶.

O trecho que explicitamos da fala de nosso entrevistado nos dá vazão para inúmeros detalhes implicados na seleção e na construção de uma memória. Temos aí as próprias estratégias de dominação que orientam o avivamento de uma determinada narrativa em detrimento de outra que se pretende silenciar. Este elemento pode ser a chave para explicação de tudo aquilo que observamos concernente ao marco. Mesmo sendo conhecido pela grande maioria da comunidade, mesmo sendo um elemento presente em seu passado, nas suas memórias e na sua tradição oral, o mesmo não apresenta atualmente nenhuma prática espacial,

¹⁹⁵ D'LAVOSIER, Renato. Lajes Pintadas: 04/10/2014.

¹⁹⁶ *Idem.*

e não costuma receber visitas. Cabe aqui destacar, inclusive, que a Escola Sebastião Cosme de Assunção situa-se em Malhada Vermelha, e não em Campo Redondo.

Apesar de não se notar uma prática espacial efetiva neste espaço, podemos observar que a sua narrativa e memória continuam a povoar o imaginário popular. Fizemos um levantamento através de fichas com perguntas simples sobre o monumento. Conversamos com várias pessoas da comunidade local e preenchemos um total de 50 fichas. Do total de pessoas com quem conversamos, apenas três não tinham conhecimento do monumento e de suas implicações memoriais. Muitos jovens inclusive apresentaram conhecimentos sobre o marco, em um processo que revela a memória viva no seio da comunidade e a oralidade como principal meio de transmissão deste passado.

No tocante a este aspecto, cabe aqui destacar a figura do senhor Francisco Anominondas Filho, que viveu em Campo Redondo até o seu falecimento em 31 de janeiro de 2014 e morava na região quando dos acontecimentos em novembro de 1935. Além de escrever livros sobre as suas memórias, seu Chico Amarante, como ficou popularmente conhecido, era um senhor muito respeitado na região e frequentemente procurado por pesquisadores como nós. Os alunos das escolas locais e a comunidade como um todo acorria sempre a ele quando o assunto era falar da história de Campo Redondo e da “Intentona Comunista”. Este aspecto deixa-nos clara a importância da narrativa e da oralidade na disseminação da memória da comunidade.

Simpático e bastante falante, seu Chico nos recebeu em sua casa no dia 12 de maio de 2013, quando nos relatou sua história de vida, que conta com um período de serviço militar e de sua preocupação com a perpetuação da história de Campo Redondo e da memória de 1935. Falou-nos sobre os insistentes pedidos aos prefeitos para que algo fosse feito no sentido de preservar o monumento, e que estava presente na reinauguração realizada em 1994. Vindo a falecer no dia 31 de janeiro de 2014, deixou na cidade uma sensação de que parte de sua história acabara, literalmente, de morrer.

A importância da oralidade e da transmissão de conhecimentos dos mais velhos aos mais jovens é latente evidente nessa comunidade. Esta realidade pode também ser observada nas falas de outros dois senhores, Antônio Basílio e Almira Mata. Ambos iniciaram a conversa conosco de maneira um pouco tímida e falando que pouco sabiam sobre o marco.

Mais um dedo de prosa, um gole a mais de café e as memórias começam a vir a tona. Ambos demonstram conhecimentos sobre a investida de 1935 e findam por nos surpreender com detalhes de nomes e datas.

Assim, como seu Chico Amarante, Almira e Basílio se ressentem do aparente abandono em que se encontra o monumento, destacando que aquele deveria ser um lugar para realização de missas, festas, celebrações. Isto nos revela que nossos entrevistados, provavelmente, possuíam conhecimento da realização de celebrações anticomunistas em outros monumentos dedicados a esta memória. O fato, porém, de não haver esse tipo de prática, não torna o marco menos importante na história do anticomunismo potiguar. Ele é o elemento material de toda uma narrativa de violência atribuída aos comunistas que, até hoje, continua a ser propagada.

Neste sentido, destacamos a fala da senhora Almira Mata. Quando questionada se as pessoas mais velhas costumam transmitir a memória dos acontecimentos de 1935, ela infere que

Sempre aqui e acolá eles comentam, que vocês não assistiram como era, não sabe como foi, o que a gente sofreu, vendo a hora se acabar tudo sem saber pra onde ir, sem ter onde se esconder. Pai quando era vivo, contava muito a nós. Contava: “Se vocês fossem adultos, já fossem gente grande, vocês iam saber quanto nós tínhamos sofrido aqui com medo”. Foi no tempo que fizeram a trincheira no meio da estrada e não passava carro. Os carros que vinham, ou voltavam ou se fossem pra frente era pra acontecer o pior, por que eles botaram... meu pai disse o nome lá do que botaram no meio da estrada, de uma ponta a outra. Era uma trincheira, que chamava trincheira, de uma ponta da estrada pra outra. Como uma barreira. Uma ponte. Bem alta, de pedra. Foi esses estrondos que houve lá¹⁹⁷.

As palavras de Almira saltam aos nossos olhos. É a narrativa do episódio que se popularizou sob a alcunha de “fogo na noite da Serra do Doutor”, quando os sertanejos enfrentaram o grupo comunista que avançava rumo ao interior do estado. Podemos observar que este acontecimento é um importante elemento da história da comunidade, que se constituiu, portanto, sobre as bases do anticomunismo. Sendo assim, percebe-se que o

¹⁹⁷ OLIVEIRA, Almira Mata. Lajes Pintadas: 22/06/2014.

discurso do comunismo perigoso e violento permanece vivo na memória de seus moradores, sejam eles idosos ou jovens. Processo de disseminação do medo, no qual a monumentalização foi um pressuposto de primeira importância no Rio Grande do Norte do século XX.

3.4 Lugares de memória: A representação espacial do anticomunismo no RN

Através do conhecimento dos processos sócio históricos de constituição dos espaços aqui estudados, buscamos tecer um diálogo entre as considerações de Yi-Fu Tuan e Roger Chartier, partindo dos seus conceitos de lugar antropológico e representação. Em primeiro lugar, identificamos estes espaços como lugares de memória na acepção de Tuan, por ele considerar como primordial a perspectiva da experiência. Para ele, um espaço só é fundado socialmente a partir do momento que ganha significado e prática¹⁹⁸.

Considerando esta discussão, temos que os espaços de representação anticomunista não só ganharam significado, atribuído, sobretudo pelas narrativas divulgadas em periódicos acerca de sua importância. Mas também se destaca a prática anticomunista destes espaços, contando com diversas homenagens e celebrações em honra às vítimas de 1935. Sendo assim, estes espaços ganham o status de lugares de memória. Guardiões da honra e da bravura anticomunistas.

Maurice Halbwachs, através de seus escritos acerca das dinâmicas memoriais, nos auxilia na compreensão dos aspectos emergentes em nossa pesquisa. Ele estabelece que a memória coletiva se encontra ligada à subjetividade de quem reconstrói o passado. Sendo assim, temos que a memória é vivida e aprendida. No trabalho de Halbwachs observamos que todo acontecimento do passado é uma construção imagético-discursiva que atende a interesses do presente de certos grupos sociais, exatamente como aconteceu com o movimento de 1935 e com o próprio discurso anticomunista divulgado através da imprensa e dos lugares de memória aqui analisados.

¹⁹⁸ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*. 1983.

A veiculação constante de informações, discursos e imagens de um comunismo sanguinário e feroz, findou por fundá-lo socialmente como tal. Aliando o discurso à experiência de 1935, a operação memorial deu-se então, de maneira forte e veemente por parte dos grupos políticos de direita, em termos do estabelecido como história oficial. Além disso, cabe ainda destacar a primazia da categoria espacial e sua prática para evocação de uma memória. Esta se baseia na imagem de determinados lugares. Para que as categorias de lembrança reapareçam, torna-se necessária a vinculação a um suporte espacial.

Assim, não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça¹⁹⁹.

Neste sentido, observamos claramente a evocação de lugares que se tornaram guardiões por excelência de uma determinada memória de 1935, como é o caso do Quartel da Polícia Militar, do túmulo e do mausoléu de Luiz Gonzaga e a própria Serra do Doutor, que passou a contar posteriormente com um monumento inaugurado em homenagem à memória daqueles que resistiram à investida comunista no seridó potiguar. Esses lugares são baluartes memoriais, depositários de toda construção imagético-discursiva de resistência ao comunismo, que são frequentemente resgatados quando necessário para legitimar a aversão aos comunistas.

Peter Burke também confere importância ao espaço, e assim como Halbwachs, o concebe como um meio de transmissão da memória. A memória social, para ele, não pode ser encarada como simples conjunto de acontecimentos e personagens que merecem a recordação, mas sim como um contínuo processo de construção de versões sobre um passado, que nos chegam por meio das mais diversificadas fontes, que são utilizadas para justificar e

¹⁹⁹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. 2006, p. 170.

legitimar as demandas do presente²⁰⁰. Assim como insurge em nossa pesquisa as diversas e sucessivas narrativas sobre 1935, seja por meio dos artigos dos jornais, seja através da prática espacial, para reafirmar o controle do estado e do aparelho social pelos grupos da direita política.

Se temos, portanto, que a realidade social é sempre construída por meio de signos, práticas e representações, e esta construção é coordenada por determinados grupos para ter seus interesses atendidos, podemos classificar os espaços aqui analisados como sido construídos para representação do terror e de todas as mazelas imputadas ao comunismo. O quartel não é apenas um quartel, os jazigos de Gonzaga não são túmulos quaisquer e a Serra do Doutor não mais figura como uma de tantas outras serras. O sentido que passam a carregar se torna representação de todos os elementos socioculturais da aparelhagem anticomunista.

A dinâmica de construção dos espaços de representação se apresenta neste sentido como o trabalho não apenas de resgatar uma realidade, mas de criar uma realidade através do discurso que orienta a existência desses espaços. Esta compreensão de distanciamento entre o que Chartier chama de signo e coisa significada é muito importante para que possamos compreender que os discursos e os espaços não são o real, são apreensões, versões sobre um fato, nomeadamente o movimento comunista de 1935. De tal modo, recriando o real, refazendo a História, representando, ou seja, tornando novamente presente um fato, estes discursos e espaços se tornam capazes de instituir e fortalecer o anticomunismo.

Atualmente, vislumbramos que os espaços aqui estudados encontram-se em grande parte abandonados, sem realização de eventos e até mesmo em avançado estado de degradação. A compreensão de que a relevância do passado é justificada pelas demandas do presente é de primeira importância para nos iluminar tal situação. Em nossos dias, a conjuntura política não mais apresenta o comunismo como uma ameaça golpista, nem mesmo o extremismo como bandeira. Os partidos comunistas são considerados legais e suas ideologias são apreciadas por boa parte das legendas com representatividade no cenário nacional. Observamos também que as duas instituições mais legitimadas pelo discurso anticomunista no Rio Grande do Norte, a Polícia Militar e a Igreja Católica, não mais estão inseridas tão fortemente no cotidiano social como outrora.

²⁰⁰ BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. 2000.

Apesar disso, temos que a operação anticomunista no Rio Grande do Norte conformou-se forte o suficiente para sobreviver durante muitos anos, sobretudo, no concernente à memória das pessoas mais velhas, que vivenciaram o clima de terror criado por tais representações durante a Era Vargas e a Ditadura Militar. As insistentes e sucessivas rememorações realizadas, seja por meio de celebrações, seja via narrativa, conseguiram empreender de fato o medo na maior parte da população potiguar, criando uma aversão à política comunista. Discurso este que foi transmitido às pessoas mais jovens através da oralidade. Estes aspectos são facilmente identificáveis. Basta que conversemos com pessoas de mais idade ou mesmo estudemos os processos políticos do estado, que apontam, em sua maioria, para posturas conservadoras. Sendo assim, esse imaginário de terror se consolidou e se cristalizou na memória social, em um processo circunscrito à longa duração, no qual a criação de lugares de memória foi substancial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de nosso trabalho de pesquisa, chegamos a algumas respostas referentes aos questionamentos lançados. Trabalhar com o anticomunismo, um pressuposto tão forte e debatido em âmbito político e social, nos aponta para a simples abertura de um diálogo imensamente vasto. Com base nesta consideração, seguem-se nossas conclusões, ainda que de maneira condensada:

- a) As discussões realizadas no primeiro capítulo desta dissertação nos fizeram observar que o anticomunismo é uma bandeira defendida por diversos grupos, com matrizes ideológicas diferentes. Com relação à ênfase que demos ao anticomunismo no Rio Grande do Norte, ressalta-se claramente a relação com a Igreja Católica e sua aversão à política esquerdista, orientada por um viés teológico. Temos, portanto, que é impossível tratar tal temática na esfera estadual sem perceber que esta instituição foi legitimadora desse discurso, ao passo que também foi legitimada por ele. Visava assim, à reaproximação entre Igreja e Estado, colocando-se constantemente como uma baliza moral, mediadora de questões políticas e sociais.
- b) A utilização da imprensa, especificamente do jornal *A Ordem*, foi primordial no processo de divulgação do ideal anticomunista e mesmo na construção e disseminação de um discurso que se efetivou com a representação do comunismo como elemento externo à política e ao caráter nacionais, violento, perigoso e ameaçador. A posse de um veículo de amplo alcance social, principalmente entre as elites letradas, tornou-se uma via direta para o poder e a legitimação, através da manipulação de um passado e a criação de diversos mitos e espaços de memória.
- c) A construção de monumentos que se transformaram em lugares de memória, espaços de representação do anticomunismo e do seu discurso, também foi de primeira importância para efetiva divulgação deste ideário no Rio Grande do Norte. Neste processo, cabe ressaltar as constantes celebrações realizadas em torno desses espaços para rememorar o levante de 1935, atendendo a uma demanda institucional da Polícia Militar, também legitimada pela batalha contra o comunismo, num processo de

aproximação entre catolicismo e militarismo, devido ao alinhamento de interesses das duas instituições, Igreja Católica e Polícia Militar.

- d) A prática dos lugares de memória é expressa, sobretudo, pela realização de missas e celebrações cívicas em honra às vítimas da rebelião comunista de 1935, do lado da direita. Tais eventos são verificáveis durante todos os anos, desde 1935 até 1988. A partir dessa data, se rarificam até o seu desaparecimento. Podemos citar como prováveis explicações, a abertura política e o fortalecimento democrático, que afugentou as ameaças golpistas tanto da direita como da esquerda. Além disso, cabe ressaltar a progressiva diminuição da relevância político-social das instituições legitimadas pelo discurso anticomunista potiguar (Igreja Católica e Polícia Militar) e as novas demandas de manutenção de um Estado civil laico.
- e) Um dos principais elementos para a divulgação do ideário anticomunista foi a oralidade. Tal realidade foi observada durante a realização das nossas pesquisas, na qual a maioria das pessoas afirmou possuir conhecimentos sobre a história dos monumentos, através de informações transmitidas por pessoas mais velhas, ainda que algumas bastante díspares e distorcidas.
- f) Nos dias atuais, os espaços aqui analisados vêm passando por um visível processo de degradação. Esta situação pode ser justificada pelos novos modos de lidar com a memória e com o passado. Hoje, as informações circulam de maneira muito mais rápida e a memória é cada vez mais utilitária e descartável, além de não mais vivenciarmos o clima de “caça às bruxas” com relação ao comunismo. Outro aspecto a ser notado é a existência de uma elite direitista que não mais se apresenta como a única contendora da história e dos mecanismos de controle, e que bem estabelecida e enraizada que está também não valoriza o patrimônio público onde se legitimou. De tal modo, apesar de a narrativa sobre a intentona e sobre os seus lugares de memória ter resistido ao tempo e chegado em nossos dias de forma fragmentada através da oralidade, podemos observar o seu progressivo esquecimento, expresso na própria degradação física dos prédios. Heróis, mitos e espaços esquecidos de uma história forjada.

BIBLIOGRAFIA

Livros

ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro (Pós-1930)*. 2ª Ed. (5 Volumes). Rio de Janeiro: Ed. FGV/ CPDOC, 2001.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 4 ed. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2009.

ALMEIDA, Francisco Inácio de; MARTINS, Júlio. *O reencontro da esquerda democrática e a nova política: o passado, o presente e o futuro do Brasil*. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2014.

ALVEAL, Carmen M.O. (Org.) *Memória minha comunidade: Alecrim*. Natal: SEMURB, 2011.

AMAZONAS, J.; GRABOIS, M. *50 Anos de Luta (50º aniversário de fundação do Partido Comunista do Brasil)*. Edições Maria da Fonte, 1972.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.

ANDERSON, Perry. *Espectro: da direita à esquerda no mundo das ideias*. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 2ª Ed. Campinas: Papirus, 2001.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues; RODRIGUES, Cândido Moreira. (Orgs.) *Intelectuais e comunismo no Brasil (1920-1950)*. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República (1930-1960)*. 4ª Ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

BERGSON, Henri-Louis. *As duas fontes da moral e da religião*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BERMAN, Marshall. *Aventuras no marxismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora Unesp, 1995.

_____. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

BONALD, Louis A. de. *Teoria del poder político y religioso*. Madrid: Tecnos, 1988.

BOTTERI NEGRÃO, João Henrique. *Selvagens e incendiários: o discurso anticomunista do governo Vargas e as imagens da Guerra Civil espanhola*. São Paulo: Editorial Humanitas/FFLCH, 2005.

BRUSANTIN, Beatriz de M. *Na boca do sertão: o perigo político no interior do estado de São Paulo (1930-1945)*. Módulo VIII – Geopolítica do controle. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial do Estado, 2003.

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a revolução em França*. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *História e Teoria Social*. 2ª Ed. São Paulo: UNESP, 2012.

_____. *O que é História Cultural?* 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 2ª Ed. São Paulo: UNESP, 2010.

CABRAL, padre J. *A miragem soviética*. Petrópolis: Vozes, 1933.

_____. *Igreja e Marxismo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. *Os Arautos do Liberalismo: Imprensa Paulista. (1920-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Brasileira, 1995.

CARONE, Edgard. *A República Nova (1930-1937)*. 3ª Ed. São Paulo: Difel, 1982.

_____. *A Terceira república (1937-1945)*. São Paulo: Difel, 1976.

_____. *Movimento operário no Brasil*. (Coleção em 3 volumes). 2ª Ed. São Paulo: Difel, 1984.

CARVALHO, Olavo de. *O imbecil coletivo*. São Paulo: Realizações, 2006.

- _____. *O jardim das aflições*. São Paulo: Realizações, 1995.
- _____. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia desarmada: intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASTRO, Eduardo Góis de. *Os Quebra-santos: o anticlericalismo e sua repressão pelo DEOPS-SP. (Inventário DEOPS)*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2008.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A Histórica cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006.
- CLAUDIN, Fernando. *A crise do movimento comunista: A crise da Internacional Comunista*. Vol. 1. São Paulo: Global, 1985-1986.
- _____. *A crise do movimento comunista: o apogeu do stalinismo*. Vol. 2. São Paulo: Global, 1985-1986.
- COELHO, Edmundo Campos. *Em busca de identidade: o exército e a política na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.
- CORBIN, Alain. *O Território do Vazio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CORTÉS, Juan Donoso. *Obras completas de Juan Donoso Cortes*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1970.
- CORTEZ, Luiz Gonzaga. *Câmara Cascudo, o jornalista integralista*. Natal: CCHLA/UFRN, 1995.
- _____. *A Revolução Comunista de 1935 em Natal*. Natal, 1985.
- COSTA, Homero de Oliveira. *A Insurreição Comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia*. São Paulo: Ensaio, 1995.
- DECCA, Edgar de. *1930: O Silêncio dos vencidos: memória, história e revolução*. 6ª Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

_____. *O comunismo no Brasil (1935-1945): repressão em meio ao cataclismo mundial*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DREIFUSS, Rene Armand. *1964: a conquista do estado, ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.

FABER, Marcos. *História dos Partidos Políticos no Brasil*. 1ª Ed. Setembro de 2010.

FARIAS, Damião Duque de. *Em defesa da ordem: aspectos da Praxis Conservadora Católica no Meio Operário em São Paulo (1930-1945)*. São Paulo: HUCITEC, 1998.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 2010.

_____. *Memória e História*. São Paulo: Graal, 2005.

_____. *Getúlio Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FERREIRA, Jorge. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo - do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática - da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *O Brasil Republicano: O tempo da ditadura*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (Org.) *As Esquerdas no Brasil: a formação das tradições. (1889-1945)* Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. *As Esquerdas no Brasil: Nacionalismo e reformismo radical. (1945-1964)* Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. *As Esquerdas no Brasil: Revolução e democracia. (1964...)* Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 23ª Ed. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FURET, François. *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

_____. *O passado de uma ilusão*. São Paulo: Siciliano, 1995.

_____. *Pensando a revolução francesa*. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, J. R. S. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/ IPHAN, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HARVEY, David. *O Neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Loyola, 2008.

HILTON, Stanley E. *A Rebelião vermelha*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. *A Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. *O Novo Século*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

IANNI, Octavio. *A Formação do Populismo na América Latina*. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1989.

IOKOI, Zilda M. G. *Intolerância e resistência: a saga dos judeus comunistas entre a Polônia, a Palestina e o Brasil (1930-1975)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas. Itajaí: Ed. UNIVALI, 2004.

_____. *Igreja e Camponeses: Teologia da Libertação e Movimentos Sociais no Campo Brasil e Peru (1964-1986)*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. *Vozes da terra: histórias de vida dos assentados rurais de São Paulo*. São Paulo: Fundação Itesp, 2005.

- JUCÁ, Gisafran N. M. *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.
- KADT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. João Pessoa: UFPB, 2003.
- KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- LANGLOIS, José Miguel I. *Doutrina Social da Igreja*. 2ª Ed. Lisboa: Reis dos livros, 1989.
- LEMONS, Vicente de; MEDEIROS, Tarcísio. *Capitães-mores e governadores do Rio Grande do Norte*. Natal: IHGRN, 1980.
- LIRA NETO. *Getúlio (1930-1945): do governo provisório à ditadura do Estado Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MAISTRE, Joseph-Marie de. *Les soirees de Saint-Petersbourg*. Paris: Librairie Catholique Emmanuel Vitte, 1924.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- MASSEY, Doreen. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- MEDEIROS FILHO, João. *82 horas de subversão: intentona comunista de 1935 no Rio Grande do Norte*. Brasília: Gráfica do Senado, 1980.
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MILIBAND, David. *Reinventando a Esquerda*. São Paulo: UNESP, 1997.
- MIR, Luís. *A Revolução Impossível: a Esquerda e a luta armada no Brasil*. São Paulo: Ed. Best Seller, 1994.
- MONTENEGRO, A. T. *História, Metodologia, Memória*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- NADER, Ana Beatriz. *Autênticos do MDB: semeadores da democracia: história oral de vida política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- NESI, Jeanne F. L. *Natal monumental*. Natal: IPHAN/RN, 2012.

- OLIVEIRA FILHO, Moacyr de. *Praxedes, um operário no poder: insurreição comunista de 1935 vista por dentro*. São Paulo: Alfa-ômega, 1985.
- PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PEDRO, Antônio. *A Segunda Guerra Mundial*. Campinas: UNICAMP; Atual, 1992.
- PEIXOTO, Fernando. *Hollywood: episódios da histeria anticomunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- PEREIRA, Astrojildo. *Ensaio históricos e políticos*. São Paulo: Ômega, 1979.
- _____. *Formação do PCB (1922-1928)*. Lisboa: Prelo, 1976.
- PORTELLI, Alessandro; AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. *Usos e abusos da História Oral*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.
- REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- REVEL, Jacques. *A invenção da sociedade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- RIBEIRO, José Augusto. *A Era Vargas, 1882-1950: o primeiro governo Vargas*. (Vol.1) Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2001.
- _____. *A Era Vargas, 1950-1954: o segundo governo Vargas*. (Vol.2) Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2001.
- _____. *A Era Vargas, agosto de 1954: a crise e a morte do presidente*. (Vol.3). Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2001.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.
- _____. *História e verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.
- _____. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul*. 2ª. ed. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2003.
- RODRIGUES, Cândido Moreira. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945)*. Belo Horizonte: Autêntica/Fapesp, 2005.
- SADER, Emir. *A nova toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana*. São Paulo: Boitempo, 2009

SANTOS, Douglas. *A Reinvenção do Espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria*. São Paulo: UNESP, 2002.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: EDUSP, 2012.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

SCHIMITT, Rogério. *Partidos Políticos no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEGATTO, J. A. *Breve história do PCB*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

SERRES, Michel. *O Incandescente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SHILS, Edward. *Centro e Periferia*. Lisboa: Difel, 1992.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. (Org.) *Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castello (1930-64)* São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A Coluna Prestes: análises e depoimentos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

SOUZA, Maria do Carmo C. *Estado e partidos políticos no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1990.

TAVARES, Rodrigo R. *O porto vermelho: a maré revolucionária (1930-1951)*. Módulo VI – Comunistas. São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial, 2001.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

THOMPSON, Paul R. *A voz do passado: História Oral*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

VARGAS NETTO, Sebastião L. F. *Palavras que caminham o mundo: histórias e místicas do EZLN e do MST*. Rio de Janeiro: Publit, 2014.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. 3ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

WAACK, William. *Camaradas: nos arquivos de Moscou a história secreta da revolução brasileira de 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WANDERLEY, Rômulo C. *História do Batalhão de Segurança*. Natal: Edições Walter Pereira, 1969.

WIAZOVSKI, Taciana. *O mito do complô judaico-comunista no Brasil no Brasil: gênese, difusão e desdobramentos (1907-1954)*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2008.

WILSON, Edmund. *Rumo a Estação Finlândia: escritores e atores da história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

WURMBRAND, Richard. *Era Karl Marx satanista?* São Paulo: Ed. Voz dos Mártires, 1980.

Artigos e Periódicos científicos

BARROS, J. D'A. "História, Região e Espacialidade". In.: *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, verão 2005, p. 1-35.

_____. "Cidade e Cultura: considerações sobre uma relação complexa". In.: *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, v. 16, nº 1, 2011, p. 1-19.

BERNARDES, Denis de Mendonça. "Notas sobre a formação social do Nordeste". In.: *Lua Nova*, 2007, no.71, p.41-79.

BETT, Ianko. "Concílio Vaticano II e o anticomunismo católico no Brasil e na Argentina". In.: *Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, 2011, Vol.9(24), p.1169.

_____. "O Integralismo Católico no Brasil e Argentina (1960-1970)". In: *XI Fórum FAPA*, 2012, Porto Alegre. IX Mostra de Pesquisas em Pós-Graduação. Porto Alegre: FAPA, 2012. p. 98-99.

_____. "Manifestação Anticomunista da Igreja Católica e Golpes Militares Latino-Americanos nos anos sessenta". In: *Simpósio Internacional O ano de 1968: permanências e mudanças*. São Leopoldo: Editora Oikos Ltda, 2008.

_____. "Igreja apreensiva ante infiltração comunista: Radicalização anticomunista católica no golpe militar de 1964". In: *XI Encontro Estadual de História História, Memória e Patrimônio*. Porto Alegre: ANPUH, 2012. p. 459-470.

_____. "Catolicismo e Cruzada: Revistas católicas e o imaginário anticomunista no Brasil e Argentina (1960-1970)". In: *I Workshop Argentino-Brasileño de Historia Comparada (I WAB)*. Buenos Aires, 2011.

_____. "A imprensa e a construção do anticomunismo católico: Brasil e Argentina nos golpes militares da década de 60". In.: *Signos*, ano 33, n. 1, p. 77-89, 2012.

_____. “Representações e discursos: imaginário anticomunista católico no Brasil e Argentina (1960-1970)”. In: *IV Simposio internacional sobre religiosidad, cultura y poder* (IV SIRCP). Buenos Aires: FFyL UBA, 2012. p. 1-21.

DAL ROSSO, Sadi. “Crise, convite para a ação e um Manifesto Comunista”. In.: *Sociologias*, Abr 2012, vol.14, no.29, p.338-350.

ENDERS, Armelle. “O Plutarco brasileiro: a produção dos vultos nacionais no Segundo Reinado”. In.: *Revista Estudos Históricos*, v.14, n.25, 2000.

FERNANDES, Reginaldo J. “Um breviário da Lei de Segurança Nacional (LSN): do estado novo aos primeiros anos do regime militar (1930-1969)”. São Paulo: Diversitas, 2009.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. “O escrito e o oral: uma discussão inicial sobre os métodos da História”. *Ciência & Educação*. (Bauru), 1998, vol.5, no.1, p.27-35.

GROPPO, Bruno. “O comunismo na história do século XX”. In.: *Lua Nova*, 2008, no.75, p.115-141.

LASSANCE, Antonio. “Direita e Esquerda: razões e confusões”. In.: *Carta Maior*. Disponível no sítio eletrônico: <http://cartamaior.com.br/?/Coluna/-Direita-e-Esquerda-razoes-e-confusoes-1-/29380>. Acesso em: 22/01/2015.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “O mito da conspiração judaico-comunista”. In.: *Revista de História*. São Paulo: FFLCH-USP, 1998.

PEIXOTO, Renato A. “A crise de 1935 no Rio Grande do Norte: a tensão entre as identidades estadual e nacional por meio do caso norte-rio-grandense”. In.: *Anais do VI Simpósio Internacional Estados Americanos*. Natal: UFRN, 2012.

_____. “Duas palavras: os holandeses no Rio Grande e a invenção da identidade católica norte-rio-grandense na década de 1930”. In.: *Revista de História regional*. V.19. Ponta Grossa: UEPG/PR, 2014.

_____. “Católicos a postos! A relação entre a Ação Católica e a Ação Integralista no Rio Grande do Norte até o Levante Comunista de 1935”. In.: *Anais do IV Encontro Estadual de História*. Natal: ANPUHRN, 2010.

PEREIRA, Henrique Alonso de A. R. “Combatendo a ameaça comunista: protestantes, católicos e a Aliança para o Progresso no Nordeste brasileiro”. In: *II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Culturas*. Dourados/MS: Universidade Federal da Grande Dourados, 2006.

_____. “A Intentona Comunista de 1935: Natal como ponto estratégico”. In: *II Encontro Regional da ANPUH-RN*, Caicó, RN. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

PEREIRA NETO, Murilo L. “A cruz e a família contra a foice e o martelo: o anticomunismo no movimento revolucionário de São Paulo (1950-1964)”. In.: *Dialogia*, São Paulo, v.6, p. 33-42, 2007.

ROCHA, André M. “Leo Strauss e o pretense ‘materialismo ateu’”. In.: *Cadernos Espinosanos*. São Paulo, n.30, p.203-213, jan-jun 2014.

RODEGHERO, Carla Simone. “Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria”. In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n.44, p. 463-487, 2002.

_____. “Viva o Comunismo x Viva Cristo Rei: um estudo de recepção do anticomunismo católico a partir de fontes orais”. In.: *Estudos Ibero-Americanos*, v. 32, p. 157-173, 2006.

_____. “A imprensa católica e o combate ao comunismo”. In.: *Revista de Filosofia e Ciências Humanas*. Passo Fundo, v. 12, n.1-2, p. 37-54, 1996.

RODRIGUES, Cândido M. “Fontes para pensar a trajetória do intelectual Alceu Amoroso Lima”. In.: *Revista Patrimônio e Memória*. São Paulo: UNESP – FCLAs – CEDAP, v.1, n.2, 2005, p. 74-85.

SANTOS, Carla Xavier dos. “A relação da Igreja Católica com o Estado Novo através do olhar da imprensa católica gaúcha”. In.: *Anais do IX Encontro Estadual de História – Seção Rio Grande do Sul (ANPUH-RS)*, 2008.

SILVA SOBRINHO, José S. da. “Imprensa católica e formação política e social do Brasil”. In.: *Letras*. Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 143-155, jan./jun. 2014.

SILVA, Rodrigo O. da. “Entre o Monte Petropolis e a praia de Areia Preta: a topografia médica do Hospital Juvino Barreto”. In.: *Anais da XIX Semana de Humanidades*. Natal: UFRN, 2011.

SOUZA, E. F. “A imprensa como fontes para pesquisa em História e Educação”. In: *VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, sociedade e educação no Brasil."*, 2009, Campinas/SP. HISTEDBR, 2009.

Monografias, Teses e Dissertações

ALMEIDA, Maria Isabel de M. *O Anticomunismo na imprensa goiana (1935-1964)*. 2003. 136 f. (Dissertação de Mestrado em Sociologia). Área de concentração Sociedade e região. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, UFG. Goiânia.

ALMEIDA, Viviane A. G. *Chorem os sinos: os discursos e as práticas anticomunistas da Arquidiocese de Olinda e Recife (1952-1960)*. 2010. 124 f. (Dissertação de Mestrado em História). Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. Recife.

CAMPELO, Renato D'Lavosier A. *Turismo e Lugares de Memória: O Marco da Intentona Comunista no município de Campo Redondo/RN*. 2014. 57 f. (Monografia de graduação em Turismo). UFRN. Natal.

CASTELLAN, Gláucia Rodrigues. *Artesãos da subversão. Os trabalhadores gráficos e o DEOPS: repressão e resistência durante a Era Vargas (1930-1945)*. 2010. 150 f. (Dissertação de Mestrado em História). FFLCH/ USP. São Paulo.

CORREA, Priscila Gomes. *História, política e revolução em Eric Hobsbawm e François Furet*. 2006. 232 f. (Dissertação de Mestrado em História Social). FFLCH/ USP. São Paulo.

FERNANDES, Reginaldo Junior. *Revolução e democracia: vivências e representações (1960-1980)*. 2012. 268 f. (Tese de Doutorado em História Social). FFLCH/ USP. São Paulo.

FRANÇA, Andréa da C. P. *Doutrina e legislação: os bastidores da política dos militares no Brasil (1964-1985)*. 2009. 204 f. (Dissertação de Mestrado em História Social). FFLCH/ USP. São Paulo.

MEDEIROS, Flávio da S. *A invenção da tradição: herói-mártir soldado Luiz Gonzaga*. 2005. 40 f. (Monografia de Graduação em História) CCHLA/UFRN. Natal.

MORAIS, Ronaldo Q. de. *Do exército moderno à república militar: caserna, política e tensão (1913-1977)*. 2009. 667 f. (Tese de Doutorado em História Social) FFLCH/ USP. São Paulo.

PEDRAÇA, Célio Marcos. *O universo ideológico de Dom Aquino e os anos Vargas: entre a Igreja e o Estado (1930-1945)*. 2007. 149 f. (Dissertação de Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFMT. Cuiabá.

PEREIRA, Sílvio L.G. *Seleções do Reader's Digest 1954-1964: um mapa da intolerância política*. 2006. 313 f. (Tese de Doutorado em História Social). FFLCH/USP. São Paulo.

PEREIRA, Luciana Lima. *A Igreja Católica em "tempos mundanos": A luta pela construção de uma Neocristandade em Teresina (1948-1960)*. 2008. 244 f. (Dissertação de Mestrado em História do Brasil). Centro de Ciências Humanas e Letras/ UFPI. Teresina.

PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima. *Guardai-vos dos falsos profetas: matrizes do discurso anticomunista católico (1935-1937)*. 2010. 156 f. (Dissertação de Mestrado em História e Cultura Política). Faculdade de História, Direito e Serviço Social/ UNESP. Franca.

SILVA, Edmilson B. da. *Comunistas e Anticomunistas: entre embates e representações no RN (1933-1947)*. 2013. 53 f. (Monografia de graduação em História). CERES/ UFRN. Caicó.

SILVA, Manuel da. *A Batalha da Serra do Doutor: a produção da identidade serra-negrense por meio do levante comunista de 1935*. 2013. 57 f. (Monografia de graduação em História) CCHLA/UFRN. Natal.

SILVA, Michelly C. da. *Cinema, propaganda e política: Hollywood e o Estado na construção de representações da União Soviética e do Comunismo em Missão em Moscou (1943) e Eu fui um comunista para o FBI (1951)*. 2013. 200 f. (Dissertação de Mestrado em História Social). FFLCH/ USP. São Paulo.

UHLE, Ana Rita. *Monumentos celebrativos: aproximações entre história e arte (São Paulo, 1925-1960)*. 2013. (Tese de Doutorado em História). UNICAMP. Campinas.

Sítios eletrônicos

www.cchla.ufrn.br/nehad

www.cpdoc.fgv.br

www.jacksondefigueiredo.blogspot.com.br

www.planalto.gov.br

www.academia.org.br

www.catequista.net

www.outroladodanoticia.wordpress.com

www.ibge.gov.br

www.pm.rn.gov.br

www.pt-br.olgabenario

www.bibliotecadigital.fgv.br

www.ensinofotecufrn.wordpress.com

www.teses.usp.br

www.diversitas.fflch.usp.br

www.pcdob.org.br

www.vermelho.org.br

www.vaticano.va
www.periodicos.capes.gov.br
www.renatoamadopeixoto.blogspot.com.br
www.scielo.br
www.revistaseletronicas.pucrs.br
www.histedbr.fae.unicamp.br
www.eeh2012.anpuh-rs.org.br
www.ifrn.br
www.ufpi.br/
www.oestenews.blogspot.com.br
www.fplf.org.br
www.nucleodememoria.vrac.puc-rio.br
www.tse.jus.br
www.unesp.br/portal#!/propg/banco-de-teses/
www.fe.unicamp.br/revistas/ged/index
www.dhnet.org.br
www.biblioteca.ibge.gov.br
www.repositorio.pucrs.br
www.http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais
www.ppphis.com/dissertacao/arquivos/Celio_Pedraca_Diss_UFMT_His.pdf
www.jornalismo.ufop.br/criticademidia/?p=606
www.repositorio.ufpe.br
www.cartamaior.com.br
www.issuu.com/revistabzzz/docs/bzzz-14-web
www.cultura.rn.gov.br/

Fontes

LEÃO XIII. *Rerum Novarum*. Disponível em: <http://www.vatican.va>.

PIO XI. *Divinis Redemptoris*. Disponível em: <http://www.vatican.va>.

Edições de *A Ordem* de 1935 a 1950

Cadernos Políticos de Caio Prado Júnior. Disponível em Arquivo IEB/ SP.

Edições de *A República* 1943

Edições de *A República* 1974

Edições de *A República* 1979

Edições de *A República* 1989

Processo de Tombamento da Casa do Estudante do RN (FJA)

Boletins Diários da PM/RN (1935)

Entrevistas

Almira Mata de Oliveira. Lajes Pintadas: 22/06/2014.

Antônio Basílio. Serra do Doutor: 21/06/2014.

Bruno Max de Brito. Natal: 29/10/2014.

Cel. Ângelo Mário de Azevedo Dantas. Natal: 28/11/2014.

Francisco Anominondas Filho. Campo Redondo: 12/05/2013.

Gilmar Dutra. Natal: 29/10/2014.

Jeferson Câmara Bezerra. Natal: 03/11/2014.

José Davi Martins. Natal: 29/10/2014.

José Jorge do Nascimento. Natal: 21/10/2014.

Maria Aparecida de Oliveira Vieira. Natal: 10/08/2014.

Pedro Luís da Silva. Natal: 21/10/2014.

Renato D'Lavosier A. Campelo. Lajes Pintadas: 04/10/2014.

Serafim do Nascimento Júnior. Natal: 15/11/2014.

ANEXOS

Homenagem a Luiz Gonzaga. Jornal *A Ordem*. Natal: 24/11/1937.

Homenagem da Força Publica ao soldado Luiz Gonzaga, morto na mashorca de 35

Transcorrendo hoje o 2.º aniversário da morte do soldado Luiz Gonzaga de Souza, da Força Publica Militar, victima da intentona comunista de 1935, quando heroicamente defendia o quartel daquela corporação, lhe serão prestadas grandes homenagens pelos seus companheiros de farda.

Haverá, ás 9 horas, uma ro-

maria ao Cemiterio do Alecrim, onde falará o dr. João Medeiros.

Pela manhã, será celebrada uma missa, na Cathedral, em acção de graças pelo fracasso do golpe vermelho no Brasil.

A essas cerimoniaes comparecerão autoridades militares, civis e ecclesiasticas.

O governador Raphael Fernandes estará presente ás mesmas.

Irmão José Vey
Missa do 30º dia

Reuniu-se a comissão do ante-projecto do código do

Fonte: Arquivo da Arquidiocese de Natal. Foto: Arquivo Pessoal.

Homenagens no Rio de Janeiro. Jornal *A Ordem*. Natal: 26/11/1938.

Em memoria dos que tombaram em defesa do Brasil

Expressivas homenagens serão prestadas no Rio

Rio, 25. — Transcorrendo no proximo domingo o aniversario do golpe comunista de 1935, serão prestadas, naquella cidade expressivas homenagens aos valerosos soldados que tombaram victimas do dever em defesa das instituições tradicionais do Brasil.

As demonstrações de saudade e de apreço a memoria dos bravos patriotas se iniciaram ás 9 horas da manhã, com uma romaria ao Cemiterio de São João Batista, na qual tomou parte representantes de todas as classes sociais.

Alli falarão os srs. Anibal Freire, consullar geral da Republica, general Valentim Benteo da Silva, e almirante Castro e Silva, estes dois ultimos como representantes do Exército e da Marinha de Guerra, respectivamente.

A' mesma hora, será realizada tam-

— em uma visita aos tumulos das outras victimas da rebelião comunista no Cemiterio de São Francisco Xavier, onde falará o major Afonso de Carvalho.

Estão sepultados no primeiro daquelles cemiterios os corpos dos seguintes militares: tenente coronel Mucio de Mentonca; majores João Ribeiro Pinheiro e Armando de Souza Melo; capitães Danilo Paladini e Gerardo Oliveira; 2º sargento José Bernardo da Rosa; 3º sargento Coriolano Ferreira Santiago e Abel R. dos Santos e 2ºs cabos José Hermito d. Sá, Alberto B. de Aragão e Clodoald Ursulano. No de São Francisco Xavier se encontram os tumulos do 1º cabo Luiz Augusto Pereira, dos 2ºs cabos Pedro Maria Neto, Mansel B. Agrela e Fideles B. de Aguiar, alem dos de seis praças de pret.

Giselia
Cirurg
Clinica
P
Consultas:
15 h
Consultorio:
1
TALHERES
SOURAS a
mos —
E. W. Luc
Esq. Trav
Dr. Abel
CLINIC
Especialidad
C

Fonte: Arquivo da Arquidiocese de Natal. Foto: Arquivo Pessoal.

Capa do jornal A Ordem. Natal: 26/11/1942.



Fonte: Arquivo da Arquidiocese de Natal. Foto: Arquivo Pessoal.

Capa do jornal A Ordem. Natal: 26/11/1941.



Fonte: Arquivo da Arquidiocese de Natal. Foto: Arquivo Pessoal.

Inauguração do rancho do quartel da PM/RN, celebrada por Dom Eugênio Sales, contando com a presença do governador Dinarte Mariz.



Fonte: Arquivo da PM/RN. **Foto:** Arquivo Pessoal.

Missa de inauguração do novo quartel da PM/RN, celebrada por Dom Marcolino Dantas em 30/05/1953.



Fonte: Arquivo da PM/RN. **Foto:** Arquivo Pessoal.

Boletim que registra a entrada de Luiz Gonzaga na PM/RN, em 31 de outubro de 1935.

Rdo. -17- *P. Julio*
Cont. do Bol. Reg. nº 3 --(31-10-935)
Civil -- OSORIO ALVES DE OLIVEIRA, filho de Luiz Antonio da Oliveira, nasceu em 1914, natural de Monte Alegre, deste Estado, casado, cor morena, cabelos castanhos, olhos castanhos, nariz afilado, bocca regular, usa barba e bigode raspados, rosto oval, analphabeto, vaccinado, sem signaes particulares, sem officio, sabe nadar, com 1 m. e 57 cts. de altura, o qual fica agg. á Cia. de Mtrs., com o nº 1067.

Civil -- EUTROPIO MARTINS, filho de Carlos Martins, nasceu em 1906, natural deste Estado, casado, cor branca, cabelos castanhos, olhos castanhos, nariz afilado, bocca regular, usa barba e bigode raspados, rosto comprido, sabe ler e escrever, vaccinado, sem signaes particulares, sem officio, sabe nadar, com 1 m. e 60 cts. de altura, o qual fica agg. á Cia. de Mtrs., com o nº 1074.
Civil -- LUIZ GONZAGA, filho de Manoel Gonzaga, nasceu em 1910, natural de Sant'Anna de Mattos, soldado, cor morena, cabelos castanhos, olhos castanhos, nariz afilado, bocca regular, usa barba, rosto oval, analphabeto, vaccinado, sem signaes particulares, sem officio, não sabe nadar, com 1 m. e 56 cts. de altura, o qual fica agg. á Cia. de Mtrs., com o nº 1075.

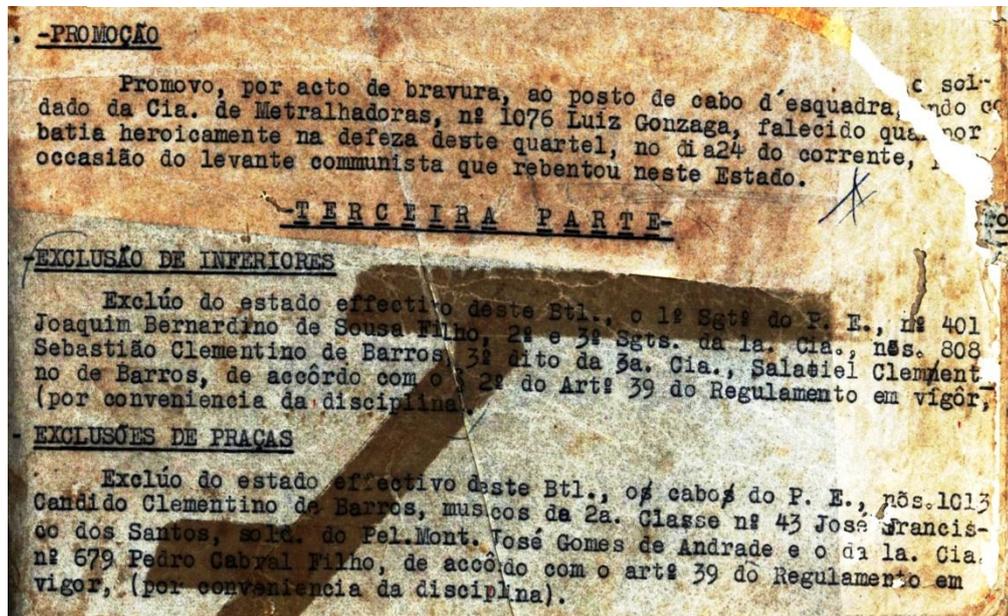
Fonte: Arquivo da PM/RN.

Boletim que registra o falecimento de Luiz Gonzaga.

Cont. do Bol. Reg. nº 2 --(29-11-935)
Luiz Medeiros, Antoni Gonçalves de Araújo Netto, Abel Alves de Oliveira, José Paulino da ~~Almeida~~ ^{Almeida}, José Paulo da Silva, Firmino Francisco de Mello, José Fernandes Sobrinho, Severino Barauna da Silva, Francisco Saraiva ~~Barauna~~ ^{Barauna}, Manoel Felix Ribeiro, Anisio Dantas de Vasconcellos, Joaquim Polycarpo Galhardo, Antonio Ananias Pereira, Antonio Rosendo Pires, João Baptista do Nascimento, José Ananias Pereira, e Antonio Gomes de Araújo ~~Barauna~~ ^{Barauna}.
-FALECIMENTO-
Faleceu quando, depois de esgotada a munição, sahia deste quartel, o bravo soldado da Cia. de Metralhadoras, 1076 Luiz Gonzaga, vítima de certos tiros do inimigo.
-FERIDOS-
Dentre os defensores deste quartel foram feridos o 1º ten. José Paulino de Medeiros, que soffreu amputação do braço esquerdo e 1º Sgt. Celso Amelmo Pinheiro e 3º dito Celso Dantas Netto, soldados Antonio Jociño, Antonio Gervasio, Joaquim Barbosa, Manoel Ignacio de Sousa, Manoel Soares da Silva e o cabo Severino Mendes.

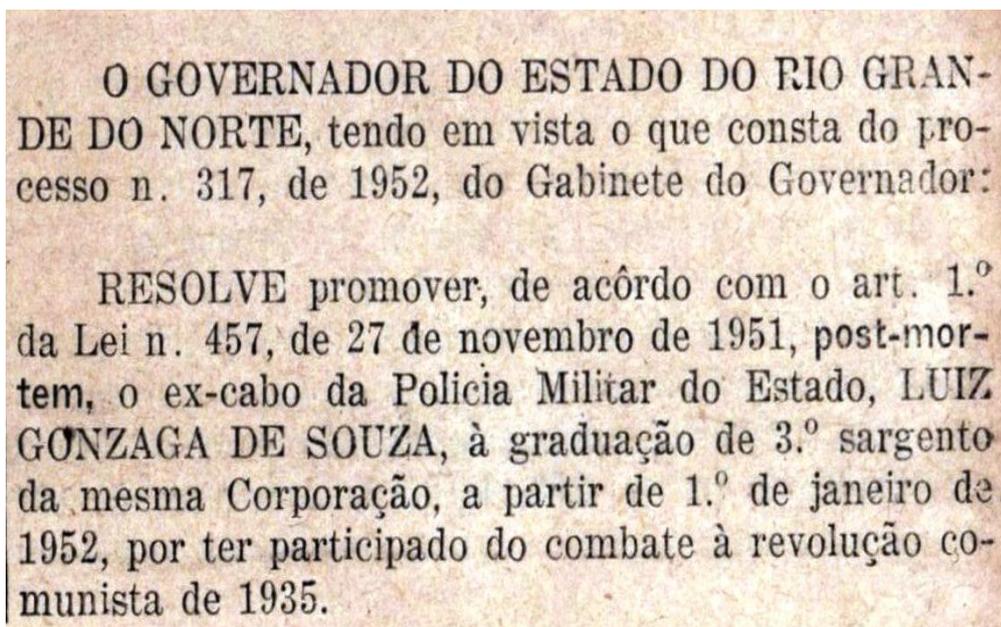
Fonte: Arquivo da PM/RN.

Boletim que registra a promoção a Cabo de Luiz Gonzaga.



Fonte: Arquivo da PM/RN.

Gonzaga é promovido a 3º Sargento.



Fonte: Arquivo da PM/RN.

Painel instalado em frente ao Quartel do Comando Geral da PM/RN.



Foto: Arquivo Pessoal.

Detalhe da cruz presente no painel.



Foto: Arquivo Pessoal.

Detalhe do ataque ao antigo quartel.



Foto: Arquivo Pessoal.

Canção da Polícia Militar do Rio Grande do Norte

Letra e Música: Ten. Cel. PM José Vitoriano de Medeiros

Nós somos os Pioneiros	Marchemos, na paz e na guerra.
Do litoral ao sertão	Neste garbo varonil
E somos também guerreiros	Defendamos nossa terra.
Do Estado e da Nação,	Para glória do Brasil!
Temos no peito a pujança	Se a Pátria for ultrajada
De combater a desordem.	Não nos afronta o perigo,
Defendendo a segurança	Vamos fazê-la vingada
E a garantia da ordem	Combatendo o inimigo,
(estribilho)	Nosso valor militar,
Marchemos, na paz e na guerra.	De guarda fiel do Estado
Neste garbo varonil	Saberemos conservar
Defendamos nossa terra.	O juramento sagrado.
Para glória do Brasil!	(estribilho)
Nossos peitos com vigor.	Marchemos, na paz e na guerra.
Afeitos à luta agreste;	Neste garbo varonil;
Traduzem nosso valor	Defendamos nossa terra
Neste rincão do Nordeste	Para glória do Brasil!
Somos contra o despotismo,	
Que traz a revolução;	
Infeliz do extremismo,	
Que rouba a paz da Nação!	
(estribilho)	

FICHAS UTILIZADAS NA PESQUISA DE CAMPO – CASA DO ESTUDANTE

Nome: _____ Idade: _____

Há quanto tempo mora na casa? _____

Sabe alguma coisa sobre a história do prédio? () Sim () Não

Que informação? _____

Através de que meio? _____

Nome: _____ Idade: _____

Há quanto tempo mora na casa? _____

Sabe alguma coisa sobre a história do prédio? () Sim () Não

Que informação? _____

Através de que meio? _____

Nome: _____ Idade: _____

Há quanto tempo mora na casa? _____

Sabe alguma coisa sobre a história do prédio? () Sim () Não

Que informação? _____

Através de que meio? _____

Nome: _____ Idade: _____

Há quanto tempo mora na casa? _____

Sabe alguma coisa sobre a história do prédio? () Sim () Não

Que informação? _____

Através de que meio? _____

Nome: _____ Idade: _____

Há quanto tempo mora na casa? _____

Sabe alguma coisa sobre a história do prédio? () Sim () Não

Que informação? _____

Através de que meio? _____

Nome: _____ Idade: _____

Há quanto tempo mora na casa? _____

Sabe alguma coisa sobre a história do prédio? () Sim () Não

Que informação? _____

Através de que meio? _____

FICHAS UTILIZADAS NA PESQUISA DE CAMPO – MARCO DA RESISTÊNCIA

Nome: _____ Idade: _____
Cidade: _____ Já ouviu falar sobre o marco? () SIM () NÃO
Através de que meio? _____
Já visitou o marco? () SIM () NÃO Quantas vezes? _____
Em que ocasiões? _____

Nome: _____ Idade: _____
Cidade: _____ Já ouviu falar sobre o marco? () SIM () NÃO
Através de que meio? _____
Já visitou o marco? () SIM () NÃO Quantas vezes? _____
Em que ocasiões? _____

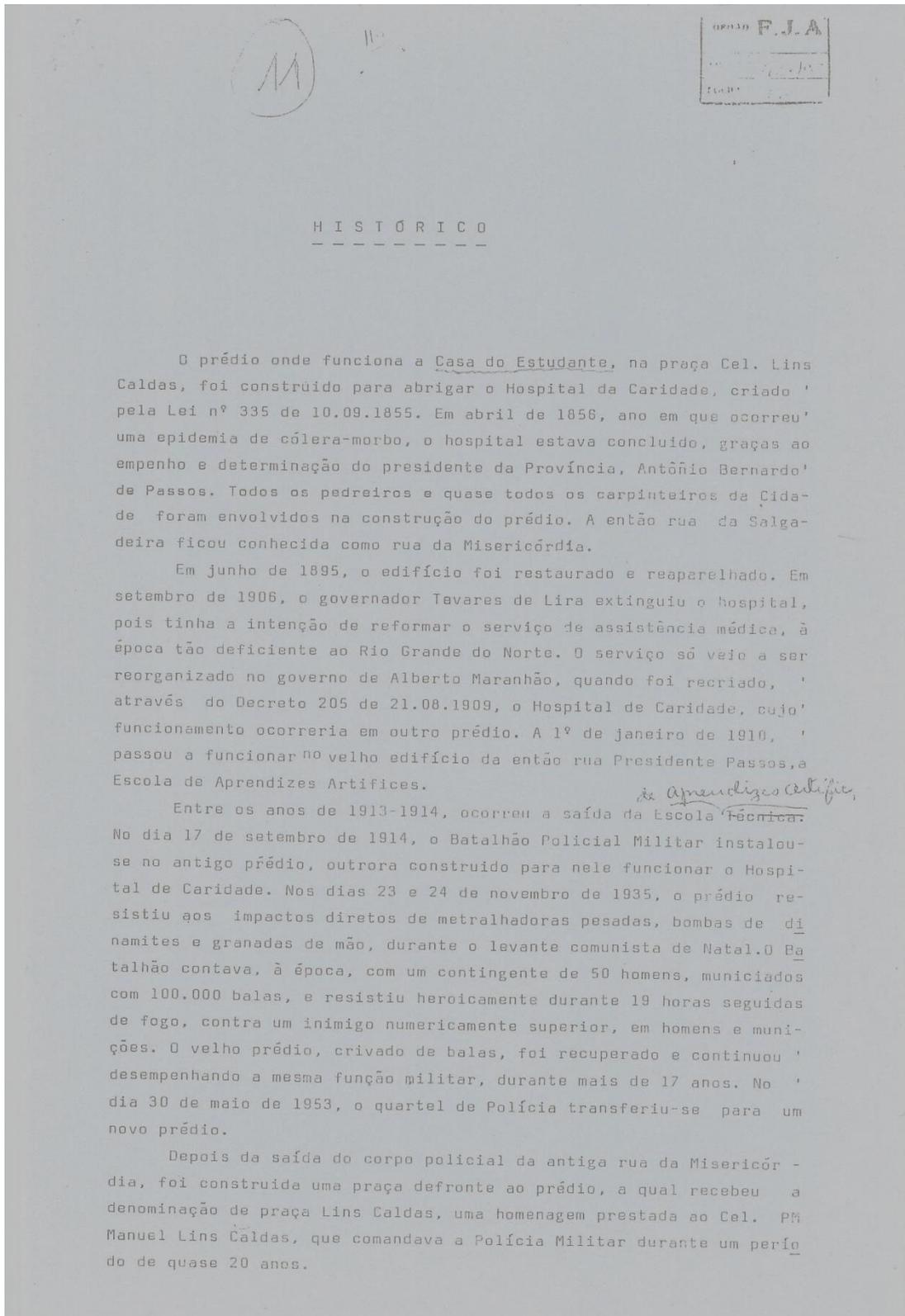
Nome: _____ Idade: _____
Cidade: _____ Já ouviu falar sobre o marco? () SIM () NÃO
Através de que meio? _____
Já visitou o marco? () SIM () NÃO Quantas vezes? _____
Em que ocasiões? _____

Nome: _____ Idade: _____
Cidade: _____ Já ouviu falar sobre o marco? () SIM () NÃO
Através de que meio? _____
Já visitou o marco? () SIM () NÃO Quantas vezes? _____
Em que ocasiões? _____

Nome: _____ Idade: _____
Cidade: _____ Já ouviu falar sobre o marco? () SIM () NÃO
Através de que meio? _____
Já visitou o marco? () SIM () NÃO Quantas vezes? _____
Em que ocasiões? _____

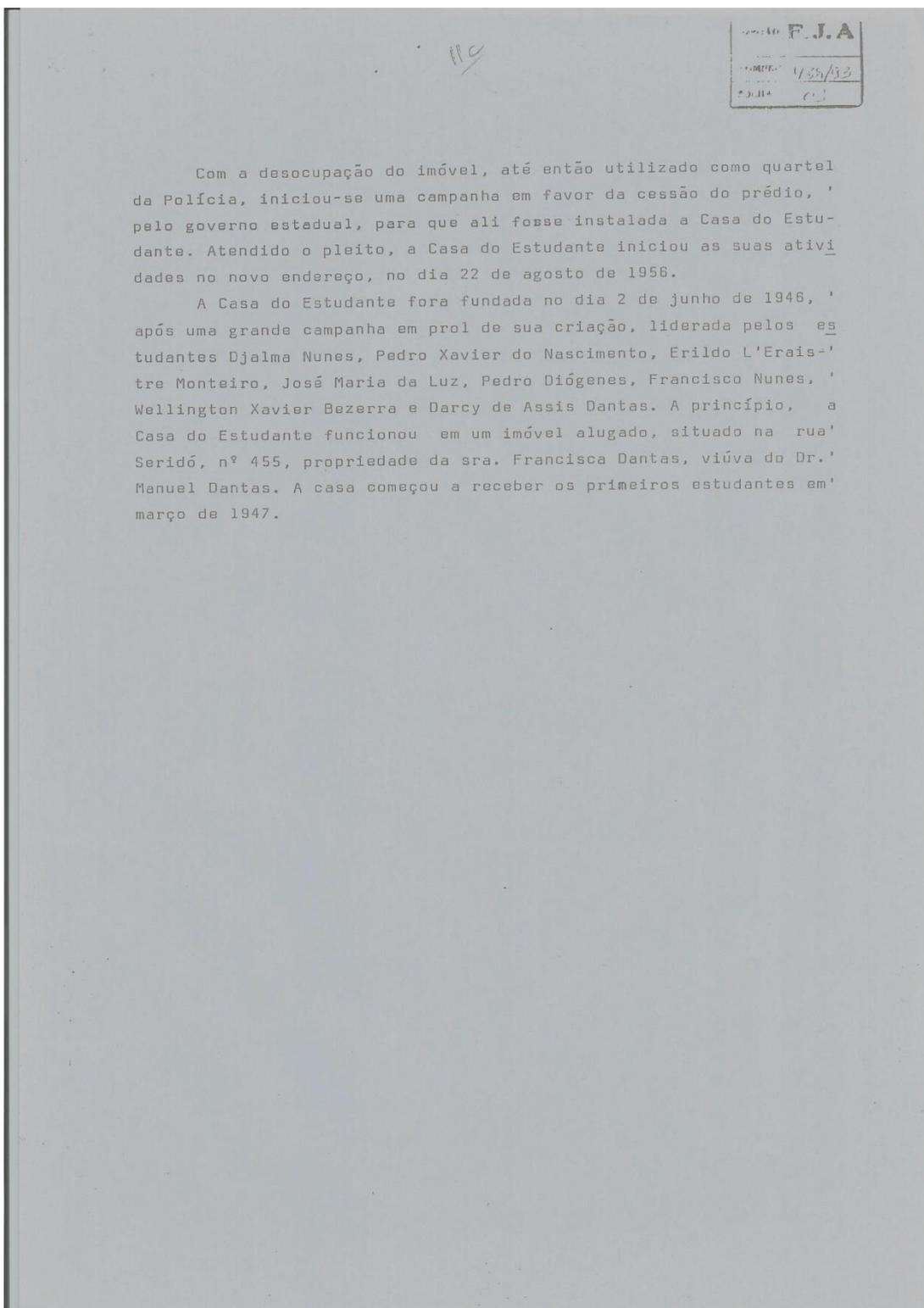
Nome: _____ Idade: _____
Cidade: _____ Já ouviu falar sobre o marco? () SIM () NÃO
Através de que meio? _____
Já visitou o marco? () SIM () NÃO Quantas vezes? _____
Em que ocasiões? _____

PROCESSO DE TOMBAMENTO DO PRÉDIO DO ANTIGO QUARTEL (ATUAL CERN)



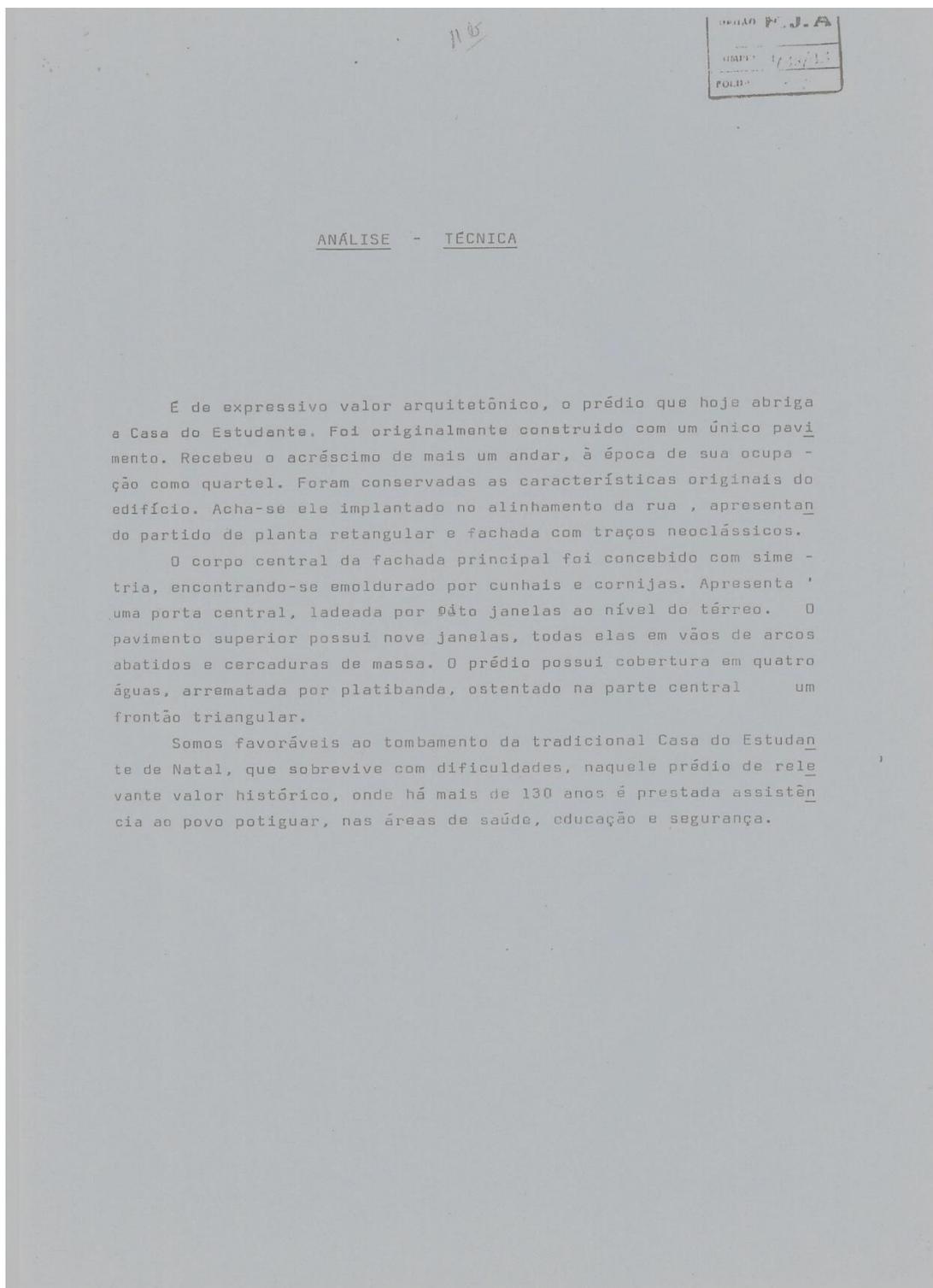
Fonte: CEDOC/ RN.

PROCESSO DE TOMBAMENTO DO PRÉDIO DO ANTIGO QUARTEL (ATUAL CERN)



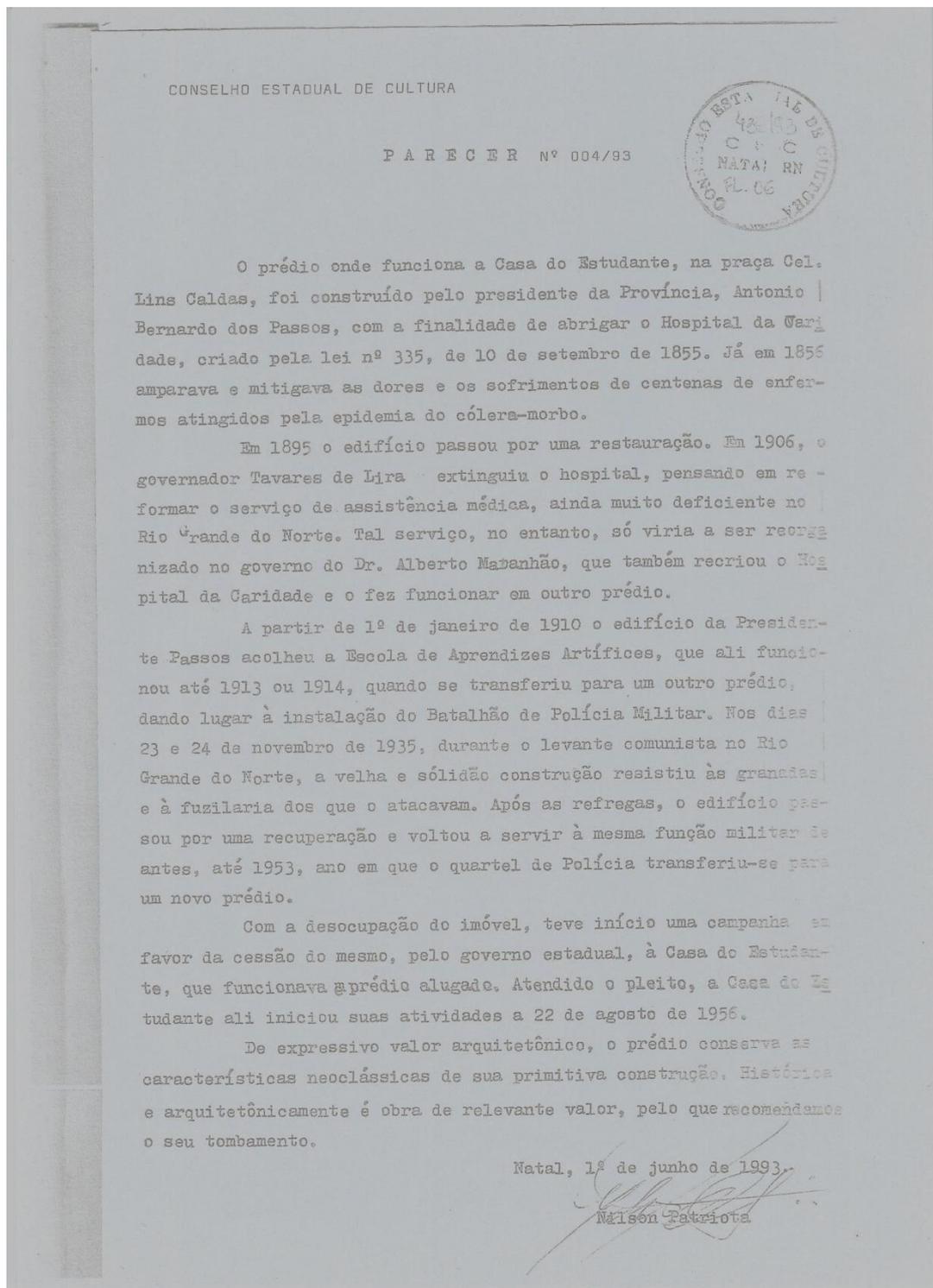
Fonte: CEDOC/ RN.

PROCESSO DE TOMBAMENTO DO PRÉDIO DO ANTIGO QUARTEL (ATUAL CERN)



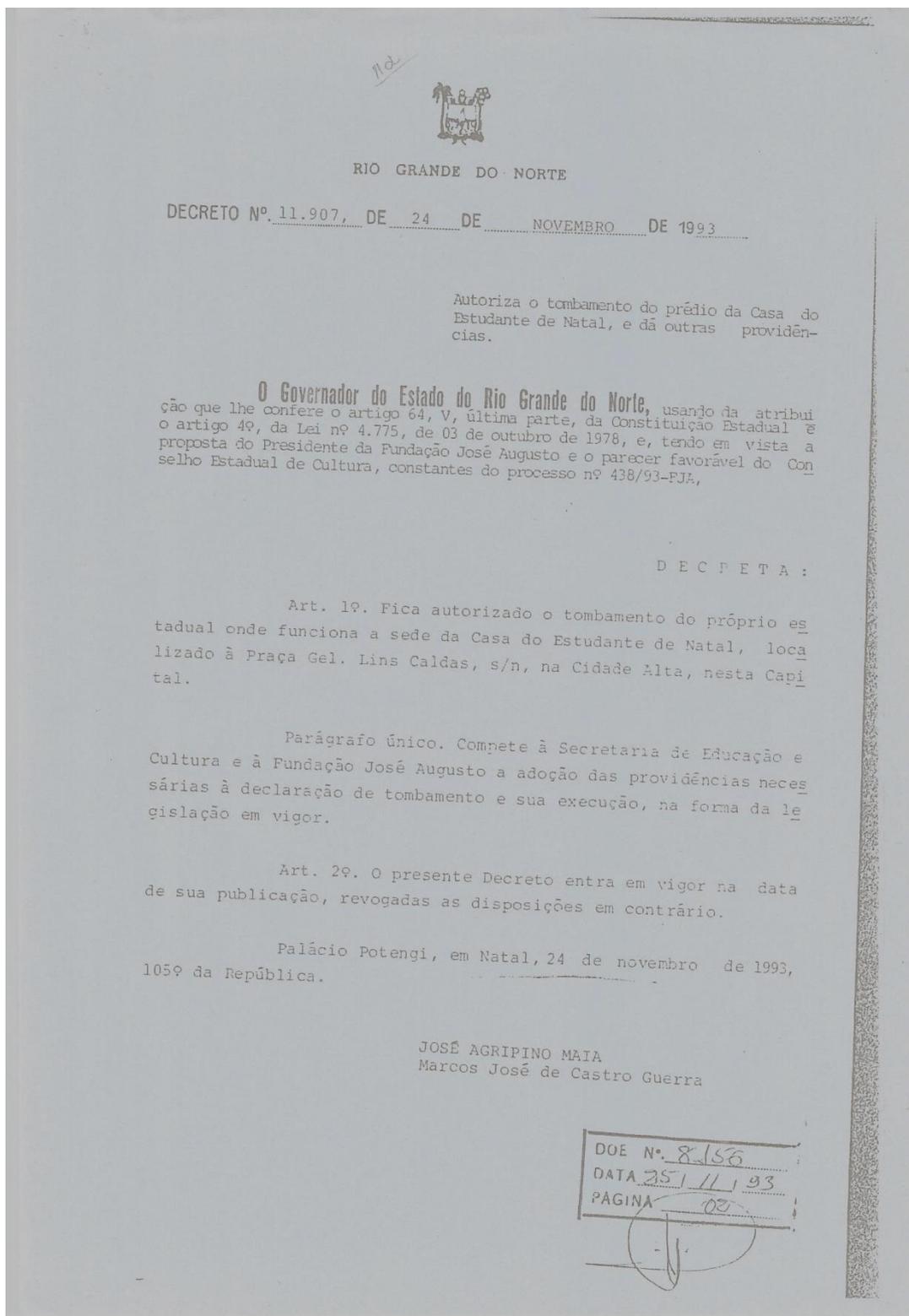
Fonte: CEDOC/ RN.

PROCESSO DE TOMBAMENTO DO PRÉDIO DO ANTIGO QUARTEL (ATUAL CERN)



Fonte: CEDOC/ RN.

PROCESSO DE TOMBAMENTO DO PRÉDIO DO ANTIGO QUARTEL (ATUAL CERN)



Fonte: CEDOC/ RN.